



64

OBRAS COMPLETAS





PARTE I

**SÃO LUÍS MARIA
GRIGNION DE MONTFORT**

ESCRITOR ESPIRITUAL







INTRODUÇÃO AO AMOR DA SABEDORIA ETERNA

P. Battista Cortinovis, smm

○ Manuscrito

Encadernado num só volume com *Le Secret admirable du très saint Rosaire*, no momento do envio dos escritos para Roma em vista da beatificação, o manuscrito do *L'Amour de la Sagesse Éternelle* recuperará a sua autonomia em 1957, graças aos monges basilianos de Grottaferrata.

A grafia deste manuscrito não é de São Luís Maria Grignon de Montfort. Como persistiam dúvidas sobre isto, uma perícia científica foi pedida a um técnico do ramo, Rocco Paceri.¹ Com documentos cuja autenticidade está acima de qualquer dúvida,² a 31 de maio de 1985 confiou-se a ele o manuscrito do ASE, pedindo-lhe que determinasse se o texto era da mão do Pe. de Montfort. O resultado da perícia clarificou que o manuscrito traz a grafia de quatro pessoas diferentes: a primeira cobre as páginas 1-134 (os nn. 1-211, 3 primeiras linhas); a segunda vai da página 135 a 146 (n. 211, 4ª linha até ao n. 227); a terceira apresenta um índice (páginas 148-149; a letra é do Pe. Besnard); a quarta reproduz textos que nada têm a ver com o ASE (Histórias de São Teófilo e de Santa Eufêmia; a letra é do Pe. Mulot). Portanto, nenhum texto foi redigido pelo Pe. de Montfort.

É interessante notar que o autor da grafia das páginas 135 a 146 é o da primeira parte do manuscrito do *Secret admirable du très saint Rosaire*.³ Nos seus estudos sobre os *Cantiques* do Pe. de Montfort, H. Frehen atribuiria esta grafia ao Pe. Vatel.⁴

Assunto da obra

Esta obra trata, como o título o indica claramente, do Amor perfeitamente gratuito que a Sabedoria eterna manifesta por nós, antes e depois da

1. Perito gráfico e especialista em pesquisas técnicas junto aos cartórios ou instâncias judiciais desde 1961; de 1966 a 1983, professor no Instituto de Medicina legal da Universidade de Roma; diretor da Polícia científica de 1967 a 1973; diretor do Instituto superior de Polícia de 1973 a 1983.

2. Ex.: assinaturas autênticas de Luís Grignon, *Traité de la vraie Dévotion*, etc.

3. Ver os detalhes relativos a este manuscrito.

4. Cf. *Etudes sur les Cantiques du Père de Montfort, leur "Sitz im Leben", leur développement et leur fixation écrite*, p. 123 e ss.





sua Encarnação, e do amor que devemos ter para com a Sabedoria eterna e encarnada. Para amá-la é preciso conhecê-la; para possuí-la, é preciso buscá-la e desejá-la. Montfort indica e explana quatro meios próprios para a “busca da Sabedoria”.

O autor rejeita primeiramente as falsas sabedorias, depois reconhece, de passagem, que existe uma sabedoria humana natural, mas não se detém aí; declara enfim que a Sabedoria de que trata é “a Sabedoria substancial e incriada... o Filho de Deus, a Segunda Pessoa da Sma. Trindade; em outras palavras a Sabedoria eterna na eternidade, ou Jesus Cristo no tempo. É propriamente desta Sabedoria eterna que vamos falar” (ASE 13). É a única Sabedoria digna de ser procurada e amada; mas para amá-la é mister conhecê-la. Assim o santo missionário fará o povo cantar num dos seus cânticos: “Fazei-me conhecer-vos bem – E depois vos amarei”.⁵

Montfort assume pois a obrigação de tornar conhecida a Sabedoria para fazê-la desejar e amar. Expõe o que a Sabedoria eterna é em si mesma, o que ela fez e continua a fazer por nós... depois como a Sabedoria *encarnada* exprime o seu amor pela humanidade, por cada pessoa desta humanidade pecadora; mostra, a seguir, qual deve ser a nossa resposta às provas de amor da Sabedoria.

Para possuir esta Sabedoria, propõe quatro meios: desejo ardente, oração contínua, mortificação universal, e uma terna e verdadeira devoção à Sma. Virgem. Este último é “o maior dos meios e o mais maravilhoso dos segredos para adquirir e conservar a divina Sabedoria” (ASE 203).⁶ Trata-se da “Consagração de si mesmo a Jesus Cristo, a Sabedoria encarnada, pelas mãos de Maria” (Cf. ASE 223-227);⁷ ou seja: a perfeita renovação dos votos ou promessas do santo batismo (Cf. VD 120).

5. Cf. 141, *Invocation du Saint-Esprit*, estr. 12.

6. O santo missionário explicará amplamente cada um destes quatro meios nas suas pregações e escritos no decurso da sua vida apostólica:

Desejo: ver os seus cânticos sobre a Sabedoria, Cf. 54, 103, 112, 124, 125, 126.

Oração: Montfort foi um verdadeiro mestre da meditação, na direção das almas, com o seu exemplo, em seus escritos. Cf. a *Lettre aux habitants de Montbernage, Pèlerinage de N.-D. De Saumur*, numerosos *Cantiques*: Cf. 5, estr. 46; 15, estr. 28, 30-33, 39; 79, estr. 5; 80, estr.10; 82, estr. 7.

Mortificação: Cf. AC; Cânt. 19, 102; e o exemplo da sua vida.

Maria: Cf. VD, SM, Cânticos sobre a Sma. Virgem, Orações a Jesus e a Maria, etc.

7. A respeito da *consagração monfortina*, ver um estudo do Pe. Guéry sobre a comparação dos textos do Pe. Nepveu, S.J. em *Documentation Montfortaine*, n° 32, (1963), p. 21-27.





No próprio título da obra entrevemos já o encontro de dois amores, o amplexo de dois amantes, a alegria antecipada da beatitude celeste. Na sua infinita misericórdia, a Sabedoria eterna e encarnada procura a amizade do homem, comunica-se a ele, segundo uma incalculável gama de possíveis realizações, desde o ardente apelo do pecador até à inefável fusão do matrimônio místico.⁸

O Pe. H. Huré, superior geral, não receia afirmar: “*O Amour de la Sagesse Éternelle* é um livro capital. É ele e só ele que nos oferece, no seu conjunto, a espiritualidade monfortina, e que pode mesmo dar uma ideia mais exata e mais compreensível da *Vraie dévotion à Marie*.”⁹ Por sua vez, o Pe. Poupon escreve: “Obra primordial em que Montfort expõe o eixo do seu pensamento, que bebe na fonte dos livros sapienciais e das epístolas paulinas.”¹⁰ E o Pe. V. Devy: “O Amor da Sabedoria eterna é capital para compreender não somente a doutrina, mas a vida de São Luís Maria. Ele ensinou o que experimentou, e através dos capítulos, pode-se ler a história da sua alma... Pela vida interior da qual é uma testemunha, e pela sublimidade das ideias, permanece a obra central do missionário, embora o *Traité de la vraie dévotion* tenha obtido maior difusão”.¹¹

Montfort não é nem autor sagrado, nem exegeta, nem mesmo teólogo de profissão ou por ofício. O seu *Amour de la Sagesse Éternelle* é uma obra espiritual, um tratado sobre a união da alma a Jesus, Sabedoria eterna e encarnada. O jovem Luís Maria Grignon utiliza os textos sapienciais, que, segundo a interpretação dos Santos Padres, ou segundo a exegese então em voga, podem apoiar as suas afirmações. Conforme o caminho traçado pelo próprio São Paulo, faz uma leitura cristã dos textos do Antigo Testamento; o que é perfeitamente ortodoxo. Com efeito, “lidos a partir de Jesus Cristo, os textos

8. Cf. ASE 54, 70, 125. Montfort conheceu o livro de Martène, *La vie du Vénérable Père Dom Claude Martin*, (Tours, 1697)? As relações de Dom Claude e seu matrimônio místico com a Sabedoria eterna apresentam notáveis semelhanças com o *L'Amour de la Sagesse Éternelle* de São Luís Maria. Cf. Bremond, *Histoire du Sentiment religieux en France*, vol. VI, particularmente p. 95 e ss. Note-se que as *Maximes spirituelles* de Dom Claude Martin, publicadas em Rouen em 1698, estavam na biblioteca do seminário de St-Sulpice quando Luís Grignon era seminarista.

9. Cf. *L'Amour de la Sagesse Éternelle*, edição de 1929, Prefácio, p. II.

10. Cf. *Poème de la parfaite consécration à Marie*, Lyon, 1947, p. 9. Ver também o opúsculo do Pe. Dayet: *La Sagesse chez le Bienheureux Louis-Marie de Montfort*, St-Laurent-sur-Sèvre, 1944, p. 84; e J.-P. Prévost, *Amour de la Sagesse éternelle*, DSM, p. 47-62.

11. *Saint Louis-Marie Grignon de Montfort, le dernier des grands béruilliens*, em *Revue de l'Université d'Ottawa*, julho-setembro de 1948.





adquirem as suas dimensões definitivas. Vê-se com clareza quais aspectos do mistério da salvação aí se encontram esboçados sob formulações tateantes e imperfeitas; pode-se, assim, fazer aparecer aí, na sua integralidade, um objeto que eles sem dúvida visavam de um certo modo, mas que ultrapassava, necessariamente, os seus enunciados conceituais.”¹² Método legítimo e inteligentemente aplicado por Montfort: “Para uma utilização correta dos textos relativos à Sabedoria, pode-se referir aos livros do Bem-aventurado Suso, *Le livre de la Sagesse Éternelle*, e de São Luís Maria Grignon de Montfort, *L’amour de la Sagesse Éternelle...*”.¹³ Montfort procura e expõe o sentido pleno, permitindo-se às vezes uma acomodação, sempre teologicamente fundada.¹⁴

O que é preciso buscar, pois, no ASE, não é um trabalho de exegese, nem um trabalho sistemático de teologia, mas uma exposição da vida de união mística com Jesus, Sabedoria eterna e encarnada; exposição essa que não despreza nem ignora, certamente, o estudo teológico, mas que brota, como de uma fonte inalterável, duma experiência de fé profunda, confirmando a teoria, e duma experiência de sabedoria como *sapida scientia*, que antecipa a visão.

Privilegiado da graça, Montfort soube responder amorosa e heroicamente às intimidades da divina Sabedoria. O doce fervor da sua mãe, o ambiente do lar paterno, o orientam firmemente para Deus e para a Ssma. Virgem, ajudando-o a tomar consciência das obrigações assumidas no batismo. Os seus estudos em Rennes lançam-no nos braços de verdadeiros santos, que continuam a modelar a sua alma generosa: Bernier, Descartes, Prévost, Gilbert, etc. Com eles já encontra a Sabedoria em Saint-Jure e na vida. Saint-Sulpice, enfim, permite-lhe fundar doutrinalmente a sua incondicional retidão, preparando assim o seu futuro apostolado. A cruz o cinzela, mesmo se a Ssma. Virgem suaviza as suas pontas aguçadas. A Sabedoria o invade e ele não pode

12. P. Grelot, *La bible Parole de Dieu*, Desclée, 1965, p. 332.

13. Cf. o.c., p. 372, nota 2; M. Gilbert, *L’Exégèse spirituelle de Montfort*, em *Nouvelle Revue Théologique*, 1982, p. 678-691.

14. Cf. P. Grelot, o.c., p. 368 e ss.; A. Valentini: “*L’Antico Testamento rivela il suo senso profondo, solo se letto in chiave cristologica: i testi antichi infatti “descrivono la storia della salvezza, nella quale lentamente viene preparandosi la venuta di Cristo nel mondo (LG 55). La lettura cristologica praticata dalle comunità primitive è lettura ecclesiale, approccio autentico alle Scritture*”. Maria negli studi biblici del XX secolo (*Theotokos*, ano I, n. 1, p. 86).





deixar de gritar a sua felicidade, comunicando a sua alegria, abrindo aos seus irmãos as riquezas do tesouro que o habita (Cf. ASE 94-97). Não pode senão clamar: “A Sabedoria existe, eu a encontrei; o Amor existe, eu o provei; vinde todos beber das doçuras de Jesus; Jesus é meu Amor, Jesus é minha riqueza”.

A Sabedoria é Jesus, é o Verbo eterno encarnado no seio de Maria e morto no Calvário pela nossa salvação. Montfort não é o primeiro a identificar assim o Verbo e a Sabedoria. A tradição cristã não faz isto já desde São Justino? Por outro lado, a liturgia não testemunha isto? Mais ainda, conforme certos exegetas, a própria Bíblia estabeleceria ou sugeriria uma tal identificação: Cl 1, 15-15 e Hb 1, 3 parecem referir-se principalmente a Sb 7, 25-26; Jo 1 recorda a Sabedoria “artesã de todas as coisas” (Sb 7, 21); ver também Mt 12, 42 e Lc 11, 32).¹⁵ É realmente, segundo a bela expressão de Orígenes, a clareza do Novo Testamento, que faz “branquear os campos das Escrituras para a messe”.¹⁶

A fonte principal do ASE é sem dúvida o livro de J.-B. Saint-Jure, *De la connaissance et de l'amour du Fils de Dieu Nostre Seigneur Jésus-Christ*, cuja décima segunda edição tinha sido publicada em Paris em 1688, ao passo que a primeira era de 1633. *Les principaux oracles de la Sagesse* (Cf. ASE 123 e ss) são tomados, quase totalmente, de uma obra de A. Bonnefons.¹⁷ Quanto ao bem-aventurado Henrique Suso, que Montfort cita (ASE 100, 102, 132), não parece que a obra do dominicano *Horologium Sapientiae* tenha influenciado o ASE.

Paternidade da obra

Nenhuma dúvida existe quanto à paternidade da obra. Os sucessores de Montfort jamais hesitaram a este respeito e, quando do processo de beatificação, o manuscrito que possuímos foi uma das obras submetidas a Roma como escrito do Venerável Servo de Deus. Aliás, a crítica interna demonstra

15. Cf. no entanto J.-N. Aletti, *Le Christ et la sagesse dans les textes du Nouveau Testament* em *Cahiers Évangile*, n. 32, p. 45-73. Cf. também A. Feuillet, *Le Christ Sagesse de Dieu, d'après les épîtres pauliniennes*, Paris, 1966; P. Bonnard, *La Sagesse en personne, annoncée et venue: Jésus Christ*, Paris, 1966; E. Johnson, *Jesus, the Wisdom of God, A Biblical Basis for non-androcentric Christology*, em *Ephemerides theologiae Lovanienses*, Dez. 1985, p. 261-293.

16. *Comm. Joh.*, XIII, 46; citado em J. Daniélou, *Dieu et nous*, Paris, Grasset, 1956, p. 150.

17. Cf. Balmfort, *Des "Oracles" de la Sagesse Incarnée (Montfort-Bonnefons)*, em *Documentation Montfortaine*, n. 36 (1964), p. 129-135.





claramente que, no ASE, os temas caros ao Pe. de Montfort retornam continuamente: temas que se encontram nos *Cantiques*, no *Traité*, no *Secret de Marie*, na *Lettre aux Amis de la Croix*, nos *Sermons*, nas *Lettres*, etc. Um texto de Blain parece confirmar esta afirmação. Falando do Pe. Leschassier, eis o que escreve: “Ele julgava sem dúvida que o Sr. Grignon tinha chegado a um sublime [grau] de união com Jesus Cristo, pois, pouco antes ou pouco depois da sua ordenação, não me lembro bem, encarregou-o de escrever sobre este assunto. O Sr. Grignon, que se abria facilmente comigo a respeito de tudo, fez-me então esta confidência e prometeu-me este escrito, mas, seja que sua humildade o repreendeu por isso, seja que a obediência não lho permitiu, eu jamais pude tê-lo.”¹⁸ Um livro sobre a *union avec Jésus-Christ*, não é o assunto do ASE?

O manuscrito original desapareceu. Baseando-se numa carta de Montfort à irmã Maria Luísa Trichet, alguns lançaram a hipótese de que o santo missionário teria enviado o original à comunidade das Filhas da Sabedoria de La Rochelle.¹⁹

Data de composição

Provavelmente jamais saberemos a data precisa de composição do *L'Amour de la Sagesse éternelle*. Foram propostas diversas hipóteses, que variam entre os anos 1700 e 1713. A opinião mais corrente parece ser a que fala do fim de 1703, ou começo de 1704, quando Montfort reside em Paris, na rua do Pot-de-Fer, depois entre os eremitas do Mont Valérien; data que poderia, a rigor, alinhar-se com a afirmação de Blain acima citada: “pouco antes ou pouco depois da sua ordenação”.

Destinatários

Possuído pela Sabedoria, Montfort não pode calar-se. Quer “que todos quantos o ouvirem sejam inflamados dum novo desejo de vos amar e de vos possuir no tempo e na eternidade” (ASE 2). Mas a quem se dirige? Quem é

18. Blain, p. 105.

19. Cf. C 32: “Eis aí um livro feito para vós que vos envio. Lede-o em público e em particular. Eu vos digo o que ele vos diz.”





este “caro leitor” ao qual confia não querer misturar a fraqueza da sua linguagem “com a autoridade das palavras do Espírito Santo” (ASE 5)? Quer “explicar simplesmente o que é a Sabedoria” (ASE 7), mas parece primeiro falar sobretudo aos “grandes do mundo”, aos “sábios mundanos” (Cf. ASE 3, 6, 178). Na realidade, é a todos que ele pretende proclamar a grandeza, a beleza, a doçura e os atrativos da verdadeira Sabedoria (Cf. ASE 14, 74, 179, 199), sem excluir ninguém, nem mesmo os maiores pecadores (Cf. ASE 70).

Mas por que sublinha ele primeiramente esta advertência da Sabedoria aos grandes deste mundo? Por oito anos Luís Grignon viveu em Paris, onde reside a corte de Luís XIV. Mora na paróquia de Saint-Sulpice, onde “os maiores do século habitam”, diz M. Olier nas suas *Mémoires* autografadas.²⁰ Com efeito, “depois que os nossos reis tinham estabelecido a sua residência no Louvre, os Senhores da corte e os maiores do reino tinham mandado construir para si palácios no bairro Saint-Germain” e este bairro Saint-Germain constituía a maior parte da paróquia de Saint-Sulpice.²¹ M. Olier tinha muito trabalho com os seus grandes: “O esquecimento da religião era tal entre eles, que não havia um palácio, nem uma grande casa [...] onde o pai e a mãe ensinassem aos seus filhos a conhecer Jesus Cristo e os seus mistérios. Os príncipes de sangue, paroquianos de Saint-Sulpice, também tinham sofrido por demais a influência dos escândalos que a corte tinha dado durante os reinados precedentes”.²²

Durante a sua estadia em Paris, Luís Grignon teve muitas vezes ocasião de encontrar os grandes do século. Pensionista na comunidade do Pe. De la Barmondière, ele vai, duas ou três vezes por semana, velar os mortos da paróquia de Saint-Sulpice.²³ O catecismo que ele ensina às crianças e o serviço regular à paróquia, colocam-no em contato contínuo com todas as classes da sociedade. Todos esses grandes se gloriam de ser os *sábios* deste século cheio de *sabedoria*. Formado segundo as diretrizes de M. Olier, Luís Grignon quer curar a cabeça da sociedade a fim de mudar a própria sociedade.²⁴ Dirigindo-se aos pecadores, não pode evidentemente excluir esta categoria dos *grandes*:

20. Cf. Faillon, *Vie de Monsieur Olier*, 4ª edição, Paris, 1873, t. I, p. 453.

21. Cf. Idem, *o.c.*, t. II, p. 10-11. Ver também os capítulos 6, 7, 8 dos *Caractères*, de La Bruyère: *De la ville, De la cour, Des grands*.

22. Cf. *o.c.*, p. 10.

23. Cf. Blain, p. 27.

24. Cf. Grandet, p. 15; Faillon, *o.c.*, t. I, p. 471, nota 6.

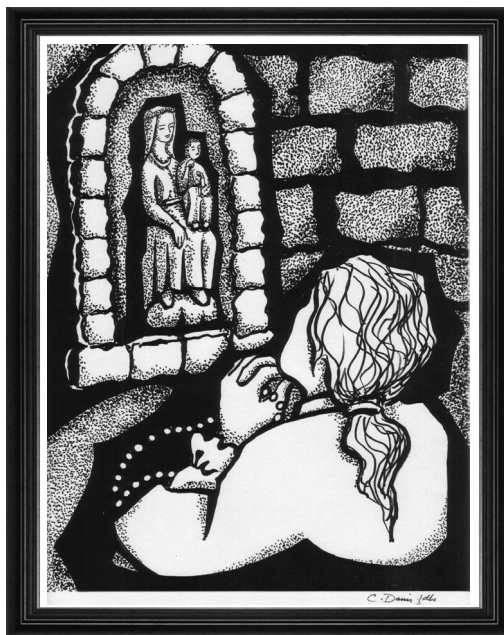




“A influência deles é preponderante para o bem e para o mal; é portanto fazer uma obra eminentemente útil reconduzi-los a uma conduta mais moral. Quanto aos homens de condição inferior, aceitarão com maior boa vontade lições que se ousou fazer ressoar aos ouvidos dos reis” (Cf. ASE 70).²⁵

Edições

A primeira edição foi publicada em Paris, por Gaume, em 1856. Uma segunda, por Oudin (Paris-Poitiers), em 1896. Infelizmente essas edições não respeitam fielmente o texto. Por isso, o Pe. Huré pôde afirmar, na edição typo de 1929: “Pela primeira vez, o texto deste tratado magistral do Bem-aventurado de Montfort, é publicado exatamente conforme o manuscrito; apenas a ortografia, sempre defeituosa nos escritos desta época, foi restabelecida.”²⁶ Depois, as edições multiplicam-se.



25. Cf. Lesêtre, *Commentaire sur le Livre de la Sagesse*, Lethielleux, p. 16.

26. C. cit., p. I.





O AMOR DA SABEDORIA ETERNA

INTRODUÇÃO

I. ORAÇÃO À SABEDORIA ETERNA

1. Ó Sabedoria divina, rainha do céu e da terra! Prostrado humildemente diante de vós, peço-vos perdão da minha ousadia em vir falar das vossas grandezas, sendo eu tão ignorante e pecador.

Peço-vos que não leveis em conta as trevas do meu espírito nem a impureza de meus lábios; e, se porventura olhardes para elas, que seja para as destruídes com o olhar dos vossos olhos e com o sopro dos vossos lábios.

Tendes em vós tantas belezas e doçuras, preservastes-me de tantos males e cumulastes-me de tantos benefícios e, apesar disso, continuais a ser tão desconhecida e desprezada!

Como poderei eu ficar calado?

Sim, não apenas o sentimento de justiça e de gratidão me impelem a falar de vós, mas também o meu próprio interesse, ainda que não consiga senão balbuciar como uma criança. Não faço senão balbuciar, é verdade, precisamente porque sou uma criança e, balbuciando, quero aprender a falar corretamente quando vier a alcançar a plenitude da vossa idade.¹

1. Cf. Ef 4, 13. Toda esta oração parece inspirada pelo texto de Isaías sobre a vocação do profeta, e de Jeremias 1,6.





2. Admito que poderá parecer não haver nem lógica nem ordem naquilo que escrevo; mas eu tenho um desejo ardente de possuir-vos e, como Salomão, procuro por toda a parte encontrar-vos, numa grande pressa sem método.

Se me empenho a tornar-vos conhecida neste mundo, é porque vós mesma prometestes dar a vida eterna a quantos vos enaltecereis e vos tornareis conhecida.

Aceitai, pois, minha amável princesa, os meus balbuciantes, como se fossem eloquentes discursos; aceitai os traços da minha pena como outros tantos passos que eu dou para vos encontrar.

E, do alto do vosso trono, enviai tantas bênçãos e luzes sobre tudo quanto me proponho fazer e dizer de vós, que todos quantos vierem a ouvi-lo, venham a sentir-se inflamados por um desejo renovado de vos amar e de vos possuir no tempo e na eternidade.

II. AVISOS DA DIVINA SABEDORIA AOS PRÍNCIPES E AOS PODEROSOS DA TERRA (Sab. Cap. 6)

3. A Sabedoria vale mais que a força e o homem prudente vale mais do que o corajoso.²

- 1) Escutai, ó reis, e procurai compreender;
instruí-vos, ó governantes de todo o universo.
- 2) Prestai atenção, vós que dominais os povos
e vos orgulhais pelo grande número dos vossos súditos.

2. A versão latina citada por Montfort inicia o capítulo com este acréscimo, que talvez seja um título.





- 3) A soberania provém do Senhor; e o vosso poder do Altíssimo, que pedirá contas das vossas obras e prescreverá as vossas intenções;
- 4) Se, pois, apesar de serdes ministros do seu reino, não governastes retamente, não observastes a lei, nem vos comportastes em conformidade com a vontade de Deus.
- 5) Ele vai erguer-se contra vós, terrível e de forma repentina. Serão julgados com extremo rigor aqueles que governam os outros.
- 6) O pequeno é merecedor de compaixão, mas os poderosos serão examinados com rigor.
- 7) Aquele que é o Senhor do universo não se afasta de ninguém; não se deixará impor pela grandeza, porque foi ele quem criou o pequeno e o grande e preocupa-se por igual com todos.
- 8) Mas aos poderosos reserva um julgamento rigoroso.
- 9) Por isso, a vós, ó soberanos, se dirigem as minhas palavras, para que aprendais a conhecer a Sabedoria e não venhais a pecar.
- 10) Quem cumpre santamente as coisas santas será santificado e quem nelas vier a instruir-se encontrará quem o defenda.
- 11) Desejai, pois, as minhas palavras; suspirai por elas e sereis instruídos.



**4.**

- 12) A Sabedoria é radiante e indefetível;
é facilmente contemplada por quem a ama e encontrada
por quem a procura.
- 13) Ela mesma se dá a conhecer aos que a desejam.
- 14) Quem por ela madruga não se cansa: a encontrará
sentada à sua porta.
- 15) Meditá-la é sabedoria perfeita; quem vigia por ela
depressa será aliviado de preocupações.
- 16) Ela própria irá à procura, em toda a parte, de quantos
forem dignos dela;
aparece-lhes bondosamente pelos caminhos e vai ao
seu encontro, com toda a benevolência.
- 17) O seu princípio, muito sincero, é o desejo autêntico
de instrução; preocupar-se por conhecê-la é amá-la;
- 18) O amor é o cumprimento das suas leis;
o respeito pelas suas leis é garantia de imortalidade.
- 19) A imortalidade faz com que se esteja junto a Deus.
- 20) Daí que o desejo da Sabedoria conduz à realeza.





21) Por isso, ó soberanos dos povos, já que tendes gosto por tronos e por cetros, amai a Sabedoria e reinareis para sempre.
(Amái a luz da Sabedoria todos vós que estais à frente dos povos).³

22) Vou revelar-vos o que é a Sabedoria e qual a sua origem: não vou esconder seus segredos.
Vou-me reportar ao início da criação, dando-a a conhecer claramente, sem me afastar da verdade.

23) Vou manter-me afastado da inveja que corrói,
já que essa, nada tem em comum com a Sabedoria.

24) A salvação do mundo está no grande número de sábios;
um rei sábio é a salvação de um povo.

25) Deixai-vos, pois, instruir pelas minhas palavras
e tirareis delas grande proveito.

III. CONSIDERAÇÕES DO AUTOR

5. Eu não quis, prezado leitor, misturar a fraqueza da minha linguagem com a autoridade das palavras do Espírito Santo; mas seja-me permitido que faça algumas considerações:

1^a) A Sabedoria eterna é doce, simples e atraente e, ao mesmo tempo, ela é brilhante, excelente e sublime. Convoca os homens para lhes ensinar o método de serem felizes: vai à procura

3. Vários manuscritos, em latim, acrescentam este versículo suplementar; é uma anotação marginal ou uma repetição.





deles, sorri-lhes, cumula-os de mil benefícios e previne-os de mil e uma maneiras; chega, até mesmo, a sentar-se à soleira das suas casas, à sua espera, dando-lhes assim a prova de amizade verdadeira. Será possível ter-se coração e recusá-lo a essa doce conquistadora?

6. 2^a) Quão infelizes serão os poderosos e os ricos, se não amarem a Sabedoria! As palavras que ela lhes dirige são impressionantes e inexplicáveis na nossa linguagem.

“Terrível e repentinamente,
Deus irá erguer-se contra vós,
já que um julgamento implacável se fará
contra aqueles que estão em altos cargos.
... Os poderosos serão julgados com rigor.
... Aos poderosos reserva um julgamento
severo”.⁴

Acrescentemos ainda outras palavras ditas ou mandadas dizer pela Sabedoria após a Encarnação:

“Ai de vós, ó ricos...”⁵ É mais fácil fazer passar um camelo pelo fundo duma agulha do que um rico entrar no reino dos céus”.⁶

Estas últimas palavras foram tantas vezes repetidas pela divina Sabedoria, durante a sua vida terrena, que três evangelistas as referem de igual forma, sem diferença alguma; isto deveria fazer os ricos cair em prantos, deveria fazê-los gritar e gemer:

“E agora vós, ó ricos, chorai e gemei por causa das desgraças que virão sobre vós!”⁷

4. Sb 6, 5-8.

5. Lc 6, 24.

6. Mt 19, 24.

7. Tg 5, 1





Mas, ai! Estes encontram cá em baixo a sua consolação; obcecados como estão pelos prazeres e riquezas, não enxergam as desventuras que pendem sobre as suas próprias cabeças.

7. 3^a) Salomão garante que faz uma descrição fiel e exata da Sabedoria: nem a inveja, nem o orgulho, que são contrários à caridade, o impedirão de comunicar aos outros uma ciência que lhe foi transmitida pelo céu; e nem sequer teme, portanto, que outros possam igualá-lo ou superá-lo nesta ciência. A exemplo de um tão ilustre personagem, também eu me prontifico a explicar com simplicidade o que é a Sabedoria antes da sua encarnação, durante a encarnação e depois da encarnação, e quais os meios para obtê-la e conservá-la. Porém, não possuindo eu os conhecimentos e as luzes que ele tinha, não deverei temer tanto a inveja e o orgulho, mas sim a minha própria incapacidade e ignorância. Por isso, vos suplico que me suporteis e me desculpeis pela vossa caridade.

CAPÍTULO I

PARA AMAR E PROCURAR A DIVINA SABEDORIA É NECESSÁRIO CONHECÊ-LA

I. NECESSIDADE DE CONHECER A DIVINA SABEDORIA

8. Se poderá, porventura, amar aquilo que não se conhece?
Se poderá amar ardentemente aquilo que se conhece apenas imperfeitamente?

Porque será que se ama tão pouco a Sabedoria eterna e encarnada, o adorável Jesus?

Por qual motivo é tão pouco conhecida ou muito superficialmente?





Praticamente não há ninguém a estudar, como se deveria — com o Apóstolo⁸ — esta eminente ciência de Jesus: a mais nobre, a mais doce, a mais útil e a mais necessária entre todas as ciências e conhecimentos do céu e da terra.

9. 1) É, sem sombra de dúvida, a mais nobre entre todas as ciências, já que tem por objetivo alcançar o que existe de mais nobre e sublime, ou seja, a Sabedoria incriada e encarnada, que encerra em si toda a plenitude da divindade e da humanidade, tudo quanto de grande existe no céu e na terra, todas as criaturas visíveis e invisíveis, espirituais e corporais.

São João Crisóstomo diz que Nosso Senhor é um compêndio das obras de Deus, uma síntese de todas as perfeições que existem em Deus e nas criaturas.

“Jesus Cristo, Sabedoria eterna, é tudo quanto tu podes e deves desejar. Deseja-o, procura-o, já que é a única pérola preciosa que, para adquiri-la, não deverás hesitar a vender todos os bens que possuíres.”⁹

“Aquele, porém, que se quiser vangloriar, glorie-se nisto: em ter compreensão e conhecer-me a mim.”¹⁰

O sábio não se vanglorie da sua sabedoria, nem o forte da sua força, nem o rico das suas riquezas, mas quem quiser vangloriar-se procure a sua glória em conhecer-me a mim e não em conhecer outras coisas.

8. Cf. Ef 3, 19; Fl 3, 8.

9. Texto de São Bernardo, Pl 184, 679.

10. Jr 9, 23.





10. 2) Nada é tão doce como o conhecimento da Sabedoria divina. Ditosos aqueles que a escutam; mais ditosos aqueles que a desejam e a procuram; mas mais ditosos ainda aqueles que andam pelos seus caminhos e que saboreiam, no seu coração, aquela doçura infinita que é a alegria e a felicidade do Pai eterno e a glória dos anjos.¹¹

Se experimentássemos a felicidade interior que provoca na alma o conhecimento da beleza da Sabedoria, o alimentar-se dela,¹² seríamos levados a exclamar com a esposa do Cântico dos Cânticos:

“O leite que brota do teu peito é mais doce do que o vinho mais delicioso”¹³ e melhor do que todas as doçuras das criaturas, sobretudo quando ela dirige às almas que a contemplam as seguintes palavras:

“Provai e vede...”¹⁴

comei, amigos e bebei;

inebriai-vos, caríssimos...¹⁵

já que a sua companhia não provoca amargura,
a sua convivência nada dá de fastidioso,
mas tudo é satisfação e alegria”.¹⁶

11. 3) O conhecimento da Sabedoria eterna não é apenas o mais nobre e o mais doce, mas também o mais útil e o mais necessário, já que a vida eterna consiste em conhecer a Deus e seu Filho Jesus Cristo.¹⁷

11. Pr 2, 1-9.

12. São Clemente de Alexandria chama a Jesus Cristo “*Mamilla Patris*”, o seio do Pai (PG 8, 302).

13. Ct 1, 2.

14. Sl 33, 9.

15. Ct 5, 1.

16. Sb 8, 16.

17. Jo 17, 3.



“Conhecer-te — diz o autor sagrado, referindo-se à Sabedoria — é justiça perfeita; conhecer o teu poder é raiz de imortalidade.”¹⁸

Queres, de fato, possuir a vida eterna? Aprende a conhecer a Sabedoria eterna. Queres ter a perfeição da santidade neste mundo? Procura conhecer a Sabedoria.

Queres implantar no coração a raiz da imortalidade? Adquire o conhecimento da Sabedoria eterna. Conhecer Jesus Cristo, a Sabedoria encarnada, é conhecer quanto basta. Conhecer tudo e não conhecê-lo a ele é não saber nada.¹⁹

12. De que serve ao arqueiro saber atirar flechas ao lado do alvo se não é capaz de apontar no próprio centro?

De que nos servirão todas as outras ciências necessárias à salvação, se não conhecermos a ciência de Jesus Cristo, a única necessária, centro e fim último de todas as demais?

Apesar do Apóstolo das gentes saber muitas coisas e ser muito versátil nas ciências humanas, confessava que só queria conhecer Jesus Cristo crucificado.

“Propus para mim de não pretender saber outra coisa senão Jesus Cristo e este crucificado.”²⁰

Por isso, digamos com ele:

“Tudo isso, que para mim era lucro, considere-o perda por Cristo. Na verdade, em tudo isso só vejo dano, comparado com a sublimidade do conhecimento de Jesus Cristo, meu Senhor...”²¹.

18. Sb 15, 3.

19. Santo Agostinho, *Confissões* c. 5, n. 7; PL 32, 708.

20. 1 Cor 2, 2.

21. Fl 3, 7-8.





Vejo agora e experimento que esta ciência é de tal maneira excelente, deliciosa, profícua e admirável, que já não tenho nenhuma consideração pelas outras, que anteriormente tanto me agradaram, mas que agora me parecem vazias e ridículas; entreter-me nelas, seria uma perda de tempo.

“Digo isto para que ninguém vos engane com discursos capciosos... Tomai cuidado para que ninguém vos escravize com filosofias enganosas ou vãs.”²²

Digo-vos que Jesus Cristo é o abismo de toda a ciência, a fim de que não vos deixeis enganar nem pelas belas e magníficas palavras dos oradores, nem pelas sutilezas tão falaciosas dos filósofos.

“Cresci, isso sim, na graça e no conhecimento do Senhor e nosso Salvador Jesus Cristo.”²³

Pois bem, para que todos possamos crescer na graça e no conhecimento de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, Sabedoria encarnada, falaremos dele nos capítulos seguintes, depois de distinguirmos as diferentes espécies de sabedoria.

II. DEFINIÇÃO E DIVISÃO DO ASSUNTO

13. Se considerarmos o significado da palavra em si mesma “sabedoria” quer dizer, em geral, “ciência saborosa”, ou seja, o gosto de Deus e da sua verdade.²⁴

Há várias espécies de sabedoria.

22. Cl 2, 4,8.

23. 2 Pd 3, 18.

24. São Isidoro de Sevilha (560-636) e mais tarde São Tomás, fazem derivar a palavra sabedoria de “sabor”, ainda que pareça mais lógica a origem de “saber” (São Tomás, *Summa Theol.*, II-II, 45).





Antes de mais é preciso distinguir a verdadeira da falsa sabedoria: a verdadeira consiste no gosto pela verdade, sem mentira ou adulteração; a falsa é o gosto pela mentira sob o disfarce da verdade.

A falsa é a sabedoria ou prudência do mundo e o Espírito Santo divide-a em: terrena, carnal e diabólica.

A verdadeira sabedoria divide-se em: natural e sobrenatural.

A sabedoria natural consiste no conhecimento das coisas naturais observadas eminentemente nos seus princípios; a sabedoria sobrenatural consiste no conhecimento das coisas sobrenaturais e divinas, contempladas na sua própria origem.

A sabedoria sobrenatural divide-se ainda em substancial e incriada e em accidental e criada.

A sabedoria accidental e criada é a comunicação que a Sabedoria substancial e incriada faz de si mesma aos homens, ou seja, é o dom da sabedoria.

A Sabedoria substancial e incriada, pelo contrário, é o Filho de Deus, a segunda Pessoa da Santíssima Trindade, ou seja, é a Sabedoria eterna na eternidade, ou Jesus Cristo no tempo. Será sobre esta Sabedoria eterna que iremos falar.

14. Iremos contemplá-la, remontando até às suas origens, na eternidade, no seio do Pai, onde é objeto das suas complacências.

A veremos brilhar no tempo, durante a criação do universo.

Finalmente, a contemplaremos, totalmente aniquilada, na sua encarnação e vida mortal para, logo depois, reencontrá-la gloriosa e triunfante nos céus.

Veremos, finalmente, quais são os meios para adquiri-la e conservá-la.

Deixo, pois, aos filósofos os argumentos da sua filosofia, já que são inúteis; e deixo aos alquimistas os segredos da sua ciência mundana.





“No entanto, de sabedoria é que nós falamos entre os perfeitos...”²⁵

Portanto, às almas perfeitas e predestinadas falaremos da verdadeira sabedoria, a Sabedoria eterna, incriada e encarnada.

CAPÍTULO II

ORIGEM E EXCELÊNCIA DA SABEDORIA ETERNA

15. Aqui é preciso excluir com São Paulo:

“Ó profundidade, ó imensidade, ó incompreensibilidade da Sabedoria de Deus!”²⁶

“Quem poderia descrever a sua descendência?”²⁷

Haverá, porventura, algum anjo de tal maneira iluminado, ou algum homem de tal maneira temerário, que tente sequer narrar condignamente a origem da Sabedoria?

Aqui é preciso fechar os olhos para não serem ofuscados diante duma luz tão forte e resplandecente.

Aqui é preciso que toda a língua emudeça para não ofuscar uma formosura tão perfeita, ao tentar dá-la a conhecer.

Aqui é preciso que todo o espírito se aniquile e adore, por causa do perigo de ver-se oprimido pelo peso imenso da glória da divina Sabedoria, ao pretender sondá-la.

25. 1 Cor 2, 6.

26. Rm 11, 33.

27. Is 53, 8 e At 8, 33: com base nestes textos os santos Padres dizem referir-se à geração do Verbo e à concepção virginal do Senhor.





I. A SABEDORIA EM RELAÇÃO AO PAI

16. Entretanto, vejamos agora a ideia que o Espírito Santo — tendo em conta a nossa fraqueza — nos oferece acerca dela no livro da Sabedoria, escrito para nós:

“A Sabedoria eterna é uma emanção do poder de Deus, uma irradiação genuína da glória do Onipotente, onde nada de impuro pode penetrar. É um reflexo da luz perene, um espelho sem mancha da atividade de Deus, uma imagem da sua bondade perfeita.”²⁸

17. É essa a ideia substancial e eterna da beleza divina revelada a São João evangelista no maravilhoso êxtase, na ilha de Patmos, que o levou a exclamar:

“No princípio era o Verbo — o Filho de Deus ou a Sabedoria eterna —, e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus.”²⁹

18. Em diversas passagens dos livros de Salomão, fala-se dela quando se lê que a Sabedoria foi criada, ou melhor, foi gerada desde o princípio, antes ainda de nada ter sido criado e antes de todos os tempos.

Ela diz de si mesma:

“Desde a eternidade fui constituída, desde o princípio, antes das origens da terra. Ainda não existiam os abismos e eu já tinha sido gerada...”³⁰

19. Nessa beleza soberana da Sabedoria encontrou Deus Pai as suas complacências na eternidade e no tempo, como ele mesmo veio a afirmar no dia do batismo e da transfiguração de Cristo:

28. Sb 7, 25-26.

29. Jo 1, 1.

30. Pr 8, 23-24.





“Este é o Meu Filho muito amado, que muito me agrada.”³¹

Desta beleza extrema e claridade impenetrável, os Apóstolos puderam ver qualquer raio de luz que os encheu de doçura e os levou a entrar em êxtase no momento da transfiguração:

“(A Sabedoria) é uma realidade muito nobre, sublime, infinita e mais antiga do que o próprio universo.”³²

Se eu não consigo encontrar palavras que mostrem, ainda que vagamente, a ideia que me fiz desta beleza e doçura soberanas — apesar desta ideia ficar ainda muito abaixo da realidade — quem poderá então fazer uma ideia exata dela e transmiti-la adequadamente?

Somente vós, Deus soberano, a conheceis em profundidade e a podeis revelar a quem quiserdes.³³

II. AÇÃO DA SABEDORIA NAS ALMAS

20. A Sabedoria define-se a si mesma devido, sobretudo, à sua ação e efeitos nas almas.

Estarei bem atento para não misturar as minhas palavras com as dela, com receio de diminuir o seu esplendor e sublimidade.³⁴

31. Mt 3, 17.

32. Do antigo hino das primeiras Vésperas, na festa da Transfiguração do Senhor.

33. Mt 11, 27; Lc 10, 22.

34. Eclo 24, 1-32: A sabedoria narra aqui, poeticamente, a sua própria história: provém de Deus, de quem procede a Palavra e o Espírito. Colaborou na criação do mundo, vagueou entretanto, por este mundo, vindo depois a estabelecer-se no meio do povo eleito. Ao lermos este trecho da Escritura torna-se evidente que essa Sabedoria é Jesus Cristo encarnado que se tornará Caminho, Verdade e Vida e ainda Pão descido do céu e Água viva.





Vejamos o que diz o Eclesiástico 24, 1-32:

- 1) “A Sabedoria faz o seu próprio elogio,
e gloria-se no meio do seu povo.
- 2) Abre a sua boca na assembleia do Altíssimo,
gloria-se diante dos exércitos do Senhor.”³⁵
- 3) (Ela diz):

21. “Saí da boca do Altíssimo e,
como uma nuvem, cobri toda a terra.

- 4) Construí a minha morada
nos lugares mais altos,
e o meu trono
está sobre uma coluna de nuvens.

- 5) Sozinha percorri a abóbada celeste,
penetrei nas profundezas dos abismos.

22.

- 6) Sobre as ondas do mar e sobre toda a terra,
sobre todos os povos e nações
eu tenho reinado.

- 7) Entre todos estes seres
eu busquei um lugar de repouso
e habitarei na propriedade
de qualquer um deles.

35. Tanto a Vulgata como Montfort acrescentam ainda: “Será exaltada no meio do povo e admirada na comunidade dos Santos; receberá louvor dos eleitos e será bendita entre os seus bem-aventurados.”





23.

8) Então o Criador do universo deu-me as suas ordens,
e aquele que me criou assentou a minha tenda e disse-me:
“Habita em Jacó e toma Israel como tua herança.”³⁶

24.

9) Ele criou-me desde o princípio,
antes de todos os séculos,
e não deixarei de existir até ao fim dos séculos.

10) Exerci diante dele o meu ministério
no Tabernáculo Santo,
e igualmente em Sião me fixei.

11) Repousei igualmente na cidade santa,
e em Jerusalém está a sede do meu poder.

25.

12) Deitei raízes no meio dum povo glorioso,
na porção do Senhor, no meio da sua herança.

13) Cresci qual cedro do Líbano
e qual cipreste nos montes do Hermon.

14) Cresci como a palmeira de Engadi,
como as roseiras de Jericó,
como uma formosa oliveira na planície
e como o plátano à beira das águas.

36. Tanto a Vulgata como Montfort acrescentam ainda: “e lancei raízes entre os meus eleitos”.





15) Difundi um perfume de canela
e de bálsamo odorífero,
e exalei um perfume suave como mirra
escolhida, como o gálbano, o ónix e a mirra
e como o vapor do incenso no Tabernáculo.

16) Estendi os meus ramos como o terebinto;
os meus ramos têm beleza e majestade.

17) Eu sou como a videira
que produz graciosos sarmentos,
e as minhas flores dão frutos
de glória e de riqueza”.

26.

Eu sou a mãe do amor formoso, do temor,
da ciência e da santa esperança;
em mim reside toda a graça e o caminho da
verdade;
em mim está toda a esperança de vida e de virtude.³⁷

27.

Vinde a Mim, vós que me desejais,
e saciai-vos de meus frutos;
pois o meu espírito é mais doce do que o mel,
e possuir-me é mais doce do que o favo do mel.³⁸

37. Estes versículos são claramente da Vulgata. A Liturgia aplicou-os à Sma. Virgem.

38. Acrescento da Vulgata e de Montfort: “A minha memória perpetuar-se-á pelos séculos dos séculos”.



**28.**

Aqueles que me comerem voltarão a ter fome;
aqueles que me beberem voltarão a ter sede.
Quem me obedecer não virá a envergonhar-se
e quem fizer as minhas obras não pecará.³⁹
Tudo isto é o livro da aliança
com o Deus Altíssimo⁴⁰.

29. As árvores e plantas a que a Sabedoria se compara e que produzem frutos de qualidades tão diversificadas, indicam a grande variedade de estados, de funções e de virtudes nas próprias almas. São estas como cedros, devido à elevação dos seus corações para o céu; são como ciprestes, devido à sua meditação contínua sobre a morte; são como palmeiras, devido à humildade em suportar as fadigas; são como roseiras, em virtude da capacidade que têm de martírio e derramamento de sangue; são como plátanos porque plantados ao longo de correntes de água; são como terebintos de majestosos ramos devido à extensão da caridade para com os irmãos; são, enfim, como todas as outras plantas perfumadas, tais como o bálsamo, a mirra, devido à vida solitária e ao desejo de serem conhecidas mais por Deus do que pelos homens.

30. Depois de se ter revelado como mãe e fonte de todos os bens, a Sabedoria exorta todos os homens a desapegarem-se de tudo, para abraçá-la somente a ela, já que ela apenas se dá — segundo narra Santo Agostinho⁴¹ — àqueles que a desejam e a procuram com o ardor com que ela merece ser procurada.

39. Acrescento da Vulgata e de Montfort: “Aqueles que me pregarem, terão a vida eterna”.

40. Texto da Vulgata e de Montfort: “Tudo isto é o livro da vida, é a aliança do Altíssimo e o conhecimento da verdade...”.

41. Em “*De Moribus Ecclesiae Catholicae*”, PL 32, 1324.





Nos versículos 30 e 31⁴², a Sabedoria divina aponta três graus de piedade. No último está a perfeição:

- 1º Escutar a Deus, em atitude de humilde submissão;
- 2º Agir nele e por ele com fidelidade perseverante;
- 3º Adquirir a luz e unção necessárias para inspirar nos outros o amor para com a Sabedoria e conduzi-los à vida eterna.

CAPÍTULO III

MARAVILHAS DO PODER DA SABEDORIA DIVINA NA CRIAÇÃO DO MUNDO E DO HOMEM

I. NA CRIAÇÃO DO MUNDO

31. A Sabedoria eterna começou a resplandecer fora do seio de Deus quando — depois de toda a eternidade — decidiu criar a luz, o céu e a terra.

São João afirma que tudo foi criado pelo Verbo⁴³, ou seja, a Sabedoria eterna. Salomão define-a como mãe e artífice de todas as coisas.⁴⁴

Note-se que ele não lhe chama apenas artífice do universo, mas também mãe: o artífice, na verdade, não ama e não cuida da sua obra como uma mãe cuida de seu filho.

32. A Sabedoria eterna, depois de ter criado todas as coisas, também permanece nelas para mantê-las em seu regaço⁴⁵, sustentá-las e renová-las.⁴⁶

42. Veja mais acima o N. 28 (segunda parte) e leia a nota 40.

43. Jo 1, 3.

44. Sb 7, 12.21.

45. Sb 1, 7: “É o Espírito do Senhor que mantém unidas todas as coisas, a coesão de todo o universo”.

46. Sb 7, 27.



É essa beleza soberanamente reta que, depois de ter criado o mundo, estabeleceu-lhe a ordem maravilhosa que o rege: separou, organizou, pesou, acrescentou e contou tudo o que nele existe.

Ela estendeu o céu e colocou com ordem nos seus lugares, o sol, a lua, as estrelas e os planetas; ela pôs os fundamentos da terra, estabeleceu os limites e traçou leis ao mar e aos abismos; ela formou as montanhas e tudo pesou e equilibrou, até mesmo as próprias fontes.

Enfim, diz ela, eu estava junto de Deus e ditava as leis com uma precisão tão perfeita e com uma variedade de tal forma agradável, que era para mim uma espécie de jogo que me deleitava, encantando também meu Pai.⁴⁷

33. O inefável jogo da Sabedoria divina pode constatar-se, efetivamente, na diversidade das criaturas do universo por ela criadas. Com efeito, sem falar das diferentes espécies de anjos que são, por assim dizer, em número infinito; sem falar das diferentes grandezas dos astros nem dos diferentes temperamentos dos homens, contemple-se a maravilhosa mudança das estações e dos tempos, dos instintos nos animais, das inumeráveis espécies de plantas, da variedade e beleza das flores, do sabor dos frutos. “Quem for sábio compreenda estas coisas”.⁴⁸

A quem é que a Sabedoria se manifestou? Pois bem, só esse terá a compreensão destes mistérios da natureza.

34. A Sabedoria revelou estes mistérios aos santos, segundo podemos ler nas suas vidas; e estes, muitas vezes, ficaram de tal maneira extasiados na contemplação da sua beleza, doçura e ordem

47. Pr 8, 30-31: “Eu estava com Ele como o mestre de obras. Eu era o seu encanto todos os dias, e brincava o tempo todo na sua presença; brincava na superfície da terra, e deliciava-me com a humanidade”.

48. Os 14, 10; cf. também Sl 107(106), 43.





da divina Sabedoria, até nas pequeninas coisas — tal como uma abelha, uma formiga, uma espiga de trigo, uma flor, um pequeno verme da terra — que chegaram a ficar deslumbrados e extasiados.

II. NA CRIAÇÃO DO HOMEM

35. Se o poder e a doçura da Sabedoria eterna brilharam tanto na criação, na ordem e beleza do universo, brilharam, porém, com mais intensidade ainda, na criação do homem, já que é este a sua maravilhosa obra-prima, a imagem viva da sua beleza e das suas perfeições, o vaso maravilhoso das suas graças, o admirável tesouro das suas riquezas e o seu único representante em toda a superfície da terra:

“Formastes o homem pela vossa sabedoria para dominar sobre as criaturas a quem destes a vida.”⁴⁹

36. Para glória deste esplêndido e poderoso artista, seria necessário explicar aqui a beleza e excelência original que o homem dela recebeu no momento da sua criação; porém, o pecado infinito por ele cometido⁵⁰, cujas trevas e manchas se refletem também em mim, miserável filho de Eva, ofuscou-me de tal maneira a mente que só muito imperfeitamente posso falar dela.

37. Podemos afirmar que ela fez, por assim dizer, uma cópia ou imagem resplandecente da sua inteligência, da sua memória, da sua vontade, infundindo-as na alma do homem, a fim de que este pudesse ser um retrato vivo da Divindade⁵¹. Acendeu-

49. Sb 9, 2.

50. São Tomás, *Summa theol.*, I-II, q. 87, a. 4: “Devem ser considerados dois aspectos na culpa: o primeiro é a aversão do bem eterno, que é infinito, e assim também o pecado é infinito. O segundo é a conversão, ou adesão desordenada ao bem transitório, e desta maneira o pecado é limitado, é finito”.

51. Gn 1, 26: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança”.





lhe no coração a chama do puro amor de Deus; plasmou-lhe um corpo todo resplandecente e nele encerrou, como que em síntese, todas as diferentes perfeições dos anjos, dos animais e das outras criaturas.

38. Tudo no homem era luminoso, sem trevas; formoso, sem fealdade; puro, sem mancha alguma; harmonioso, sem qualquer desordem, sem defeito e sem imperfeição. O seu espírito era dotado da luz da Sabedoria para reconhecer perfeitamente o seu Criador e as criaturas. Trazia na sua alma a graça de Deus, tornando-o inocente e aprazível aos olhos do Altíssimo.

Tinha o dom da imortalidade corporal e possuía no coração o puro amor de Deus, sem temer a morte, amava a Deus continuamente, sem interrupção, sem negligências, só por puro amor e só para a sua glória. Enfim, ele era de tal maneira divino que era levado a cada momento, por assim dizer, a ficar fora de si, arrebatado em Deus, sem paixões a vencer ou inimigos a combater.

Ó liberalidade da Sabedoria eterna para com o homem!

Ó feliz estado do homem quando da sua inocência!

39. Mas!... Ó desgraça das desgraças!... Eis que esse vaso todo divino fragmentou-se em mil pedaços; a esplendorosa estrela caiu por terra; o sol brilhante cobriu-se de lama!

Eis aí o homem que peca e, pecando, perde a sua sabedoria, a sua inocência, a sua formosura e imortalidade. Perde, enfim, todos os bens que tinha recebido e se vê agora assaltado por uma infinidade de males!

O homem tem o seu espírito todo embotado de trevas: já não vê mais nada. Tem o seu coração gélido para com Deus e já não o ama; a sua alma está manchada pelo pecado, assemelhando-se aos demônios. As paixões tornaram-se desordenadas, que já não controla. Resta-lhe a companhia dos demônios, de quem se torna morada e escravo. Vê-se atacado pelas criaturas, que lhe movem guerra.





Eis aí o homem que, num ápice, se tornou num escravo do demônio, no objeto da ira divina⁵² e vítima do inferno.

Sente-se a si mesmo de tal maneira hediondo que, por vergonha, corre a esconder-se. É amaldiçoado e condenado à morte; é expulso do paraíso terrestre e não tem mais direito ao céu. É condenado a levar uma vida sem qualquer esperança de ser feliz: é um desgraçado a vaguar sobre uma terra amaldiçoada. E será como maldito que ele morrerá para, depois da morte, se tornar como o demônio, condenado para sempre no corpo e na alma. E tudo isto para si mesmo e sua descendência.⁵³

Tal foi a tremenda infelicidade em que o homem veio a cair, depois do pecado; tal foi a merecida sentença que a justiça divina pronunciou contra ele.

40. Nesse estado, Adão sente-se como um desesperado: não pode receber ajuda nem dos anjos nem das outras criaturas. Nada é capaz de restaurá-lo e levá-lo ao estado anterior já que ele era demasiado belo e demasiado perfeito na sua criação, e o seu pecado tornou-o demasiado hediondo e repelente. Vê-se expulso do paraíso e da presença de Deus.

Tem consciência de que a justiça divina há de persegui-lo a ele e a toda a sua descendência.

Vê o céu fechar-se para ele e abrir-se o inferno, e não vê ninguém capaz de abrir-lhe o primeiro e fechar-lhe o segundo.

52. Ef 2, 3.

53. O autor traça aqui um quadro bem pessimista, embora real. Mas essa ênfase negativista do homem é para fazer realçar mais e melhor a ação divina, a ação da Sabedoria de Deus na Redenção. Veja os n° 43 e 46.





CAPÍTULO IV

MARAVILHAS DA BONDADE E DA MISERICÓRDIA DA SABEDORIA ETERNA ANTES DA SUA ENCARNAÇÃO

41. A Sabedoria eterna comove-se vivamente diante da desgraça do pobre Adão e da sua descendência: observa com grande desgosto, o vaso — que era a sua glória — fragmentar-se; vê o seu retrato desfigurar-se, a sua obra-prima destruir-se, e o seu vigário prostrado por terra.

Escuta com ternura a sua voz angustiante e seus gritos. Observa com compaixão os suores da sua fronte, as lágrimas de seus olhos, o cansaço de seus braços, a dor de seu coração e a aflição da sua alma.

I. O DECRETO DA ENCARNAÇÃO

42. Parece-me ver, por assim dizer, essa amável Sabedoria convocar e reunir em assembleia, por uma segunda vez, a Santíssima Trindade, a fim de decidir a reparação e reabilitação do homem, tal como tinha feito já uma vez, no momento em que o criara.⁵⁴

Imagino também que, nesse majestoso conselho, surge uma espécie de combate entre a Sabedoria eterna e a Justiça de Deus.

54. Gn 1, 26: “Façamos o homem à nossa imagem, à nossa semelhança”. Esta linguagem no plural pretende dar a ideia da importância do homem, que estava para ser criado; daí a deliberação da Sabedoria de Deus para essa reunião, de toda a divindade, ou seja, das três Pessoas da Santíssima Trindade. É que a reabilitação do homem era uma obra tão importante como o fora a sua própria criação. A cena do amor de Deus repete-se.





43. Nessa discussão acerca do homem parece-me ouvir a Sabedoria afirmar: o homem, na realidade, e também a sua descendência, devido ao seu pecado, mereceu ser condenado para sempre, juntamente aos anjos rebeldes; no entanto, há que ter compaixão dele já que terá pecado mais por fraqueza e por ignorância do que por malícia.

É uma grande desgraça, observa a Sabedoria, deixar uma obra-prima tão perfeita na sua origem, nas garras do inimigo, com milhões e milhões de homens perdidos para sempre, por culpa do pecado dum só. Mostra a seguir, os lugares deixados vazios no céu pelos anjos apóstatas e a conveniência em preenchê-los⁵⁵.

Lembra a grande glória que Deus irá receber no tempo e na eternidade caso o homem venha a ser salvo.

44. Parece-me ouvir a Justiça de Deus responder: fica decretada a sentença de morte e de condenação eterna contra o homem e sua descendência, e deverá ser executada sem diminuição de pena e sem misericórdia, tal como sucedeu com Lúcifer e seus seguidores; o homem, apesar de tantos benefícios recebidos, mostrou-se um ingrato; tendo seguido o demônio na desobediência e no orgulho, deverá segui-lo também no castigo, já que é mesmo necessário que o pecado seja punido.

45. A Sabedoria, não vendo no universo algo capaz de expiar o pecado do homem, de reparar a justiça e aplacar a ira de Deus e querendo, apesar de tudo, salvar o pobre homem que ama, encontra um meio admirável.

É de pasmar: o amor incompreensível vai até aos extremos! Eis que a amorosa e real princesa oferece-se a si mesma, em sacrifício ao Pai, para reparar a sua justiça, para aplacar a sua cólera, para

55. VD 28.





arrancar o homem da escravidão do demônio, para livrá-lo das chamas do inferno e para merecer-lhe uma eternidade feliz.

46. A sua oferta é acolhida; é tomada uma decisão: a Sabedoria eterna, isto é, o Filho de Deus, se fará homem no momento oportuno e dentro de parâmetros estabelecidos.

No período dos milênios que passaram desde a criação e após o pecado de Adão até à encarnação da Sabedoria divina, tanto Adão como os seus descendentes morreram, tal como estava fixado na lei de Deus; porém, em previsão dos méritos da encarnação do Filho de Deus, receberiam a graça do cumprimento dos mandamentos e do exercício duma digna penitência em caso de transgressão; e assim, se eventualmente tivessem morrido em graça e na amizade de Deus, então suas almas desceriam ao limbo, esperando ali a vinda do Salvador e Libertador, para lhes abrir as portas do céu.

II. DURANTE O TEMPO ANTERIOR À ENCARNAÇÃO

47. Durante todo o tempo que precedeu a encarnação, a Sabedoria eterna testemunhou aos homens, de mil maneiras, quanto ela os amava e quanto ansiava por fazer-lhes chegar os seus benefícios e de morar com eles: “As minhas delícias consistem em estar junto dos filhos dos homens”.⁵⁶

A Sabedoria vai por toda a parte à procura de quantos são dignos dela⁵⁷, ou sejam, as pessoas dignas da sua amizade, dignas de seus tesouros, dignas da sua própria pessoa. Ela difundiu-se pelas nações, fazendo sua morada nas almas santas, transformando-as em amigos e profetas de Deus; e só ela formou todos os santos patriarcas, os amigos de Deus, os profetas e os santos, tanto do Antigo como do Novo Testamento.⁵⁸

56. Pr 8, 31.

57. Sb 6, 16.

58. Sb 7, 27.





Foi a Sabedoria eterna que inspirou os homens de Deus, que falou pela boca dos profetas, guiou-os em seus caminhos, iluminou-os nas dúvidas, amparou-os em suas fraquezas e livrou-os de todos os males.

48. Eis como o Espírito Santo descreve isso no livro da Sabedoria (cap. 10,1-21):

De Adão a Moisés:

1) Foi ela que protegeu o primeiro homem, o pai do mundo, que fora criado só; levantou-o de sua queda.

2) Deu-lhe poder para dominar sobre todas as coisas.

3) Mas quando Caim, na sua cólera, se afastou dela, foi a sua verdadeira ruína, acabando por matar o seu irmão.

4) Por culpa sua a terra foi submersa pelas águas e foi, uma vez mais, a Sabedoria a salvá-lo, sendo conduzido por um justo (Noé) numa frágil embarcação.

5) Quando os povos, concordes na maldade, foram confundidos, foi ela que reconheceu o justo (Abraão), guardou-o irrepreensível diante de Deus, e o manteve corajoso, sem que isso fizesse diminuir a sua ternura pelo seu filho (Isaac).

6) No extermínio dos ímpios, foi ela que salvou o justo (Ló), quando este fugia do fogo que devastava as cinco cidades.

7) Em testemunho daquela perversidade, existe ainda lá um ermo fumegante, e as árvores dão frutos que não amadurecem e, qual memorial à alma incrédula, ergue-se uma coluna de sal.

8) Por terem desprezado a Sabedoria, não apenas se viram impedidos de conhecer o bem, como também legaram à história um memorial de sua insensatez, para que os seus pecados não pudessem ser esquecidos.





49.

9) A Sabedoria, porém, livrou de provações os seus fiéis.

10) Ela guiou, por caminhos planos, o justo (Jacó), quando este fugia à ira do irmão (Esaú); ela mostrou-lhe o reino de Deus e deu-lhe a conhecer as coisas santas; ajudou-o em seus trabalhos e deu êxito a seus empreendimentos.

11) Ela assistiu-o contra a avareza dos opressores e enriqueceu-o.

12) Protegeu-o contra os seus inimigos e defendeu-o contra os que lhe armavam ciladas; deu-lhe um prêmio numa áspera batalha, para lhe ensinar que o amor é mais forte que tudo.

13) Ela não desamparou o justo que fora vendido (José), mas preservou-o do mal.

14) Desceu com ele ao calabouço e não o abandonou na sua prisão, até que lhe fosse entregue o cetro real e o poder sobre seus opressores; desmascarou os que o difamavam e deu-lhe uma glória eterna.

O ÊXODO

15) Ao povo santo, raça irrepreensível (Hebreus), ela livrou-o de uma nação opressora.

16) Entrou na alma de um servo do Senhor (Moisés) que, com prodígios e sinais, enfrentou reis temíveis.

17) Aos justos ela deu a paga de suas penas, conduziu-os por um caminho maravilhoso: de dia serviu-lhes de sombra e, à noite, serviu-lhes de luz de astros.





18) Os fez atravessar o Mar Vermelho, conduziu-os por águas caudalosas.

19) Afogou os seus inimigos e lançou-os das profundezas do abismo.

20) Assim, os justos despojaram os ímpios e celebraram, Senhor, o vosso santo nome, louvando, em uníssono, o vosso braço protetor.

21) Porque a Sabedoria abriu a boca dos mudos e tornou eloquente a língua dos “pequeninos”.

50. No capítulo 11 do livro da Sabedoria, o Espírito Santo fala dos diversos males de que a Sabedoria livrou Moisés e os israelitas, enquanto atravessavam o deserto.

A estes se poderão ainda acrescentar todos aqueles que foram salvos de grandes perigos, pela Sabedoria, tanto no Antigo como no Novo Testamento.

Temos assim, Daniel na cova dos leões; Susana, da falsa acusação; os três jovens na fornalha de Babilônia; São Pedro, no cárcere; São João, na caldeira de azeite a ferver; e ainda um número infinito de mártires e confessores da fé, que se viram protegidos nos tormentos a que seus corpos foram submetidos e das calúnias que ensombravam a sua reputação.

Acrescentemos, pois, repito, todos esses que foram salvos e libertados pela Sabedoria eterna: “Os homens aprenderam as coisas que vos agradam e pela Sabedoria foram salvos”.⁵⁹

59. Sb 9, 18.





CONCLUSÃO

51. Exclamemos, pois: “Ditosa mil vezes a alma onde a Sabedoria entrou para nela estabelecer a sua morada! Sejam quais forem os combates que travar, sairá vitoriosa; sejam quais forem os perigos a ameaçá-la, ela será protegida; sejam quais forem as tristezas a afligi-la, ela será reanimada e consolada; sejam quais forem as humilhações a abater-se sobre ela, pois ela será exaltada e glorificada no tempo e na eternidade”.

CAPÍTULO V

A EXCELÊNCIA MARAVILHOSA DA SABEDORIA ETERNA

52. No capítulo VIII do livro da Sabedoria, o Espírito Santo dignou-se revelar-nos a excelência da Sabedoria em termos tão sublimes e tão compreensíveis que será suficiente reproduzi-los aqui, fazendo-os acompanhar de breves reflexões.

I. UMA COMPANHEIRA NA VIDA: (cap. VIII; versículos assinalados)

53.

1) *A Sabedoria estende o seu vigor de uma extremidade à outra da terra e governa todas as coisas com suavidade.*

Nada é tão doce como a Sabedoria: doce em si mesma, sem amargura; doce para aqueles que a amam, não lhes dando desgosto algum; doce na sua conduta, sem fazer qualquer violência. Direis muitas vezes que ela não está presente nos acidentes e transtornos da vida que acontecem, de tal maneira





a sua presença é suave e secreta; porém, já que é uma força invencível, tudo encaminha, sem barulho mas vigorosamente, a seu termo, por caminhos desconhecidos pelos homens. É preciso que o sábio seja, a seu exemplo, “suaviter fortis, fortiter suavis” — “suavemente forte e fortemente suave”.

54.

2) *Amei-a e procurei-a desde a minha juventude, procurei tomá-la como esposa, enamorei-me da sua beleza.*

Quem quiser alcançar o tesouro da Sabedoria deverá, a exemplo de Salomão, buscá-la: 1) desde muito cedo, se possível, desde a infância; 2) espiritual e castamente, como um marido casto procura a sua esposa; 3) constantemente, perseverando até ao fim, até a alcançar. Sem dúvida que a Sabedoria eterna tem tanto amor pelas almas que chega mesmo a desposá-las e com elas contrair um matrimônio espiritual, mas verdadeiro⁶⁰, que o mundo desconhece, mas a história documenta.

55.

3) *Ela mostra a nobreza da sua origem em conviver com Deus, porque o Senhor de todas as coisas amou-a.*

A Sabedoria é o próprio Deus: eis aí a glória da sua origem. O Pai encontra nela todas as suas complacências, como ele mesmo testemunhou: eis quanto ela é amada!

60. Cf. Os 2, 21-22: “Eu te desposarei para sempre, eu te desposarei na justiça e no direito, no amor e na ternura. Eu te desposarei na fidelidade e conhecerás o Senhor”.

2 Cor. 11, 2: “Sinto por vós um ciúme, como um ciúme de Deus. Eu entreguei-vos a um único esposo, a Cristo, a quem devo apresentar-vos como virgem pura”.

Falando ainda de matrimônio espiritual, eis como se exprime Santa Teresa de Ávila:

“Esta misteriosa união realiza-se no centro mais íntimo da alma... É um segredo de tal maneira profundo, um deleite de tal maneira intenso, um favor de tal maneira sublime e intempestivo que nem sei a que hei de compará-lo... A alma, na verdade, torna-se um só ser com Deus” (*Castelo interior*, c. 2, n. 3).



**56.**

4) É que ela está nos segredos da ciência de Deus, foi ela quem escolheu as suas obras.

Só a Sabedoria ilumina todo o homem que vem a este mundo⁶¹. Só ela, na verdade, desce do céu para nos ensinar os segredos de Deus⁶²; nós não temos um verdadeiro mestre além da Sabedoria encarnada, Jesus Cristo⁶³; só ela conduz à meta todas as obras de Deus, sobretudo os santos, dando-lhes a conhecer o que devem fazer e, fazendo-o, permite-lho saborear e realizar tudo o que lhes deu a conhecer.

57.

5) Se as riquezas são um bem apetecível na vida, então que coisa haverá de mais rico que a Sabedoria, que tudo dinamiza?

6) Se é a inteligência do homem que opera, quem melhor que a Sabedoria é a artífice de todos os seres?

7) Se alguém ama a justiça, os frutos da Sabedoria são as virtudes. Ela ensina a temperança e a prudência, a justiça e a fortaleza que são as virtudes mais úteis para os homens, em vida.

Salomão afirma que, uma vez que não se deve amar senão a Sabedoria, então só dela se devem esperar todos os bens: o bem da fortuna, o conhecimento dos segredos da natureza, os bens da alma, as virtudes teologais e cardeais.

61. Jo 1, 9.

62. Cf. Jo 1, 18; Mt 11, 27; 1 Cor 2, 10 — “Enviou, na verdade, o seu Filho, o Verbo eterno, que ilumina todos os homens, para que habitasse entre eles e lhes explicasse os segredos de Deus” (Conc. Vat. II).

63. Mt 23, 8-10.



**58.**

8) *Se alguém desejar um conhecimento das coisas em maior profundidade, pois ela conhece os acontecimentos do passado e antevê os do futuro; conhece as sutilezas dos discursos e resolve os enigmas; conhece os sinais e os prodígios, e o que tem de acontecer no decurso das idades e dos tempos.*

Todo aquele que desejar possuir uma ciência das coisas da graça e da natureza, que não seja comum, árida e superficial⁶⁴, mas que seja extraordinária, santa e profunda, deverá fazer todos os esforços para alcançar a Sabedoria já que, sem ela, o homem — por mais sábio que pareça diante dos outros — será, porém, considerado um nada aos olhos de Deus: *“Ainda que tenha vida longa, ninguém dele fará caso”*.⁶⁵

59.

9) *Por isso decidi tomá-la por companheira da minha vida, sabendo que ela será para mim uma boa conselheira nos dias felizes e será conforto nas tribulações e na dor.*

Quem poderá sentir-se pobre, possuindo a Sabedoria assim tão rica e generosa? Quem poderá ficar triste, possuindo a Sabedoria que é doce, formosa e terna? Apesar disso, quem é que — entre todos os que buscam a Sabedoria — está em condições de dizer, em verdade, com Salomão: “Por isso decidi”? A maioria não tomou ainda esta sensata resolução: é tudo fantasia ou, ao máximo, trata-se de propósitos vacilantes e indiferentes. Por isso, não encontrarão nunca a Sabedoria.

60.

10) *Graças a ela, receberei o aplauso das multidões e, apesar de jovem, serei honrado até pelos anciãos.*

64. Na VD 64, Montfort reprovava aqueles que conhecem Jesus e sua santa Mãe “só de forma teórica, árida sem alma e sem amor”.

65. Sb 3, 17.





11) *Serei tido como perspicaz nos julgamentos e admirado diante dos poderosos.*

12) *Se me calar, ficarão na expectativa que fale; se falar, prestar-me-ão atenção; e se me alongar nos discursos, colocarão a mão na boca.*

13) *Por ela terei a imortalidade, e deixarei memória eterna à minha descendência.*

14) *Governarei povos e as nações me serão submetidas.*

Acerca destas palavras, com que o sábio se compraz a si mesmo, vejamos a reflexão que faz São Gregório: “Aqueles que Deus escolheu para escreverem estas palavras sagradas, estando repletos do seu Espírito Santo, saem, de certa maneira, fora de si mesmos, para entrarem naquele que os possui e — transformados assim em língua de Deus — só a Deus consideram naquilo que dizem; e falam de si mesmos como se falassem de qualquer outro”.⁶⁶

61.

15) *Os príncipes temerão, ao ouvirem falar de mim; me mostrarei benigno com o povo e valoroso na guerra.*

16) *Entrando na minha casa, nela repousarei, porque a sua conversação não tem nada de desagradável, nem a sua convivência nada de fastidioso, mas tudo é satisfação e alegria.*

17) *Meditando comigo mesmo nestes pensamentos, concluí dentro do meu coração, que a imortalidade se encontra na aliança com a Sabedoria.*

18) *Na amizade com ela prova-se um grande prazer e nas obras das suas mãos riquezas inexauríveis, e inteligência nas lições dos seus entretenimentos familiares, e glória na comunicação das suas sentenças;*

66. Cf. “*Moralium libri*”, PL 75, 518.





por isso eu saí à procura dela, por toda a parte, a fim de a tomar comigo.

O autor sagrado, depois de ter resumido em poucas palavras tudo o que antes tinha explicado, chega à conclusão seguinte: “*Andava à sua procura por todo o lado...*”. Para alcançar a Sabedoria é preciso procurá-la diligentemente, ou seja: é preciso estar preparado a deixar tudo, a tudo sofrer e a tudo empreender para alcançá-la. Se poucos a encontram é porque poucos a procuram como ela merece.

II. ELOGIO DA SABEDORIA: (cap. VII)

62. O Espírito Santo, no capítulo VII da Sabedoria, volta a falar da sua excelência, nestes termos:

22) *Há nela, com efeito, um espírito inteligente, santo, único, múltiplo, sutil, ágil, penetrante, puro, claro, inofensivo, amigo do bem, perspicaz;*

23) *Livre, benéfico, benévolo, estável, seguro, tranquilo, que tudo pode, tudo vê, e que penetra todos os espíritos, os inteligentes, os puros, os mais subteis.*

24) *A Sabedoria é mais ágil que todo o movimento; atravessa e penetra tudo, graças à sua pureza.*

25) *Ela é para os homens um tesouro inesgotável; os que a adquirem tornam-se participantes da amizade de Deus, recomendáveis a Ele pelos dons da doutrina.*⁶⁷

67. Este versículo 14 do cap. VII da Sabedoria é como que a pedra angular que Montfort retoma imediatamente no número seguinte da sua obra.





63. Depois de palavras tão enérgicas e tão ternas do Espírito Santo, para nos fazer compreender a beleza, o valor e os tesouros da Sabedoria, será que haverá ainda alguém que não a procure com todas as suas energias? Tanto mais que se trata de um tesouro infinito, apropriado para o homem, e para o qual o homem foi criado. Além disso, a própria Sabedoria tem um desejo infinito de se dar ao homem.

CAPÍTULO VI

OS DESEJOS INTENSOS DA DIVINA SABEDORIA EM COMUNICAR-SE AOS HOMENS

64. Existe um vínculo de amizade de tal maneira intenso entre a Sabedoria eterna e o homem que se torna incompreensível: A Sabedoria é para o homem e o homem é para a Sabedoria. “É um tesouro inesgotável para os homens”⁶⁸, e não o é nem para os anjos nem para as outras criaturas.

Esta amizade da Sabedoria para com o homem deve-se ao fato de que este, na sua criação, tornou-se o resumo das suas maravilhas, o seu pequeno e grande mundo, a sua imagem viva e o seu representante na terra. E, desde que, num excesso de amor por ele, se tornou semelhante ao homem, ao encarnar-se e ao morrer por ele para salvá-lo, é prova de que ela o ama como a um irmão, a um amigo, a um discípulo, a um aluno, por ser o preço do seu sangue e co-herdeiro do seu reino; causa-lhe uma violência infinita, recusar-lhe ou roubar-lhe o coração dum homem.

68. Sb 7, 14.





I. CARTA DE AMOR DA SABEDORIA ETERNA

65. Esta beleza eterna e soberanamente amável tem um desejo tão ardente pela amizade do homem que, para alcançá-la, escreveu, expressamente, um livro, nele revelando as suas próprias excelências e quanto anseia pela sua companhia.

O livro é como que uma carta duma namorada ao seu namorado para conquistar a sua afeição. Os desejos aí manifestados para conquistar o coração do homem são de tal maneira prementes, os pedidos de amizade são de tal maneira ternos, os afetos e votos de tal maneira amorosos que, ao ouvi-la falar, não se diria ser ela a rainha do céu e da terra, de tal maneira necessita dos homens para ser feliz.⁶⁹

66. Em busca do homem ela percorre longas estradas, escarpa montanhas altíssimas, vai à entrada das cidades, penetra em praças públicas, infiltrando-se na multidão e clamando tão alto quanto possível: “É a vós, ó homens, a quem eu me dirijo”.⁷⁰

“Ó filhos dos homens, é a vós que eu dirijo, desde há muito, este meu grito; a vós se dirige o meu apelo; é a vós que eu desejo, sois vós quem eu procuro, sois vós quem eu reclamo. Escutai-me! Vinde a mim! Desejo apenas tornar-vos felizes!”

E, para mais facilmente os atrair, acrescenta:

“É graças a mim e mediante o meu favor que os reis reinam, que os príncipes, os poderosos e os monarcas têm cetro e coroa. Sou eu quem inspira os legisladores na ciência de promulgarem leis justas para governar os Estados; sou ainda eu quem dá força aos magistrados para que exerçam a justiça com equidade e sem temor.”

69. Cf. Pr 8, 15-31.

70. Pr 8, 4.





67. “Eu amo aqueles que me amam e todos quantos me procurarem diligentemente haverão de encontrar-me; encontrando-me a mim, encontrarão a abundância de todos os bens já que estão em mim: as riquezas, a glória, a honra, a dignidade, as delícias duradouras e todas as verdadeiras virtudes.

Sem dúvida que é incomparavelmente melhor para o homem possuir-me a mim do que possuir todo o ouro e toda a prata do mundo, todas as pedras preciosas e todos os bens do universo inteiro.

Todos quantos vierem a mim, terei de conduzi-los por caminhos de justiça e prudência, e os enriquecerei com tudo quanto possam possuir os verdadeiros filhos, até ficarem completamente saciados.

Ficai cientes de que o meu maior prazer e as minhas maiores delícias consistem em entreter-me e habitar com os filhos dos homens.”

68. “Agora, filhos, escutai-me:

Felizes aqueles que seguem pelos meus caminhos!

Prestai atenção aos meus ensinamentos e sede sensatos, não os negligencieis!

Feliz o homem que me escuta, que se apresenta à minha porta cada dia, esperando-me no limiar da minha casa.

Na verdade, quem me encontra encontra a vida, e goza do favor do Senhor. Mas quem pecar contra mim causará dano a si mesmo; todo o que me odeia ama a morte.”⁷¹

69. Apesar de tudo quanto a Sabedoria disse com palavras ternas e sedutoras para conquistar a amizade dos homens, ela receia ainda que — devido ao seu maravilhoso resplendor e sua soberana majestade — eles não ousem aproximar-se dela, por respeito.

71. Pr 8, 31-36.





Por isso ainda se lhes dirige nestes termos:

“A Sabedoria é radiante e indefectível, facilmente é contemplada por aqueles que a amam e se deixa encontrar por aqueles que a buscam. Ela mesma se dá a conhecer aos que a desejam. Quem por ela madruga não se cansa: encontra-a sentada à porta.”⁷²

II. ENCARNAÇÃO, MORTE E EUCARISTIA

70. Enfim, a Sabedoria eterna, para mais facilmente se aproximar dos homens e para lhes testemunhar mais sensivelmente o seu amor, chegou ao ponto de fazer-se homem, de tornar-se criança, de fazer-se pobre e até de morrer por eles, numa cruz.

Quantas vezes ela exclamou: “Vinde todos a mim.”⁷³ Sou eu, não temais.⁷⁴

E por que deveríeis ter medo?

Na verdade, eu sou semelhante a vós. Eu vos amo. Será que deveríeis ter medo porque sois pecadores? Mas é a vós mesmos que eu procuro. Eu sou a amiga dos pecadores.

Será que tendes medo porque vos afastastes, por própria culpa, do rebanho?

Mas eu sou o Bom Pastor.⁷⁵

Será talvez porque estais carregados de pecados, cobertos de pecados e oprimidos pela tristeza?

Pois bem, é precisamente por isso que deveis vir a mim, que eu vos aliviarei do vosso fardo, vos purificarei e vos consolarei”.

72. Sb 6, 12-14.

73. Mt 11, 28.

74. Jo 6, 20.

75. Jo 10, 11, 14.





71. Querendo a Sabedoria, por um lado, manifestar o seu amor pelos homens até morrer por eles para salvá-los e, por outro lado, não podendo abandoná-los à sua sorte, eis que encontrou um segredo admirável de morrer, mas continuando a viver, e permanecendo com os mesmos homens até ao fim dos tempos: trata-se da amorosa instituição da Eucaristia.

E, para poder cumprir até à perfeição o seu amor neste mistério, não hesitou mesmo a alterar e derrubar as próprias leis da natureza.

Se ela não se esconde debaixo do esplendor de um diamante ou de outra pedra preciosa é porque não deseja ficar com o homem apenas exteriormente; mas esconde-se sob as aparências dum pequeno pedaço de pão — que é o alimento próprio do homem — a fim de que, comido pelo mesmo homem, possa penetrar dentro do seu coração e aí encontrar as suas delícias. “É a invenção dum amor intenso”.⁷⁶

“Ó Sabedoria eterna! — diz um santo⁷⁷ — ó Deus realmente pródigo de si mesmo pelo desejo que tem de estar com o homem!”

III. INGRATIDÃO DOS QUE REJEITAM A SABEDORIA

72. Quão grande será a nossa insensibilidade e a nossa ingratidão se não nos deixarmos comover pelos ardentes desejos, pelas amorosas invenções e provas de amor da amável Sabedoria para conosco!

E se, em vez de escutá-la, fechamos os ouvidos; se, em vez de procurá-la, fugirmos dela; se, em vez de honrá-la, de amá-la, a desprezamos e ofendemos — qual não será a nossa crueldade e o nosso castigo já sobre a terra?

76. São João Crisóstomo, PG 59, 260.

77. Guérico, abade, PL 185, 157.





Diz, com efeito, o Espírito Santo:

“Aqueles que desprezaram a Sabedoria, não apenas se prejudicaram a si próprios, vendo-se impedidos de conhecer o bem, mas deixaram ainda aos homens um testemunho da sua insensatez para que os seus pecados não pudessem ser esquecidos.”⁷⁸

Três desgraças sofrem em vida aqueles que não procuram alcançar a Sabedoria: 1) caem na ignorância e na cegueira; 2) na insensatez; 3) por fim, no escândalo e no pecado.

E quão grande desgraça lhes está reservada no momento da morte, malgrado seu, quando ouvirem a Sabedoria censurá-los, dizendo: “Chamei-vos e vós recusastes”⁷⁹. Cada dia vos estendi os braços e vós me desprezastes; fiquei sentada, à espera, na soleira da vossa casa e não viestes ter comigo. Por isso vou rir da vossa desgraça, vou-me divertir...⁸⁰; ficarei surda aos vossos clamores, cega diante das vossas lágrimas, insensível diante dos vossos soluços e inerte para vos estender a mão!”

Mas... como será maior ainda o seu infortúnio, no inferno!

Leia-se o que o Espírito Santo disse das desgraças, dos lamentos, dos remorsos, do desespero dos insensatos no inferno, que vêm a reconhecer tarde demais a própria estupidez e desgraça, por terem desprezado a Sabedoria de Deus.⁸¹

Só no inferno é que começam a falar sabiamente.

78. Sb 10, 8.

79. Pr 1, 24.

80. Pr 1, 26.

81. Sb 5, 1-14.





IV. CONCLUSÃO

73. Desejemos, pois, e procuremos unicamente a Sabedoria: “Ela é mais preciosa do que as pérolas⁸²; e não há tesouro que a possa igualar”⁸³.

Qualquer que seja o dom de Deus, ou sejam quais forem os tesouros celestiais que possais desejar — se não desejares a Sabedoria — estareis a desejar algo que lhe é muito inferior.

Ah!... se conhecêssemos quão grande é este tesouro infinito da Sabedoria, criado para o homem — e reconheço nada ter dito a propósito — suspiraríamos por ela noite e dia; voaríamos rapidamente de uma extremidade à outra da terra, e passaríamos alegremente através de fogo e sobre lâminas cortantes, se necessário fosse, na condição de merecê-la!

É necessário, porém, estar bem atento e não deixar-se enganar na escolha já que existem várias espécies de sabedoria.⁸⁴

CAPÍTULO VII

ESCOLHA DA VERDADEIRA SABEDORIA

74. Deus tem a sua Sabedoria; é essa a única e a verdadeira que merece ser amada e procurada como um grande tesouro.

O mundo corrupto, porém, tem também a sua sabedoria, mas esta deverá ser condenada e rejeitada porque iníqua e perniciosa.

82. Pr 3, 15.

83. Pr 8, 11.

84. Também na VD, Montfort segue o mesmo método expositivo, ou seja: importância da devoção mariana (n. 1-59), seus fundamentos (n. 60-89), e “eleição da verdadeira devoção para com a Sma. Virgem” (n. 90-119).





Também os filósofos têm a sua sabedoria, que é igualmente de desprezar, já que é inútil e, muitas vezes, perigosa para a salvação.⁸⁵

Até aqui falamos da Sabedoria de Deus às almas perfeitas, como diz o Apóstolo⁸⁶; mas, devido ao receio de que estas venham a ser enganadas pelo falso esplendor da sabedoria mundana, passarei também a demonstrar aqui quanto esta seja falaciosa e maligna.

I. A SABEDORIA MUNDANA

75. A sabedoria mundana é aquela da qual está escrito: “Destruirei a sabedoria dos sábios segundo o mundo⁸⁷; o desejo da carne é inimigo de Deus⁸⁸... Não é esta a sabedoria que vem do alto: uma sabedoria assim é terrena, carnal, diabólica”⁸⁹.

Esta sabedoria do mundo está em perfeita harmonia com as máximas e costumes do mundo; tem uma tendência constante para a grandeza e a reputação; tem uma procura permanente e secreta do próprio interesse e prazer, não recorrendo a métodos grosseiros e barulhentos de forma a cometer qualquer pecado escandaloso, mas agindo com finura, com hipocrisia e astúcia, caso contrário — até do ponto de vista do mundo —, não seria sabedoria, mas sim libertinagem.

85. O autor não pretende negar o valor e o estudo da filosofia como ciência de todas as coisas, que procura causas e princípios que transcendem o campo da experiência.

Aqui pretende apenas fazer sobressair a excelência da “sabedoria da vida cristã”, que pouco tem a ver com ciências ou filosofias terrenas. Tem presente a ideia de São Paulo (1 Cor 13): “Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e as dos anjos, se eu não tivesse caridade, seria como um bronze que soa ou como um címbalo que tine”. Reflexão análoga podemos encontrá-la na *Gaudium et Spes* do Concílio Vaticano II, n. 15: “... está em perigo, de fato, o futuro do mundo, a não ser que surjam homens mais sábios”. Também aqui o Concílio pretende enaltecer a sabedoria como dom de Deus, mais valiosa do que a sabedoria humana.

86. 1 Cor 2, 6.

87. 1 Cor 2, 6.

88. Rm 8, 7.

89. Tg 3, 15.





76. O sábio do mundo é aquele que sabe gerir bem os próprios negócios e sabe orientar tudo em proveito próprio, sem dar a entender pretender fazê-lo; conhece bem a arte de fingir e enganar astuciosamente, sem que o outro se aperceba; diz e faz uma coisa apesar de estar a pensar noutra; conhece perfeitamente os gostos e os cumprimentos do mundo; sabe ir de acordo com todos para alcançar os próprios objetivos, sem se preocupar absolutamente nada com a honra e glória de Deus; estabelece um secreto e funesto acordo entre a verdade e a mentira, entre o Evangelho e o mundo, entre a virtude e o pecado, entre Jesus Cristo e Belial; quer fazer-se passar por honesto nas obras, mas sem sê-lo; despreza, interpreta mal ou condena com leviandade todas as práticas de piedade que não vão de acordo com as suas.

O sábio mundano, enfim, é alguém que, deixando-se guiar apenas pela luz dos sentidos e da razão humana, procura simplesmente rodear-se de aparências de cristão e de homem de bem, sem se preocupar minimamente em agradar a Deus ou em expiar, pela penitência, os pecados cometidos contra a sua divina Majestade.

77. São sete as razões de fundo que o sábio mundano considera inocentes e sobre as quais se baseia para levar uma vida tranquila. São elas: a dita palavra de honra, o “que irá dizer-se?”, a moda, a boa mesa, o interesse pessoal, o achar-se importante, o dar-se ares de graça.

E há ainda sete virtudes especiais em que se apoia, para ser canonizado pelos mundanos: a valentia, a delicadeza, a diplomacia, a astúcia, a galanteria, a cortesia, a jovialidade.

Considera, porém, serem pecados enormes: a insensibilidade, a simplicidade, a pobreza, a rudeza, a beatice.

78. Observa com a maior fidelidade possível os mandamentos ditados pelo mundo, ou sejam:





- 1) Conhecerás bem o mundo;
- 2) Viverás como homem honrado;
- 3) Orientarás bem os teus negócios;
- 4) Guardarás bem o que te pertence;
- 5) Procurarás sair das trevas;
- 6) Procurarás ganhar-te amigos;
- 7) Frequentarás a alta sociedade;
- 8) Comerás e viverás bem;
- 9) Não darás ocasião a melancolias;
- 10) Evitarás a singularidade, a rudeza, a beatice.

79. Jamais o mundo esteve tão corrupto como nos dias de hoje, também porque nunca foi tão sagaz, tão sábio à sua maneira, e tão manhoso. Sabe usar sorrrateiramente a verdade para inspirar a mentira, a virtude para autorizar o pecado, as máximas de Jesus Cristo para legitimar as próprias, a ponto de conseguir enganar até mesmo as almas mais esclarecidas numa linha de Deus.

Infinito é o número de insensatos⁹⁰, ou seja, dos sábios segundo o mundo que, aliás, são insensatos segundo Deus.

II. TRÍPLICE ASPECTO DA SABEDORIA MUNDANA

80. A sabedoria terrestre, de que fala São Tiago, consiste no amor pelos bens da terra. Os sábios, segundo o mundo, professam no seu íntimo essa sabedoria sempre que deixam apegar o coração aos seus próprios bens; ou quando tudo fazem para se tornar ricos; ou quando promovem processos e fazem intriga política para conseguir ou conservar riquezas. Quando, na maior parte das vezes, pensam, falam e agem, é somente em vista de ter ou conservar algum bem temporal, ao passo que —

90. O autor refere este texto segundo a Vulgata.





no que se refere à salvação, e aos meios para alcançá-la, como sejam, a confissão, a comunhão, a oração, etc. — sim, dão-lhe uma leve atenção, fazem-no com ligeireza, por puro formalismo, com irregularidade e apenas para tranquilizarem a consciência e salvarem as aparências.

81. A sabedoria carnal é o amor pelo prazer. Os sábios segundo o mundo professam essa sabedoria quando não procuram senão o prazer dos sentidos; quando têm prazer em comer e beber; quando afastam de si tudo o que eventualmente possa mortificar e incomodar o corpo, como sejam jejuns, mortificações, etc.; quando, habitualmente, pensam só em comer, em beber, em jogar, em rir, em divertir-se e a passar gozosamente o seu tempo; quando procuram leitos aconchegados, jogos divertidos, festins agradáveis e belas companhias.

E só depois de terem gozado, sem escrúpulo, de todas essas satisfações, conseguidas com o aplauso do mundo e sem prejudicar a saúde, é que vão procurar um confessor, o menos escrupuloso possível — é assim que eles consideram aqueles confessores relaxados que não cumprem bem o seu dever —, para obterem dele, a baixo preço, a paz em suas vidas sensuais e efeminadas, e ainda a indulgência plenária para todos os seus pecados.

Digo “a baixo preço” porque, habitualmente, estes sábios mundanos não querem por penitência senão algumas orações ou esmolas, detestando tudo quanto possa mortificar o corpo.

82. A sabedoria diabólica é o amor pela estima, pelas honrarias.

Os sábios, segundo o mundo, professam essa sabedoria sempre que aspiram, ainda que disfarçadamente, às grandezas, às honrarias, aos títulos e cargos importantes; quando procuram dar nas vistas, granjear estima, fazer-se aplaudir e elogiar pelos homens; quando no estudo, no trabalho, nas lutas, nas palavras e nas obras não têm em vista senão a estima e os aplausos dos





homens, fazendo-se passar por pessoas de obras, gente culta, grandes líderes, sábios magistrados, enfim, gente de méritos infinitos e distintos ou de grande consideração; quando não suportam o menor desprezo e desconsideração; quando escondem os seus próprios defeitos e fazem realçar os méritos.

83. Com nosso Senhor Jesus Cristo, Sabedoria encarnada, deveremos detestar e condenar essas três espécies de falsa sabedoria e esforçar-nos por adquirir a verdadeira.

Esta não procura o seu proveito próprio, não estabelece raízes no terreno e no coração de quantos vivem comodamente, e considera abominável tudo o que, diante dos homens, é grande e importante.

III. A SABEDORIA NATURAL

84. Além da sabedoria mundana, que é perniciosa e é de condenar, há ainda a sabedoria natural entre os filósofos.

Era esta sabedoria natural que os antigos Egípcios e Gregos procuravam assiduamente: “Os Gregos buscam a sabedoria”⁹¹. E aquele que tivesse alcançado tal sabedoria era chamado mago ou sábio. Tal sabedoria consistia num conhecimento eminente da natureza, nos seus princípios. Foi comunicada na sua plenitude a Adão, no seu estado de inocência; e foi dada em abundância a Salomão; no decorrer dos séculos, mais um ou outro grande personagem a recebeu, como refere a história.

85. Os filósofos exaltam os princípios da sua filosofia como meio para se alcançar tal sabedoria.

Os alquimistas⁹² exaltam os segredos da sua “cabala” como

91. 1 Cor 1, 22.

92. A alquimia é uma ciência oculta, desenvolvida a partir da idade média até ao século XVII, com que se pretendia conseguir a transformação dos metais em ouro, e ainda a invenção de todo o remédio para qualquer mal.





sendo capaz de descobrir a pedra filosofal, na qual imaginam estar encerrada esta sabedoria.

É verdade que a filosofia das Escolas, se estudada com um olhar cristão, abre o espírito, tornando-o capaz de ciências superiores; mas ela jamais poderá comunicar a tal pretendida sabedoria natural, tão famosa na antiguidade.

86. A química ou alquimia, ou seja, a ciência capaz de dissolver os próprios corpos naturais e reduzi-los aos seus princípios, é ainda mais vã e falaciosa.

Tal ciência, ainda que verdadeira em si mesma, levou ao engano uma infinidade de pessoas, em relação ao que ela se propunha; e eu não tenho dúvidas, por experiência pessoal adquirida, que o demônio se sirva dela ainda hoje para, a muitas pessoas, fazê-las gastar tempo e dinheiro, graça e até a alma, com o pretexto de encontrarem a pedra filosofal. Não existe ciência que prometa maiores realizações e com meios mais artificiosos do que os propostos por esta ciência.

Promete a pedra filosofal ou um pó que apelidam “de projeção” que, lançado para cima de qualquer metal em estado de fusão, transforma-o em ouro ou prata; fazem recuperar a saúde, sarando as enfermidades e até, inclusivamente, poderá prolongar a vida e realizar uma infinidade de prodígios que os imbecis apelidarão de divinos e milagrosos.

Há ainda um grupo de pessoas que se dizem dotadas de tal ciência: são os chamados “cabalistas”. Estes conseguem conservar de tal maneira ocultos os mistérios da mesma, que preferem morrer a ter de revelá-los.

87. Legitimam as suas sentenças da seguinte forma:

1) Recorrendo à história de Salomão para afirmar que este terá recebido o segredo da pedra filosofal e a quem atribuem





um livro, tão falso como pernicioso, intitulado “A clave de Salomão”⁹³;

2) Recorrendo à história de Esdras, a quem Deus terá dado a beber um licor celestial, através do qual terá recebido a Sabedoria, tal como vem narrado no livro VII de Esdras⁹⁴;

3) Recorrendo à história de Raimundo Lulo e de outros filósofos famosos, que eventualmente tenham afirmado que encontraram a tão falada pedra filosofal⁹⁵;

4) Finalmente, e para melhor poderem encobrir os truques debaixo de um manto de piedade, afirmam tratar-se de um dom de Deus, e que Deus dá somente àqueles que o pedirem durante muito tempo, e desde que o mereçam com sacrifícios e orações.

88. Se referi aqui os sonhos e ilusões desta ciência vã, é para que não vos deixeis enganar como tantos outros: com efeito, conheço muitos que, depois de terem feito grandes esforços e perdido um tempo infinito à procura deste segredo, sob os mais belos e piedosos pretextos do mundo, e da forma mais devota, eis que se viram na obrigação de se arrependerem, vindo a reconhecer os enganos e ilusões sofridas.

Pessoalmente não acredito na possibilidade da existência da pedra filosofal. O sábio Del Rio⁹⁶ dá-a como um dado adquirido e até o prova; outros negam-na. Seja como for, não é conveniente e é até pernicioso que um cristão se empenhe a procurá-la.

93. Este livro é uma parte de Sépher Yézirah (Livro da Criação) que, juntamente a outro intitulado Sépher Zorah (Livro da Luz) formam o tal manual da Cabala. Estes livros foram escritos muito depois da morte de Jesus Cristo, ao passo que Salomão morreu no ano de 933 antes de Cristo.

94. Livro apócrifo, atribuído falsamente a Esdras. Não pertence à Bíblia.

95. Raimundo Lulo (1235-1315) e outros pensadores cristãos do século XV e XVI sofreram a influência da Cabala.

96. Martin del Rio, s.j. (1551-1608) foi amigo de Justo Lúpsio (VD 40) e publicou em 1599 o livro *Disquisitionum magicarum libri sex*, onde apresenta a eficácia da alquimia.





Isso é injuriar Jesus Cristo, Sabedoria encarnada, no qual estão escondidos todos os tesouros da Sabedoria e da ciência de Deus⁹⁷, todos os bens da natureza, da graça e da glória. Seria ainda desobedecer ao Espírito Santo que diz: “Não te ocupes com coisas misteriosas”⁹⁸.

IV. CONCLUSÃO

89. Fiquemos, pois, com Jesus Cristo, Sabedoria eterna e encarnada, fora do qual há só cegueira, mentira e morte: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”⁹⁹.

Vejamos a seguir, os efeitos da Sabedoria nas almas.

CAPÍTULO VIII

EFEITOS MARAVILHOSOS DA SABEDORIA ETERNA NAS ALMAS QUE A POSSUEM¹⁰⁰

90. Sendo esta beleza soberana, por natureza, amante do bem¹⁰¹, sobretudo do bem do homem, encontra o seu maior prazer ao comunicar-se a ele. Por isso diz o Espírito Santo que ela procura, entre os vários povos, pessoas dignas dela, e que se difunde e derrama nas almas santas¹⁰²; foi precisamente essa comunicação da Sabedoria eterna que plasmou os amigos de Deus e os profetas.¹⁰³

97. Cl 2, 3.

98. Eclo 3, 22.

99. Jo 14, 6.

100. Mais do que em qualquer outro capítulo, Montfort desenvolve aqui a sua experiência íntima de união à Sabedoria.

101. Sb 7, 22.

102. Sb 7, 27.

103. Cf. Sb 7, 27.





Em tempos antigos ela entrou na alma do servo de Deus, Moisés, comunicando-lhe uma abundante luz para ver coisas maravilhosas e concedeu-lhe um poder extraordinário, capaz de operar milagres e de alcançar vitórias: “Entrou na alma de um servo do Senhor, com prodígios e sinais enfrentou reis temíveis”¹⁰⁴.

Quando a Sabedoria divina entra numa alma, leva consigo toda a espécie de bens e comunica-lhe inumeráveis riquezas: “Com ela me vieram todos os bens; de suas mãos veio-me uma riqueza incalculável”¹⁰⁵.

É o testemunho que Salomão rende à verdade depois de ter recebido a Sabedoria.

91. Entre as inumeráveis operações realizadas numa alma pela Sabedoria, muitas das vezes de forma tão suave e discreta que nem sequer a alma se apercebe¹⁰⁶, eis aqui as que nos parecem mais frequentes:

92. 1) A Sabedoria eterna comunica o seu espírito, que é todo luz, à alma que a possui: “Por isso supliquei, e inteligência me foi dada; invoquei, e o espírito da Sabedoria veio a mim”¹⁰⁷.

Com este espírito sutil e penetrante¹⁰⁸ o homem torna-se, tal como Salomão, juiz de todas as coisas, com grande espírito de discernimento e perscrutação: “Nos julgamentos há de luzir a minha agudeza, excitarei a admiração dos soberanos”¹⁰⁹.

104. Sb 10, 16.

105. Sb 7, 11.

106. Cf. o n. 53; mais do que uma vez Montfort insiste no aspecto imperceptível da ação de Deus.

107. Sb 7, 7

108. Cf. Sb 7, 22-24

109. Sb 8, 11





93. Comunica ao homem a grande ciência dos santos¹¹⁰ e as outras ciências naturais, mesmo as mais ocultas, desde que sejam para seu proveito: “Se alguém ambiciona uma rica experiência, ela conhece o passado e adivinha o futuro, conhece a sutileza dos discursos e a solução dos enigmas”¹¹¹.

A Jacó “Ela deu a conhecer as coisas santas”¹¹².

A Salomão comunicou a verdadeira ciência de toda a natureza: “Deu-me um conhecimento infalível das coisas”¹¹³; revelou-lhe uma infinidade de segredos que jamais alguém tenha tido conhecimento: “Tudo conheço, oculto ou manifesto”¹¹⁴.

94. Foi nessa fonte inesgotável de luz que os grandes Doutores da Igreja —entre outros São Tomás de Aquino, tal como ele próprio o afirma¹¹⁵— foram beber os seus admiráveis conhecimentos com os quais se tornaram autores recomendáveis.

E observe-se que, as luzes e noções que provêm da Sabedoria, não são conhecimentos áridos, estéreis e carentes de devoção mas, pelo contrário, são cheios de inspiração, cheios de unção, operantes e pios; tocam e alegam o coração, iluminando ainda a mente.¹¹⁶

95. 2) A Sabedoria não comunica ao homem a luz apenas para que ele conheça a verdade, mas dá-lhe ainda a estupenda

110. Tal como refere Blain, Montfort teve também a experiência destes dons do Espírito Santo na altura dos seus estudos teológicos em Paris. Escreve esse autor e companheiro de Montfort: “Ele tinha, na verdade, um grande espírito de perscrutação, e teria certamente brilhado se tivesse continuado a estudar na Sorbona. Mas ele preferiu a ciência dos santos à teologia” (*Abbrégé de la vie, de L. M. Grignon de Montfort*, art. 19, n. 56).

111. Sb 8, 8.

112. Sb 10, 10.

113. Sb 7, 17.

114. Sb 7, 21.

115. Guilherme de Tocco, no seu livro “*Vida de São Tomás*”, refere ter-lhe este confessado que nunca lera algum livro que não lhe tenha captado a doutrina, graças à iluminação do Espírito Santo.

116. Veja o n. 58.





capacidade de torná-la conhecida também por outros: “O espírito do Senhor... sabe tudo o que se diz”¹¹⁷.

A Sabedoria conhece tudo o que se diz e comunica a ciência para que se possa exprimi-lo bem; com efeito, “a Sabedoria abriu a boca dos mudos e tornou eloquente a voz dos pequeninos”¹¹⁸.

Ela soltou a língua tartamuda de Moisés. Comunicou o dom da palavra aos profetas “para arrancar e para destruir, para exterminar e para demolir, para construir e para plantar”¹¹⁹, ainda que eles confessassem de não saber falar melhor do que uma criança, quando abandonados a si mesmos.

Foi a Sabedoria que deu aos Apóstolos a facilidade para poderem pregar o Evangelho por toda a parte e de anunciar as maravilhas de Deus¹²⁰, colocando-lhes na língua palavras apropriadas¹²¹. Visto que a Sabedoria divina é palavra desde toda a eternidade e no tempo, tem falado sempre, e tudo foi criado e restaurado através da sua palavra. Falou por meio dos Profetas, por meio dos Apóstolos, e continuará a falar até ao fim dos tempos pela boca daqueles a quem se comunicar¹²².

96. Porém, as palavras que a Sabedoria comunica, não são palavras comuns, naturais e humanas; são palavras divinas: “Depois de haverdes recebido a palavra de Deus, por nós pregada, a aceitastes, não como palavra de homem, mas como Palavra de Deus”¹²³; são palavras enérgicas, comoventes, penetrantes: “A

117. Sb 1, 7; a Liturgia de Pentecostes aplica este texto ao dom das línguas.

118. Sb 10, 21.

119. Jr 1, 10.

120. At 2, 11.

121. Veja hino *Veni, Creator...*

122. Também Montfort recebeu este dom, tal como ele próprio confidenciou ao seu diretor espiritual (Carta 11); dom que ele prevê vir a ser igualmente comunicado aos seus futuros missionários (OA 22), os apóstolos dos últimos tempos (VD 57), aos quais prescreve que deverão pregar segundo a sabedoria de Deus (RM, 61-65).

123. 1 Ts 2, 13.





palavra de Deus é viva, eficaz e mais penetrante que uma espada de dois gumes”¹²⁴; partem do coração daquele através do qual fala e penetram até ao fundo do coração de quem escuta.

Foi este o dom da Sabedoria que Salomão recebera quando escreveu que Deus lhe concedera a graça de falar segundo o que sentia no seu coração: “Que Deus me conceda falar com inteligência”¹²⁵.

97. Eis as palavras com que Cristo fez a seguinte promessa aos seus Apóstolos:

“Dar-vos-ei eloquência e sabedoria, às quais nenhum dos vossos adversários poderá resistir, nem contradizer”.¹²⁶

Oh!..., quão poucos são, hoje, os pregadores que possuem este inefável dom da palavra, podendo dizer com São Paulo: “Falamos duma Sabedoria divina”¹²⁷.

A maior parte prega segundo as luzes naturais da sua própria inteligência e em conformidade aos livros que leram, mas certamente não segundo os dons recebidos do alto¹²⁸, ou seja, segundo aquilo que a Sabedoria lhes deu a conhecer, ou segundo a *abundância do seu coração*¹²⁹, ou segundo a abundância divina que a Sabedoria lhes comunica. Por isso, vêem-se hoje bem poucas conversões operadas pela palavra!

Se um pregador tivesse recebido, de verdade, da Sabedoria, este dom de pregar, certamente os ouvintes não poderiam resistir-lhe, tal como noutros tempos: “Não podiam resistir à Sabedoria e ao Espírito com que ele falava”¹³⁰.

124. Hb 4, 12.

125. Sb 7, 15.

126. Lc 21, 15.

127. 1 Cor 2, 7.

128. Sb 7, 15.

129. Mt 12, 34.

130. At 6, 10.





Um pregador assim falaria com tal suavidade e, ao mesmo tempo, com tal autoridade — *ensinava-os com autoridade*¹³¹ — que a sua palavra não regressaria vazia e sem obter o seu efeito¹³².

98. 3) Sendo a Sabedoria eterna o objeto da felicidade e das complacências do Pai e, ao mesmo tempo, a alegria dos anjos, ela é para o homem que a possui, princípio das mais raras doçuras e consolações. Comunica-lhe o gosto pelas coisas de Deus e retira-lhe o gosto pelas criaturas. Alegria o seu espírito com o resplendor das suas iluminações.

Derrama no seu coração a alegria, a doçura e a paz mais indizíveis, mesmo entre as mais penosas amarguras e tribulações, tal como São Paulo o testemunhava, afirmando: “Estou cheio de consolo, transbordo de alegria em toda a nossa tribulação”¹³³.

E Salomão: “Entrando em casa repousarei ao seu lado, seu convívio não provoca amargura, sua intimidade não deprime, mas regozija e alegria¹³⁴... De todos estes bens saboreei, pois é a Sabedoria quem os traz¹³⁵... e na sua amizade existe excelente alegria”¹³⁶, ao passo que as alegrias e prazeres que se possam receber das criaturas são só aparências de prazeres e aflições de espírito.

99. 4) Quando a Sabedoria eterna se comunica a uma alma, derrama nela todos os dons do Espírito Santo e todas as grandes virtudes, ou sejam:

131. Mt 7, 29.

132. Cf. Is 55, 11.

133. 2 Cor 7, 4.

134. Sb 8, 16.

135. Sb 7, 12.

136. Sb 8, 18.





— as virtudes cardeais: temperança sóbria, uma prudência requintada, justiça perfeita e uma fortaleza invencível;

— as virtudes morais: uma religião perfeita, profunda humildade, suave doçura, obediência cega, desapego total, mortificação contínua, oração sublime, etc.

São estas as virtudes admiráveis e os dons celestiais que o Espírito Santo enumera maravilhosamente e em poucas palavras, quando afirma: “Se alguém ama a justiça, as virtudes são seus frutos pois é ela que ensina a temperança e a prudência, a justiça e a fortaleza que são, na vida, os bens mais úteis aos homens”¹³⁷.

100. 5) Finalmente, não existindo nada mais dinâmico do que a Sabedoria — “A Sabedoria é mais ágil que qualquer movimento”¹³⁸ — não deixará adormecer no tédio e na negligência aqueles que têm a sorte da sua amizade. Inflama-os completamente; inspira-lhes grandes projetos para a glória de Deus e salvação das almas; e, para pô-los à prova e torná-los ainda mais dignos deles mesmos, proporciona-lhes grandes combates e reserva-lhes contradições e obstáculos em quase tudo aquilo que empreendem. Ora permite ao demônio tentá-los, ora ao mundo de caluniá-los e desprezá-los, ora aos seus inimigos de superá-los e abatê-los, ora aos seus amigos e até parentes de abandoná-los e traí-los.

Aqui procura-lhes uma perda de bens, acolá uma doença... aqui uma injustiça, além uma tristeza e um abatimento. Numa palavra: põe-os à prova de mil e uma maneiras, no crisol da tribulação.

137. Sb 8, 7.

138. Sb 7, 24.





Porém, o Espírito Santo diz:

“Ainda que aos olhos dos insensatos parecia sofrerem castigos, mas a sua esperança estava cheia de imortalidade; por um pequeno castigo hão de receber grandes favores; colocou-os à prova e achou-os dignos de si; examinou-os como o ouro no crisol e aceitou-os como perfeito holocausto. No tempo de sua visita resplandecerão¹³⁹... A Sabedoria guiou, por caminhos planos, o justo que fugia à ira do irmão... Assistiu-o contra opressores cobiçosos e enriqueceu-o; guardou-o de seus inimigos, defendeu-o de quantos o assediavam; deu-lhe um prêmio numa áspera batalha, para ensinar-lhe que a piedade é mais forte do que tudo.”¹⁴⁰

101. Lê-se na vida do beato Henrique Susão¹⁴¹, dominicano, que o seu desejo de alcançar a Sabedoria eterna era de tal maneira intenso que se ofereceu a ela, por diversas vezes, dispondo-se a sofrer toda a espécie de tormentos, na condição de alcançar os seus favores.

“É que — interrogava-se ele — não será verdade que os namorados suportam milhares e milhares de provas em prol daquela que é o objeto do seu amor? Tornam-se-lhes doces as vigílias, agradáveis as fadigas e o trabalho é repouso quando estão certos de que a amada se sentirá agradecida e satisfeita. Se os homens fazem tudo isso para contentar uma pobre criatura, será que te enches de vergonha pela tua falta de empenho na aquisição da Sabedoria? Oh Sabedoria eterna!...

139. Sb 3, 4-7.

140. Sb 10, 10-12.

141. Heirich De Berg (1295-1366), cujo apelido era Susão, do nome da mãe, foi um dominicano alemão; escritor espiritual e pregador insigne, teve muita influência na Igreja do seu tempo e até depois. Veio mais tarde a ser beatificado.





Não, jamais retrocederei no teu amor, ainda que, para chegar à tua mansão, eu tenha que passar com a minha cabeça entre matagais e espinhos, para chegar ao lugar do teu repouso...; ainda que eu tenha de sujeitar-me ao espetáculo de mil e um tormentos sofridos no corpo e na alma... Sim, apesar disso tudo, eu apreciarei a tua amizade acima de qualquer outro bem, e te deixarei reinar absolutamente sobre todos os meus afetos.”

102. Alguns dias depois, encontrando-se de viagem, caiu em poder de salteadores, que o maltrataram, reduzindo-o a um estado tão lastimoso que, até os próprios carrascos acabaram por revelar-lhe compaixão. Então, Henrique, vendo-se em tal estado e privado de todo o socorro, caiu em profunda melancolia; esquecendo o seu propósito de ser corajoso nas provações, pôs-se a chorar, interrogando-se sobre o porquê Deus o deixava sofrer daquela maneira. E, enquanto lutava com tais pensamentos, adormeceu. Ao amanhecer, porém, ouviu uma voz que o repreendia, dizendo: “Eis aí o nosso herói, aquele que é capaz de arrasar montanhas, trepar rochedos, conquistar cidades, matar e despedaçar os inimigos, desde que tudo lhe corra bem...; mas que, na hora da provação, já não tem nem coragem, nem braços, nem pernas!... É leão só no tempo da consolação; mas, em tempo de adversidade, ele é um cervo pusilânime. A Sabedoria, porém, não dá a sua amizade a gente preguiçosa e covarde como esta!”

Diante de tal reprovação, eis que o beato Henrique confessou a falta que tinha cometido em lastimar-se excessivamente, e suplicou à Sabedoria que lhe permitisse desafogar o seu coração com o pranto. “Não, não! — retorqui-lhe aquela voz — já que, se assim fosse, todos os bem-aventurados do céu perderiam por ti toda a afeição se tu — tal como um menino ou uma menina — te pusesses a chorar.

Enxuga, pois, os teus olhos e mostra um rosto sereno!...”





103. A cruz é, portanto, o patrimônio e a recompensa de quantos desejam e possuem a Sabedoria eterna. Esta amável soberana, porém — que tudo fez em número, peso e medida — não envia cruzes aos seus amigos senão na proporção das suas forças; ainda assim, derrama tal doce unção sobre as suas cruzes, que elas acabam por tornar-se-lhes fonte de delícias.¹⁴²

CAPÍTULO IX

ENCARNAÇÃO E VIDA DA SABEDORIA ETERNA

I. ENCARNAÇÃO DA SABEDORIA ETERNA

104. Tendo o Verbo eterno, a Sabedoria divina, decidido em conselho da Santíssima Trindade de fazer-se homem para restaurar a humanidade decaída, deu a conhecer a Adão — segundo se crê, e prometeu aos antigos patriarcas, como refere a Sagrada Escritura — que a sua encarnação destinava-se a resgatar a humanidade.

Por isso, no decorrer dos vários milhares de anos que se passaram depois da criação do mundo, todos os santos do Antigo Testamento suplicavam com fervorosas preces que viesse o Messias!

Gemiam, choravam e gritavam:

“Chovei, ó céus, lá do alto;
derramem as nuvens a justiça.”¹⁴³

“Ó Sabedoria, que procedes da boca do Altíssimo,... vem libertar-nos!”¹⁴⁴

142. Cf. VD 153-154, onde Montfort escreve que a Senhora suaviza e adoça as muitas cruzes dos seus servos fiéis “no açúcar da sua própria doce materna”.

143. Is 45, 8.

144. Antífona do Magnificat a 17 e 18 de dezembro.





Porém, os gritos, as súplicas e os seus sacrifícios não tiveram força suficiente para atrair do seio do Pai a Sabedoria eterna, o Filho de Deus.¹⁴⁵

Erguiam os braços ao céu, mas não eram suficientemente longos para alcançarem o trono do Altíssimo. Ofereciam a Deus sacrifícios contínuos, inclusivamente os seus próprios corações, mas o seu mérito não era suficientemente grande para alcançarem uma graça tão extraordinária.

105. Por fim, quando chegou a hora de realizar a redenção da humanidade, a divina Sabedoria construiu para si uma casa¹⁴⁶, uma habitação que fosse digna de si própria. Criou e formou a divina Maria no seio de Santa Ana, e esta criação deu-lhe uma maior alegria do que o experimentado quando da criação do universo.

É impossível expressar os inefáveis dons da Santíssima Trindade concedidos a esta bela criatura, assim como descrever o grau de fidelidade com que Maria correspondeu à graça do seu Criador.

106. A torrente impetuosa da bondade infinita de Deus, bruscamente interrompida pelos pecados da humanidade, desde o início da criação do mundo, derramou-se com intensidade e em plenitude no coração de Maria. A Sabedoria eterna deposita nela todas as graças que, na sua generosidade, teria dado a Adão e seus descendentes, caso tivessem permanecido na justiça original.

Enfim — como diz um santo¹⁴⁷ — toda a plenitude da divindade se derramou em Maria, consoante uma criatura era capaz de recebê-la.

145. Cf. VD 16.

146. Pr 9, 1.

147. Abade Guérico, PL 185-196; São Bernardo, PL 183, 81.





Ó Maria!... Obra-prima do Altíssimo! Ó milagre da Sabedoria eterna! Ó prodígio do Onipotente! Ó abismo de graça!...

Confesso, com todos os santos, que só Deus, só aquele que te criou, poderá compreender a altura, a largura e a profundidade das graças que te comunicou.¹⁴⁸

107. Em catorze anos de vida, teve a divina Maria um tal crescimento em graça e sabedoria de Deus e uma tão perfeita fidelidade ao seu amor, que provocou admiração não só aos Anjos, mas até ao próprio Deus.

A sua humildade levada até ao esvaziamento encantou o Criador; a sua pureza, toda divinal, cativou-o; a sua fé viva e as suas frequentes e amorosas orações exerceram nele uma doce violência.

A Sabedoria foi vencida por tão amorosas súplicas.

Justamente, exclama Santo Agostinho: “Oh! quão grande foi o amor daquela que venceu o Onipotente”¹⁴⁹.

Ó maravilha! Querendo a Sabedoria descer do seio do Pai para entrar no seio de uma virgem, para aí repousar entre os lírios da sua pureza, e querendo tornar-se homem nela e confiar-se inteiramente também a ela, eis que lhe enviou o arcanjo Gabriel a saudá-la e revelar-lhe que ela tinha conquistado o seu coração; portanto, desejava tornar-se homem nela, desde que desse o seu consentimento.

O Arcanjo cumpriu a sua missão: assegurou a Maria que ela ficaria virgem apesar de vir a tornar-se mãe, e obteve — apesar da resistência da sua profunda humildade — um cordial e inefável consentimento, que a Santíssima Trindade, os anjos e todo o universo esperavam há muitíssimos séculos. E Maria, inclinando-se diante do seu Criador, respondeu: “Eis aqui a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra”¹⁵⁰.

148. VD 7.

149. É mais provável que esta citação tenha origem em Ricardo de São Vítor (PL 196, 483).

150. Lc 1, 38.





108. Note-se que, no mesmo instante em que Maria dava o seu consentimento para se tornar mãe de Deus, realizaram-se diversos prodígios. O Espírito Santo formou, do mais puro sangue do coração de Maria, um minúsculo corpo, estruturando-o com perfeição; Deus criou a alma mais perfeita e nunca antes criara uma assim com tanta perfeição; a Sabedoria eterna, o Filho de Deus, uniu-se, em pessoa real¹⁵¹, àquele minúsculo corpo e àquela alma. E assim se realizou a maior das maravilhas tanto do céu como da terra, o prodigioso excesso do amor de Deus: “E o Verbo fez-se carne”¹⁵². A Sabedoria eterna encarnou. Deus fez-se homem sem deixar de ser Deus. E este Homem-Deus chama-se Jesus Cristo, ou seja, Salvador.

II. VIDA DA SABEDORIA ENCARNADA

Vejamos agora aqui o resumo da sua vida divina.

109. 1) O Filho de Deus quis nascer numa mulher casada, ainda que verdadeiramente virgem, para que não pudesse vir a ser considerado fruto de uma relação ilícita, e ainda por outras razões muito importantes referidas pelos santos Padres. A sua concepção foi anunciada à Santíssima Virgem pelo arcanjo Gabriel, como já dissemos. Jesus Cristo tornou-se filho de Adão, sem, contudo, herdar o seu pecado.

110. 2) A encarnação realizou-se numa sexta-feira, a 25 de março. E o Salvador do mundo veio a nascer a 25 de dezembro, na cidade de Belém, num pobre estábulo, tendo sido uma manjedoura a servir-lhe de berço.

151. Montfort escreve: “em verdade de pessoa”.

152. Jo 1, 14.





Um anjo anunciou a alguns pastores, que guardavam os seus rebanhos nos campos das redondezas, o nascimento do Salvador, recomendando-lhes que fossem a Belém adorá-lo. Estes, entretanto, ouviram um coro celestial de anjos cantando: “Glória a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens por ele amados”¹⁵³.

111. 3) Ao oitavo dia foi circuncidado, segundo a lei de Moisés, mesmo que a isso não fosse obrigado, tendo recebido o nome de Jesus, tal como tinha sido antes estabelecido pelo céu. Três Magos, vindos do Oriente, vieram adorá-lo, depois de terem sido avisados extraordinariamente por uma estrela, que os guiou até Belém. Esta festa é chamada Epifania, que quer dizer manifestação de Deus; celebra-se a 6 de janeiro.

112. 4) Ele mesmo quis ser apresentado ao Templo 40 dias após o seu nascimento, e cumprir tudo quanto a lei de Moisés ordenava a respeito do resgate dos primogênitos.

Algum tempo depois, um anjo avisou José, esposo da Santíssima Virgem, para que tomasse o menino Jesus e sua mãe e fugissem para o Egito, evitando assim a fúria de Herodes. José obedeceu.

Alguns autores afirmam que Nosso Senhor ficou dois anos no Egito, outros três, e outros ainda — como Barónio — até oito. A sua estadia ali santificou todo aquele país, tornando-o digno de vir mais tarde a ser povoado por santos anacoretas.

Refere Eusébio que, com a entrada de Jesus no Egito, fugiram os demônios. E Santo Atanásio acrescenta que os ídolos foram destronados.

113. 5) Na idade de 12 anos, o Filho de Deus travou uma discussão com um grupo de doutores da Lei, revelando tal sabedoria que deixou maravilhados todos os seus ouvintes.

153. Lc 2, 14





Após este acontecimento, a história sagrada não mais voltará a falar nele até ao seu batismo, que se efetuou quando tinha 30 anos. Depois retirou-se para o deserto, jejuou durante 40 dias e 40 noites, sem comer nem beber. Foi também aí que lutou com o demônio, mas saindo vencedor.

114. 6) Deu depois início à sua pregação na Judeia, chamou os Apóstolos e realizou todos aqueles maravilhosos prodígios que vêm mencionados nos textos sagrados. Bastará referir que, durante o terceiro ano da sua pregação — quando tinha 33 anos de idade — Jesus ressuscitou Lázaro, teve uma entrada triunfal em Jerusalém a 29 de março e, a 2 de abril seguinte, uma quinta-feira, 14 do mês de Nisã, celebrou a Páscoa com seus discípulos, lavou os pés aos Apóstolos e instituiu o santíssimo sacramento da Eucaristia sob as espécies de pão e de vinho.

115. 7) Na noite do mesmo dia foi capturado pelos seus inimigos, chefiados por Judas, o traidor. No dia seguinte, 3 de abril, apesar de ser dia festivo, foi condenado à morte depois de flagelado, de coroado de espinhos e de tratado com extrema ignomínia. Naquele mesmo dia, foi conduzido ao Calvário e pregado numa cruz, entre dois malfeitores.

Assim quis morrer o Deus da inocência, com a mais ignominiosa das mortes, e padecer o suplício que dizia respeito a um ladrão chamado Barrabás, a quem os judeus deram preferência.

Dizem os santos Padres que Jesus foi pregado na cruz com quatro pregos e que, no meio da mesma, sobressaía uma porção de madeira em forma de assento, sobre o qual se apoiava o corpo.

116. 8) O Salvador do mundo, após três horas de agonia e aos trinta e três anos de idade, expirou.

José de Arimateia teve a coragem de ir pedir o corpo a Pilatos, indo depositá-lo num sepulcro novo que ele próprio tinha mandado talhar na rocha.





Não deveremos esquecer que a própria natureza manifestou dor pela morte do seu próprio autor, através de prodígios diversos que vieram a acontecer no momento em que Jesus expirava. Jesus, porém, veio a ressuscitar a 5 de abril. Apareceu por diversas vezes à sua santa Mãe e aos discípulos, durante quarenta dias, até à quinta-feira de 14 de maio, quando levou os seus discípulos até ao Monte das Oliveiras e aí, na presença deles, subiu aos céus por virtude própria, ficando à direita do Pai, depois de ter deixado na terra as marcas dos seus sagrados pés.

CAPÍTULO X

A BELEZA ENCANTADORA E A INEFÁVEL DOÇURA DA SABEDORIA ENCARNADA¹⁵⁴

117. A Sabedoria se fez homem com a finalidade única de atrair os corações dos homens à sua amizade e à sua imitação. Por isso, teve o cuidado de rodear-se de todas as amabilidades e doçuras humanas mais atraentes e encantadoras, sem qualquer defeito ou fealdade.

I. A SABEDORIA É DOCE NAS SUAS ORIGENS

118. Se a considerarmos nas suas origens, a Sabedoria não é senão bondade e doçura. É um dom do amor do Pai e fruto do amor do Espírito Santo. Nos é dada pelo amor e é formada pelo amor: “Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o seu Filho único”¹⁵⁵. Ela é, pois, toda amor ou, melhor ainda, ela é o próprio amor do Pai e do Espírito Santo.

154. Os capítulos 10 e 11 formam um corpo único. Apresentam uma das razões que, segundo o autor, levam a amar a Sabedoria eterna: a sua doçura. É este também um tema que ocupa um lugar importante noutros escritos de Montfort. O último discurso do santo missionário abordou também este mesmo argumento.

155. Jo 3, 16.





Nasceu da mais doce, da mais afetuosa e da mais bela de todas as mães, da divina Maria. Pretendes conhecer a doçura de Jesus? Procura conhecer primeiro a doçura de Maria, sua Mãe, a quem ela se assemelha pela suavidade de temperamento. Jesus é o filho de Maria, por isso, não pode haver nele nem altivez, nem arrogância, nem fealdade; infinitamente menos ainda do que em sua Mãe, já que ele é a Sabedoria eterna, a própria doçura e beleza.

II. A SABEDORIA É DOCE SEGUNDO OS PROFETAS

119. Os profetas, aos quais foi revelada com antecedência a Sabedoria encarnada, apelidam-na de “ovelha” e de “manso cordeiro”¹⁵⁶.

Predizem que, devido à sua doçura, não quebrará a cana rachada e não apagará o pavio que ainda fuma¹⁵⁷, ou seja, que até quando um pobre pecador venha a encontrar-se meio aniquilado, cego e desorientado devido aos seus pecados, e como que já com um pé no inferno, ela não deixará consumir a sua perdição, a não ser que o próprio a isso a obrigue.

São João Batista, que viveu no deserto por um período de quase trinta anos para merecer, com a sua penitência austera, o conhecimento e o amor da Sabedoria encarnada, quando a enxergou, exclamou de imediato, apontando-a, de dedo erguido, aos discípulos: “Eis o cordeiro de Deus, eis aquele que tira o pecado do mundo!”¹⁵⁸

156. Jr 11, 19.

157. Is 42, 3.

158. Jo 1, 29.





Na verdade, não disse como parece que deveria ter dito: “Eis o Altíssimo, eis o Rei da glória, eis o Onipotente...” mas, porque melhor do que ninguém, no presente e no passado, conhecia a Sabedoria, por isso disse: “Eis o cordeiro de Deus, eis a Sabedoria eterna que, para inebriar os corações e apagar os nossos pecados, uniu a si todas as doçuras divinas, humanas, celestiais e terrenas!”.

III. A SABEDORIA É DOCE NO PRÓPRIO NOME

120. Mas o que nos indica o nome de Jesus, que é o nome próprio da Sabedoria encarnada, senão uma caridade ardente, um amor infinito e uma doçura encantadora?

Jesus “Salvador”, ou seja, “aquele que salva o homem”; aquele cuja característica específica é amar e salvar o homem:

*“Nada se canta de mais suave,
nada se ouve com mais encanto,
nada se pensa de mais doce
do que Jesus, o Filho de Deus!”¹⁵⁹*

Oh!... quão doce é ao ouvido e ao coração dum predestinado o nome de Jesus!

*“É mel na boca, é melodia nos ouvidos,
é júbilo no coração!”¹⁶⁰*

159. “Nil canitur suavius — Nil iucundius — Nil cogitatur dulcius — Quam Jesus Dei Filius!”; trata-se de um hino atribuído indevidamente a São Bernardo: cf. PL 184, 1307.

160. São Bernardo, PL 183, 847: “Mel in ore, in aure melos, in corde júbilus”.





IV. A SABEDORIA É DOCE NO SEU ROSTO

121. *“Jesus é doce no seu rosto,
doce nas palavras,
doce nas ações!”*¹⁶¹

O amabilíssimo Salvador tinha um rosto tão doce e tão bondoso, que cativava de imediato os corações e os olhos de quantos nele pousavam. Os pastores que foram visitá-lo no presépio ficaram de tal maneira encantados com a doçura e suavidade do seu rosto, que permaneceram ali dias inteiros, autenticamente extasiados, na sua contemplação.

Os reis, até mesmo os mais altivos, mal se aperceberam dos traços amorosos daquela criança, depressa depuseram a sua altivez, indo ajoelhar, sem dificuldade, aos pés do seu berço. E quantas vezes terão dito uns para com os outros: “Amigos, como é agradável estar aqui! Não temos experiência nos nossos palácios dum prazer como este, que se sente neste estábulo, a contemplar o Menino-Deus”.

Quando Jesus era ainda muito jovem, as pessoas com problemas e as crianças iam de todos os lados para o verem, para rejubilarem com ele, dizendo-se uns aos outros: “Vamos ver o pequeno Jesus, o lindo filho de Maria”. A beleza e majestade do seu rosto — já dizia São João Crisóstomo —¹⁶², era de tal maneira doce e imponente que, todos quantos o viam, não podiam senão amá-lo.

Houve reis que, vivendo muito longe e estando informados da sua beleza, fizeram questão de ter a sua imagem. Até se diz que o próprio Nosso Senhor a teria enviado, por especial favor, ao rei Abgar.

161. Santo Agostinho, *Enarratio in Ps 44*, 3: “Jesus dulcis in facie, dulcis in ore, dulcis in opere”.

162. Em *Homilia 27 in Matthaeum*, n. 2, PG 57, 346.





Alguns autores atestam que, se os soldados romanos e os judeus lhe esconderam o rosto, pois não terá sido senão para mais ousadamente o esbofetearem e maltratarem, já que dos seus olhos e do seu rosto saía um esplendor de beleza de tal maneira doce e encantador capaz de desarmar os mais cruéis.

V. A SABEDORIA É DOCE NAS PALAVRAS

122. Jesus é doce nas palavras. Enquanto vivia na terra, a todos conquistava com a doçura das suas palavras, e nunca se lhe ouviu levantar a voz, ou discutir com animosidade; enfim, tal como fora predito pelos profetas: “Ele não clamará, não levantará a voz, não fará ouvir a sua voz nas ruas”¹⁶³.

Quem o escutava desapaixonadamente sentia-se tocado pelas palavras de vida que saíam da sua boca, tanto que exclamavam: “Nunca homem algum falou assim como este homem!”¹⁶⁴; e quem, proventura, o odiava, vendo-se surpreendido pela sua eloquência e sabedoria, interrogava-se: “Donde lhe vem essa sabedoria?”¹⁶⁵

Milhares e milhares de pessoas humildes abandonaram as suas casas e famílias para irem ouvi-lo, até no interior do deserto, ficando diversos dias sem comer nem beber, saciando-se apenas da doçura das suas palavras. Foi com essa doçura de palavras, que atuavam como um íman, que Jesus cativou os Apóstolos a segui-lo, sarou os doentes mais incuráveis, e consolou os mais aflitos.

Bastou-lhe dizer a Maria Madalena: “Maria!”, para que esta ficasse repleta de alegria e de doçura.

163. Is 42, 2.

164. Jo 7, 46.

165. Mt 13, 54.





CAPÍTULO XI

A DOÇURA NO COMPORTAMENTO DA SABEDORIA ENCARNADA

VI. A SABEDORIA É DOCE EM TODO O SEU COMPORTAMENTO

123. Jesus, enfim, é doce nas suas ações e em todo o seu comportamento: “Fez bem todas as coisas”¹⁶⁶, ou seja, tudo quanto Jesus Cristo fez, realizou-o com tal maestria, sabedoria, santidade e doçura, que não é possível encontrar-lhe qualquer defeito ou falha.

Vejamos agora com quanta doçura esta amável Sabedoria encarnada se comportou em relação aos outros.

124. Os pobres e as crianças seguiam-na por toda a parte, considerando-a uma dentre eles. Viam nesse querido Salvador tanta simplicidade, benignidade, condescendência e caridade que se acotovelavam à sua volta para se aproximarem dele.

Um dia, encontrando-se a pregar numa rua, as crianças, que tinham por hábito estar junto dele, abriram fileiras aos empurrões por entre os ouvintes; e os Apóstolos, que eram os que mais perto estavam de Jesus, afastaram-nas. Jesus, porém, tendo-se apercebido, repreendeu os Apóstolos, dizendo-lhes: “Deixai vir a mim as criancinhas”¹⁶⁷. E quando estas chegaram e se aproximaram, Jesus abraçou-as e abençoou-as.

Oh!... Quão grande doçura e benignidade!

166. Mc 7, 37.

167. Mc 10, 14.





Os pobres, vendo-o vestido pobremente e vendo-o manter a simplicidade em todo o seu comportamento, sem qualquer ostentação ou arrogância, tinham prazer em estar simplesmente com ele; defendiam-no perante os ricos e orgulhosos que o caluniavam e perseguiram.

Jesus, por seu lado, dirigia-lhes, em todas as ocasiões, milhares de elogios e louvores.

125. Quem poderá explicar a doçura de Jesus para com os pecadores? Veja-se com que delicadeza tratou Madalena, a pecadora! Com que condescendência converteu a Samaritana! E com que misericórdia perdoou a mulher adúltera! Com que amor foi tomar refeições em casa de pecadores públicos, para conquistá-los! Os seus próprios inimigos aproveitaram-se desta sua doçura para persegui-lo, dizendo que, com a sua mansidão, tinha infringido a lei de Moisés. Para terem também motivos de insulto, diziam que ele era amigo de pecadores e publicanos. Com quanta bondade e humildade procurou conquistar o coração de Judas, que desejava traí-lo, a ponto de lavar-lhe os pés e chamá-lo amigo! E, por último, com que caridade pediu a Deus perdão pelos seus carrascos, desculpando-os por não saberem o que faziam!

126. Oh! Como é bela, doce e carinhosa a Sabedoria encarnada! É bela na eternidade já que é esplendor do Pai; é espelho sem mancha e imagem da sua bondade, mais bela que o sol e mais refulgente do que a própria luz. É bela no tempo porque foi formada pelo Espírito Santo, toda pura, sem pecado, sem qualquer defeito e porque, durante a vida, cativou os olhos e os corações dos homens; porque é ela presentemente a glória dos anjos; ela é terna e doce para com os homens, especialmente para com os pobres pecadores, a quem veio procurar de forma visível sobre a terra, e continua a fazê-lo, todos os dias, de modo invisível.





VII. A SABEDORIA É AINDA DOCE NA GLÓRIA

127. Não se pense que Jesus, por estar hoje glorioso e triunfante, seja menos doce e condescendente! Bem ao contrário; a sua glória, de certa maneira, aperfeiçoa a sua doçura. Ele deseja não tanto parecer, mas sim perdoar; não tanto ostentar as riquezas da glória, mas sobretudo as da misericórdia.

128. Se leres o testemunho dos acontecimentos verás que, quando a Sabedoria encarnada e gloriosa apareceu aos seus amigos, não o fez entre raios e trovões, mas de forma suave e benigna; não assumiu a majestade dum soberano ou a dum Deus dos exércitos, mas sim a ternura dum esposo e a doçura dum amigo.

Algumas vezes manifestou-se na Eucaristia, mas eu não recordo ter alguma vez lido que ela se tenha apresentado doutra forma diferente daquela dum menino terno e gracioso.

129. Algum tempo atrás, um pobre homem, zangado por ter perdido o seu dinheiro no jogo, desembainhou a espada contra o céu, culpando o Senhor por aquela súbita derrota.

Fato surpreendente! Em vez de raios e trovões que do céu deveriam ter caído sobre ele, eis que viu descer do céu um pedaço de papel que, ziguezagueando, veio cair-lhe aos pés. Surpreendido, apanhou-o; abriu-o e leu: “Tende piedade de mim, ó Deus”¹⁶⁸.

Caiu-lhe a espada das mãos e, profundamente comovido no seu coração, prostrou-se por terra, clamando misericórdia.

168. SI 50 (51), 1.





130. Conta São Dionísio Areopagita que um bispo, de nome Carpo, depois de muitos esforços, conseguiu converter um idólatra.

Informado, porém, de que outro pagão tinha conseguido depois levá-lo de novo a apostatar, decidiu fazer, durante toda uma noite, orações insistentes a Deus para que a injúria feita à majestade divina fosse vingada e pediu castigo para o culpado. Quando, porém, se encontrava no auge mais caloroso do seu zelo e da sua oração, eis que viu a terra abrir-se de rompante e viu ainda, na orla do inferno, esse apóstata e idólatra que os demônios tentavam empurrar para dentro. Erguendo os olhos ao alto, viu que os céus se abriram e viu vir Jesus Cristo rodeado duma multidão de anjos que, dirigindo-se para ele, disse-lhe: “Carpo, tu me pedes vingança. Então não me conheces? Sabes tu, porventura, o que estás pedindo? Não sabes quanto me custaram os pecadores? Porque queres que eu os condene? É que eu os amo tanto que, se fosse preciso, estaria disposto a morrer por cada um deles, uma segunda vez”. E, aproximando-se mais de Carpo, mostrou-lhe as costas desnudadas, dizendo-lhe: “Carpo, se queres vingança, bate em mim, de preferência a maltratares o pecador!”¹⁶⁹

131. Assim sendo, como não haveremos de amar a Sabedoria eterna? Ela amou-nos e ama-nos mais do que à sua própria vida, e a sua beleza e doçura ultrapassam tudo quanto existe de belo e doce tanto no céu como na terra.

132. Conta-se na vida do beato Henrique Susão que um dia a Sabedoria — por ele tão ardentemente desejada — apareceu-lhe da seguinte maneira: tinha uma forma corpórea, estava rodeada duma nuvem branca e transparente, sentada sobre um trono de marfim e com um resplendor no rosto e nos olhos,

169. Dionísio de Areopagita, *Epístola VIII, Demophilo Monacho, De propria operatione et clementia*, n. 5, PG 3, 1098-1099.





semelhante aos raios de sol em pleno meio-dia. A sua coroa era a eternidade; o seu manto, a felicidade; sua palavra, a suavidade. E seus abraços davam origem à plenitude de felicidade em todos os bem-aventurados.

Henrique contemplou-a em todo esse aspecto. Mas o que mais o maravilhou foi o constatar que, por vezes, ela aparecia como uma formosa donzela, um verdadeiro milagre de beleza do céu e da terra; outras vezes via-se levantar a cabeça por cima dos céus, ao mesmo tempo que pisava os abismos da terra; umas vezes parecia-lhe que se afastava dele e outras que se lhe aproximava; ora a via majestosa, ora condescendente e benigna, ora doce e cheia de ternura para quantos se abeiravam dela.

Estava-a contemplando assim quando — dirigindo-se a ele — ela sorriu e disse-lhe: “Meu filho, dá-me o teu coração!” Nisto, Henrique, prostrando-se a seus pés, consagrou-lhe de forma irrevogável o seu coração.

A exemplo deste santo homem, façamos, nós também, à Sabedoria eterna e encarnada, um dom irrevogável do nosso coração; é tudo quanto ela nos pede.





CAPÍTULO XII

PRINCIPAIS ORÁCULOS DA SABEDORIA ENCARNADA EM QUE É PRECISO ACREDITAR E OBSERVAR PARA NOS SALVARMOS¹⁷⁰

133.

1) *Se alguém quer seguir-me, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz cada dia e siga-me* (Lc 9, 23).

2) *Se alguém me ama, guardará a minha palavra e o meu Pai o amará e viremos a ele* (Jo 14, 23).

3) *Portanto, se estiveres para trazer a tua oferta ao altar e ali te lembrares de que o teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa a tua oferta ali diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão* (Mt 5, 23-24).

134.

4) *Se alguém vem a mim e não deixa seu pai, sua mãe, sua mulhe, filhos, irmãos, irmãs e até a própria vida, não pode ser meu discípulo* (Lc 14, 26).

5) *Todo aquele que tiver deixado casas, irmãos, irmãs, pai, mãe, filhos, terras, por causa do meu nome, receberá cem vezes mais e herdará a vida eterna* (Mt 19, 29).

6) *Se queres ser perfeito vai, vende os teus bens e dá-os aos pobres, e terás um tesouro nos céus* (Mt 19,21).

170. Este capítulo não é uma simples e casual justaposição de passagens do Evangelho. Constitui, isso sim, a parte central e fundamental da presente obra de Montfort. O autor vai à própria fonte do Senhor e recolhe aí, de viva voz, os pontos essenciais e as diretrizes pelas quais se deverão nortear todos quantos desejarem viver a sério em conformidade e união com Jesus Cristo, Sabedoria eterna e encarnada. O que interessa ao autor é que pratiquemos os ensinamentos da Sabedoria (ASE 143; Mt 7, 11), e que não fiquemos pela teoria. Refira-se ainda que, quer São Bento na sua “Regra”, quer Carlos Foucaud no “Diretório”, recorreram a processo semelhante apoiando, em passagens bíblicas, as suas espiritualidades.





135.

7) *Nem todo aquele que me diz “Senhor, Senhor” entrará no Reino dos céus, mas sim aquele que pratica a vontade de meu Pai que está nos céus (Mt 7, 21).*

8) *Todo aquele que ouve as minhas palavras e as põe em prática será considerado um homem sensato que construiu a sua casa sobre a rocha (Mt 7, 24).*

9) *Em verdade vos digo: se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, não entrareis no reino dos céus (Mt 18, 3).*

10) *Aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para as vossas almas (Mt 11, 29).*

136.

11) *Quando orardes, não sejais como os hipócritas que gostam de rezar, de pé, nas sinagogas... para serem vistos pelos homens (Mt 6, 5).*

12) *Quando rezardes, não abuseis das palavras... já que o vosso Pai celeste sabe muito bem do que tendes necessidade, muito antes que lho peçais (Mt 6, 7-8).*

13) *Quando estiverdes rezando, se tiverdes alguma coisa contra alguém, perdoai-lhe, para que também o vosso Pai que está nos céus vos perdoe as vossas ofensas (Mc 11, 25).*

14) *Tudo quanto pedirdes na oração, acreditai que já o recebestes, e assim será para vós (Mc 11, 24).*

137.

15) *Quando jejuardes, não tomeis um ar sombrio como fazem os hipócritas, que desfiguram o rosto para fazer ver aos homens que jejuam. Em verdade vos digo: já receberam a sua recompensa (Mt 6, 16).*



**138.**

16) *Haverá maior alegria no céu por um só pecador que se converta, do que por noventa e nove justos que não necessitam de conversão (Lc 15, 7).*

17) *Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores ao arrependimento (Lc 5, 32).*

139.

18) *Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque é deles o reino dos céus (Mt 5, 10).*

19) *Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem, quando vos rejeitarem, insultarem... por causa do Filho do Homem.*

Alegrai-vos pois, assim, será grande a vossa recompensa no céu (Lc 6, 22-23).

20) *Se o mundo vos odeia, sabej que, primeiro, me odiou a mim. Se fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; mas, porque não sois do mundo... por isso o mundo vos odeia (Jo 15, 18-19).*

140.

21) *Vinde a mim todos os que estais cansados e oprimidos e eu vos aliviarei (Mt 11, 28).*

22) *Eu sou o pão vivo, descido do céu. Quem comer deste pão viverá eternamente. O pão que eu darei é a minha carne... (Jo 6, 51).*

23) *A minha carne é verdadeira comida e o meu sangue é verdadeira bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele (Jo 6, 55-56).*

141.

24) *Sereis odiados por todos por causa do meu nome. Mas nem um só cabelo da vossa cabeça se perderá (Lc 21, 17-18).*





142.

25) *Ninguém pode servir a dois senhores: ou odiará um, amando o outro, ou se apegará ao primeiro, desprezando o segundo (Mt 6, 24).*

143.

26) *É do coração que procedem as más intenções... São essas coisas que tornam o homem impuro, mas o comer sem lavar as mãos não o torna impuro (Mt 15, 19-20).*

27) *O homem bom, do seu bom tesouro tira coisas boas, mas o homem mau, do seu mau tesouro tira coisas más (Mt 12, 35).*

144.

28) *Quem põe a mão no arado e olhar para trás, não é apto para o Reino de Deus (Lc 9, 29).*

29) *Até os cabelos da vossa cabeça estão todos contados... Vós valeis mais do que muitos passarinhos (Lc 12, 7).*

30) *Deus não enviou o seu Filho ao mundo para julgar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele (Jo 3, 17).*

145.

31) *Todo aquele que faz o mal odeia a luz, e não se aproxima da luz para que as suas obras não fiquem a descoberto (Jo 3, 20).*

32) *Deus é espírito e aqueles que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade (Jo 4, 24).*

33) *É o espírito que dá a vida, a carne não serve para nada; as palavras que eu vos disse são espírito e vida (Jo 6, 63).*

34) *Todo aquele que comete o pecado é escravo do pecado. Ora o escravo não fica na sua casa para sempre (Jo 8, 34-35).*





35) *Quem é fiel no pouco, também é fiel no muito; e quem é infiel no pouco também é infiel no muito* (Lc 16, 10).

36) *É mais fácil passar o céu e a terra do que uma só vírgula cair da lei* (Lc 16, 17).

37) *Brilhe a vossa luz diante dos homens, para que, vendo as vossas boas obras, eles glorifiquem vosso Pai que está nos céus* (Mt 5, 16).

146.

38) *Se a vossa justiça não superar a dos escribas e a dos fariseus, não entrareis no reino dos céus* (Mt 5, 20).

39) *Se o teu olho for para ti ocasião de pecado, arranca-o e lança-o fora, pois é melhor perder-se um dos teus membros, do que todo o corpo ir para o inferno* (Mt 5, 29).

40) *O reino dos céus sofre violência e são os violentos que procuram tomá-lo* (Mt 11, 12).

41) *Não acumuleis tesouros na terra, onde a ferrugem e a traça os corroem, e onde os ladrões arrombam e roubam, mas ajuntai para vós tesouros no céu... onde os ladrões não arrombam e não roubam* (Mt 6, 19-20).

42) *Não julgueis para não serdes julgados, pois, conforme o juízo com que julgardes, assim sereis julgados* (Mt 7, 1-2).

147.

43) *Guardai-vos dos falsos profetas, que vêm a vós disfarçados de ovelhas, mas por dentro são lobos ferozes. Pelos seus frutos os reconhecereis* (Mt 7, 15-16).





44) *Não desprezeis nenhum destes pequeninos, porque eu vos digo que os seus anjos nos céus veem continuamente a face de meu Pai que está nos céus (Mt 18, 10).*

45) *Vigiai, pois, porque não sabeis nem o dia nem a hora em que o Senhor virá (Mt 25, 13).*

148.

46) *Não tenhais medo dos que matam o corpo e depois disso nada mais podem fazer...; temei, sim, aquele que depois de matar tem o poder de lançar no inferno (Lc 12, 4-5).*

47) *Não vos preocupeis com a vida, quanto ao que haveis de comer; nem com o corpo quanto ao que haveis de vestir... O vosso Pai sabe do que tendes necessidade (Lc 12, 22.30).*

48) *Nada há oculto que não venha a tornar-se manifesto, e nada há em segredo que não venha a ser conhecido (Lc 8, 17).*

149.

49) *Aquele que quiser tornar-se grande entre vós seja aquele que serve; e o que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o vosso servo (Mt 20, 26-27).*

50) *Como é difícil a quem tem riquezas entrar no reino de Deus! (Mc 10, 23).*

51) *É mais fácil um camelo entrar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus (Lc 18, 25).*

52) *Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem (Mt 5, 44).*

53) *Mas ai de vós, os ricos, porque recebestes a vossa consolação (Lc 6, 24).*



**150.**

54) *Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que seguem por ele. Como é estreita a porta e quão apertado é o caminho que conduz à vida, e como são poucos os que o encontram! (Mt 7, 13-14).*

55) *Os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos (Mt 20, 16).*

Porque muitos são chamados e poucos escolhidos (Mt 22, 14).

A felicidade está mais em dar do que em receber (At 20, 35).

56) *Se alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a outra. E se alguém faz um processo para te tirar a túnica dá-lhe também a capa (Mt 5, 39-40).*

57) *Depois disse-lhes uma parábola sobre a obrigação de orar sempre, sem desfalecer (Lc 18, 1).*

Vigiai e orai para não cairdes em tentação (Mt 26, 41).

58) *Todo aquele que se exalta será humilhado, e o que se humilha será exaltado (Lc 14, 11).*

59) *Dai antes de esmola o que está dentro e, para vós, tudo ficará limpo (Lc 11, 41).*

60) *Se a tua mão ou o teu pé são para ti ocasião de pecado, corta-os e lança-os para longe de ti: mais vale entrares na vida mutilado ou coxo do que, tendo as duas mãos ou os dois pés, seres lançado no fogo eterno.*

E se o teu olho é para ti ocasião de pecado, arranca-o e lança-o para longe de ti: mais te vale entrares com um só olho na vida, do que, tendo os dois olhos, seres lançado no inferno de fogo (Mt 18, 8-9).

151.

61) **AS OITO BEM-AVENTURANÇAS:**

1. *Bem-aventurados os pobres pelo espírito, porque deles é o reino dos céus.*





2. *Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.*
3. *Bem-aventurados os humildes, porque possuirão a terra.*
4. *Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.*
5. *Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.*
6. *Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus.*
7. *Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus.*
8. *Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça, porque deles é o reino dos céus (Mt 5, 3-10).*

152.

62) *Eu te bendigo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e aos inteligentes e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado (Mt 11, 25-26).*

153. Aqui temos, pois, o resumo das grandes e importantes verdades que a Sabedoria eterna veio pessoalmente ensinar-nos sobre a terra, após, ela mesma, as ter posto em prática; fez isso para nos arrancar da cegueira e desconcerto a que os nossos próprios pecados nos tinham conduzido.

Bem-aventurados aqueles que entenderem estas verdades!

Mas, mais bem-aventurados ainda, aqueles que as puserem em prática e as ensinarem aos outros; estes brilharão no céu como estrelas, por toda a eternidade.¹⁷¹

171. Cf. Dn 12, 3: “Os que tiverem sido sensatos resplandecerão como a luminosidade do firmamento, e os que tiverem levado muitos aos caminhos da justiça brilharão como estrelas com um esplendor eterno”.

Observe-se como Montfort, nestas suas notas conclusivas, revela claramente o cunho pastoral do seu livro. Com um coração missionário, o autor impele o leitor a dar à revelação do Pai (n. 152) a obediência da fé, que se abandona a Cristo Sabedoria com pleno consentimento do seu intelecto e da sua vontade. Desta união com Cristo tira força e alimento para operar em caridade, que é a alma de todo o apostolado.





CAPÍTULO XIII

RESUMO DOS SOFRIMENTOS INAUDITOS QUE A SABEDORIA ENCARNADA QUIS PADECER POR NOSSO AMOR

I. O MOTIVO MAIS FORTE PARA AMAR A SABEDORIA

154. Entre todos os motivos que nos podem impulsionar a amar Jesus Cristo, a Sabedoria encarnada, o mais poderoso, em minha opinião, são os sofrimentos que aceitou padecer para nos testemunhar o seu amor.

“Existe — diz São Bernardo — um motivo que supera todos os outros, que me impele mais sensivelmente, e me estimula a amar mais a Cristo: é o cálice de amargura que vós, ó Senhor, quistes beber por nós. É a obra da redenção que vos torna amável aos nossos corações; com efeito, este bem imenso e este testemunho incomparável da vossa caridade, conquistam facilmente a nossa. Atraem-nos mais suavemente, interpelam-nos com mais justeza, estimulam-nos mais de perto e cativam-nos mais fortemente.”

E, em breves palavras, resume os motivos: “Porque este amável Salvador trabalhou e sofreu muito para alcançar a nossa salvação. Oh!... quantas penas e angústias teve ele que padecer!”¹⁷²

II. AS CIRCUNSTÂNCIAS DA PAIXÃO DE CRISTO-SABEDORIA

155. Na verdade, aquilo que fará com que nós vejamos com mais nitidez o amor infinito da Sabedoria para conosco, são as circunstâncias que acompanham os seus sofrimentos.

172. São Bernardo, em “*Cantica canticorum*”, sermo 20; “*De triplici modo dilectionis qua Deum diligimus*”, n. 2, PL.





1) A primeira consiste na excelência da sua pessoa, que dá valor infinito a todos os sofrimentos da sua paixão. Se Deus tivesse enviado um serafim ou um anjo do mais alto coro para que, tornando-se homem, viesse a morrer por nós, sem dúvida que isso teria sido um acontecimento admirável e digno da nossa perpétua gratidão.

Porém, que o mesmo Criador do céu e da terra, o Filho unigênito de Deus, a Sabedoria eterna, se tenha encarnado e tenha dado a sua vida —que, a seu lado, a vida de todos os anjos, de todos os homens e de todas as criaturas juntas é infinitamente menos digna de consideração do que a vida de um só mosquito comparada à de todos os reis da terra — sim, quão grande é o excesso de amor que surge neste mistério e qual não deverá ser a nossa admiração e reconhecimento!

156. 2) A segunda circunstância está na qualidade das pessoas pelas quais Cristo-Sabedoria sofre. Trata-se de homens, criaturas desprezíveis e inimigos seus, de quem, nada havia a temer e tão-pouco a esperar.

Já houve, é verdade, casos de amigos que deram a vida pelos seus amigos; mas será que já alguém — fora o Filho de Deus — tenha dado a vida pelos seus inimigos?

“Deus, porém, demonstra o seu amor para conosco, pelo fato de Cristo ter morrido por nós, quando ainda éramos pecadores.”¹⁷³

173. Rm 5, 8.





157. 3) A terceira circunstância está na quantidade, gravidade e duração dos seus sofrimentos. Foi tal a quantidade dos seus tormentos que veio a ser apelidado de homem das dores¹⁷⁴, no qual, desde a planta dos pés até ao cimo da cabeça, não há nada nele sem ferimento¹⁷⁵.

Este querido amigo de nossas almas sofreu de todas as maneiras: padecimentos exteriores e interiores, no corpo e na alma.¹⁷⁶

158. Sofreu nos seus bens. Sem pretender lembrar a pobreza no seu nascimento, a fuga para o Egito e consequente permanência ali, e a pobreza em toda a vida, pense-se, sobretudo, o que sofreu na sua Paixão: foi despojado pelos soldados que dividiram as suas vestes, tirando-os à sorte; e, desnudado, foi pregado à cruz, sem que se lhe tenha deixado um pobre farrapo para se cobrir.

159. Sofreu na sua honra e reputação. Foi carregado de opróbrios; chamaram-lhe: blasfemo, sedicioso, bêbado, glutão, endemoninhado: foi vilipendiado na sua sabedoria, porque o consideraram ignorante e impostor, e foi tratado como se fosse louco e insensato.

Foi ultrajado no seu poder já que o consideraram como um mago e feiticeiro, capaz de operar falsos milagres por trabalhar, diziam eles, em união ao poder do demônio.

Sofreu por causa dos discípulos. Um vendeu-o e traiu-o; o primeiro entre eles negou-o, e os outros abandonaram-no.

174. Is 53, 3.

175. Is 1, 6.

176. Cf. São Tomás, *Summa Theol.*, III, q. 46, a. 5-7.





160. Sofreu por parte de todas as categorias de pessoas: reis, governantes, juízes, membros da corte, soldados, pontífices, sacerdotes, eclesiásticos e leigos, judeus e pagãos, homens e mulheres. Enfim, por parte de todos, sem exceção. Até sua santa Mãe lhe aumentou de forma terrível os seus tormentos, quando a viu estar presente à sua morte, junto à cruz, destroçada por uma infinita angústia.

161. O nosso amabilíssimo Salvador padeceu em todos os membros do seu corpo: a sua cabeça foi coroada de espinhos; seus cabelos e barba arrancados; suas faces esbofeteadas; seu rosto coberto de escárnios; seu pescoço e braços amarrados por cordas; suas costas oprimidas e esfaceladas pelo peso da cruz; seus pés e mãos traspassados por pregos; o seu peito e coração rasgados pela lança.

Enfim, numa palavra, todo o seu corpo foi dilacerado, sem piedade, por mais de cinco mil golpes de açoites, tanto assim que os seus ossos ficaram praticamente descarnados.

Todos os seus sentidos ficaram mergulhados num mar de sofrimento: os olhos ficaram assim, devido ao escárnio e zombaria dos seus inimigos e diante ainda das lágrimas e desolação dos amigos; os ouvidos devido às injúrias, aos falsos testemunhos, às calúnias e blasfêmias horrendas, vomitadas contra ele por bocas malditas; o olfato, pelo mau cheiro dos escarros atirados para o seu rosto; o gosto, devido à sede ardente que, para apagá-la, apenas lhe ofereceram fel e vinagre; o tato, devido aos ingentes tormentos provocados pelas chicotadas, pelos espinhos e pelos pregos.

162. A santíssima alma de Jesus viu-se gravemente atormentada pelos pecados de todos os homens — como outros tantos ultrajes infligidos ao Pai que amava infinitamente — e também devido à condenação de tantas e tantas almas que, não obstante





sua Paixão e morte, se iriam condenar. Sentia compaixão não apenas de todos em geral, mas também de cada um em particular, dado que a todos conhecia individualmente.

Também a duração das dores serviu para lhe aumentar o tormento. Sofreu desde o dia do seu concebimento até à morte, uma vez que Jesus — na luz infinita da Sabedoria — via tudo com distinção e tinha diante de si todos os tormentos que teria de padecer.

Acrescentemos ainda, a estes tormentos, o mais cruel e espantoso de todos: precisamente o abandono quando estava na cruz, tendo exclamado: “Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?”¹⁷⁷

III. O AMOR SUPREMO DA SABEDORIA NOS SEUS PADECIMENTOS

163. Por tudo quanto foi dito, teremos de concluir com São Tomás e os santos Padres, que o bom Jesus sofreu imensamente mais do que todos os mártires que existiram ou que vierem a existir até ao fim do mundo.

Se, pois, até o menor tormento do Filho de Deus tem mais mérito e deverá comover-nos mais do que se todos os anjos e homens tivessem morrido aniquilados por nós — qual não deverá ser, então — a nossa gratidão e o nosso amor para com aquele que, por nós, sofreu tudo o que uma criatura pode sofrer e com extremo amor, apesar de não estar obrigado a isso.

“O qual, pela alegria que lhe fora proposta, suportou a cruz”¹⁷⁸. Ou seja, Jesus Cristo, a Sabedoria eterna — dizem os santos Padres — apesar de ter podido permanecer lá em cima, na

177. Mt 27, 46. Temos aqui, em Jesus, um grito de profunda angústia, que não é desespero. Temos um lamento semelhante no Salmo 22, 2.

178. Hb 12, 2.





glória do paraíso, infinitamente distanciado das nossas misérias, preferiu vir à terra, tornar-se homem e deixar-se crucificar por nós.

Depois de ter assumido um corpo, poderia tê-lo ainda revestido com a glória e felicidade de que agora goza.

Porém, não quis proceder assim, para poder sofrer.

164. Acrescenta Ruperto que o Pai eterno ofereceu a seu Filho, no momento da encarnação, a possibilidade de escolha entre salvar o mundo pela via do prazer ou pela via dos tormentos, através das honras ou dos desprezos, pelo caminho da riqueza ou da pobreza, pela vida ou pela morte. Desta forma, se tivesse optado por resgatar a humanidade e conduzi-la ao paraíso através da via das alegrias, das delícias, dos prazeres, com honrarias e riquezas, gloriosa e triunfantemente, pois poderia tê-lo feito.

Porém, ele escolheu os padecimentos e a cruz para dar assim maior glória ao Pai e dar também assim o testemunho dum maior amor para com os homens.

165. Mais ainda: ele amou-nos de tal maneira que, em vez de abreviar os tormentos, preferiu mil vezes mais prolongá-los e suportá-los.

Foi por isso que, estando na cruz, saturado de opróbrios e aniquilado pelos sofrimentos, como se não bastasse, exclamou: “Tenho sede”. Mas de que sede se tratava?

São Lourenço Justiniano refere que “esta sede jorrava do ardor do seu amor, da torrente e da superabundância da sua caridade. Tinha sede de nós e suspirava por dar-se a nós, e de sofrer por nós.”¹⁷⁹

179. Em “*De triumphali Christi agone*”, c. 19 (*Opera omnia*).





IV. CONCLUSÃO

166. Depois de tudo quanto temos vindo a dizer, teremos certamente motivos de sobra para exclamar com São Francisco de Paula:

“Ó caridade! Ó Deus da caridade! A caridade que demonstraste em sofrer e morrer é deveras excessiva”!

Ou então, com Santa Maria Madalena de Pazzi que, abraçada ao crucifixo, exclamava: “Ó amor, amor! Quão pouco és conhecido!”

Ou ainda, com São Francisco de Assis que, arrastando-se pela lama dos caminhos, dizia: “Ah! Jesus, o meu amor crucificado, não é conhecido! Jesus, meu amor, não é amado!”

Sim, na verdade, a santa Igreja faz-nos refletir todos os dias com razões de sobra: “O mundo não o conheceu”. O mundo não conheceu Jesus Cristo, a Sabedoria encarnada. E, para dizer a verdade, conhecer o que Nosso Senhor padeceu por nós e não amá-lo ardentemente — como aliás faz o mundo —, é algo moralmente impossível.

CAPÍTULO XIV

O TRIUNFO DA SABEDORIA ETERNA NA CRUZ E PELA CRUZ

167. Eis aqui, em minha opinião, o maior segredo do rei¹⁸⁰, o maior mistério da Sabedoria eterna: a Cruz.

180. Tb 12, 7





I. A SABEDORIA E A CRUZ

Oh! Como são distantes e diferentes os pensamentos e os caminhos da Sabedoria eterna em comparação com os dos homens, inclusive os dos mais inteligentes!

Este Deus soberano quer resgatar o mundo, afugentar e acorrentar os demônios, encerrar o inferno, abrir o céu aos homens e tributar ao Pai uma glória infinita.

Eis aqui um projeto ambicioso, uma obra difícil, um empreendimento árduo. E com que meios atuará a Sabedoria? Sim, com o seu conhecimento atinge o universo numa ponta à outra, tudo ordenando com vigor e suavidade¹⁸¹, tem um braço onipotente e, num ápice, pode destruir tudo o que se lhe opõe e fazer o que lhe apetece; pode arrasar ou criar com uma simples palavra saída da sua boca.

Que estou eu a dizer? Basta-lhe querer para que tudo se faça.

168. É o seu amor, porém, quem manda na sua onipotência. Decidiu encarnar para testemunhar assim aos homens a sua amizade. Decidiu descer em pessoa à terra para subir com eles ao paraíso. Assim seja! Mas será que esta Sabedoria encarnada irá aparecer gloriosa e triunfante, acompanhada por milhões e milhões de anjos, e com estes exércitos, e com este resplendor e majestade, sem pobreza, sem infâmias, sem humilhações nem fraquezas, abaterá todos os seus inimigos e conquistará os corações dos homens com seus atrativos, as suas delícias, as suas grandezas e as suas riquezas?

181. Sb 8, 1: “Ela estende o seu vigor de uma extremidade à outra e governa todas as coisas com suavidade”.





Nada disso! Isso seria impensável! A Sabedoria vê algo que, para os judeus, é objeto de escândalo e horror, e para os pagãos é loucura¹⁸²; vê um pedaço de madeira, vil e desprezível, como instrumento de humilhação para os maiores criminosos e, para os mais infelizes, vê o chamado patíbulo, a forca ou a cruz, e é sobre esta que ela irá fixar o seu olhar: compraz-se nela, prefere-a a tudo o que há de mais sublime e esplêndido no céu e na terra, tornando-a na arma das suas conquistas e no ornamento da sua majestade, na riqueza e delícia do seu império, na amiga e esposa do seu coração.

“Ó abismo da riqueza, da sabedoria e da ciência de Deus!”¹⁸³

Quão surpreendente é a sua escolha!

Como são incompreensíveis e sublimes seus desígnios e juízos! E como é inefável o seu amor pela cruz!

169. A Sabedoria encarnada amou a cruz desde a mais tenra idade: “Eu a amei e busquei desde a minha juventude”¹⁸⁴. Mal tinha entrado no mundo e logo a recebeu das mãos do Pai, no seio de sua Mãe; colocou-a no centro do coração para que aí reinasse dizendo-lhe: “Meu Deus, este é o meu desejo, eu quero ter a tua lei dentro das minhas entranhas”¹⁸⁵.

Ó Deus e meu Pai, eu escolhi esta cruz quando estava ainda no teu seio; e escolho-a novamente, no seio de minha Mãe!

Amo-a com todas as minhas forças e coloco-a no centro do meu coração a fim de que seja ela a minha esposa e rainha.¹⁸⁶

182. 1 Cor 1, 23: “Nós pregamos a Cristo crucificado escândalo para os judeus e loucura para os gentios”.

183. Rm 11, 33.

184. Sb 8, 2.

185. Sl 40(39), 9.

186. Sb 8, 2: “Procurei tomá-la como esposa e enamorei-me dos seus encantos”.



170. Procurou-a fervorosamente durante toda a sua vida.

Se ela — qual cervo sedento — corria de cidade em cidade e de aldeia em aldeia; se ela caminhava, a passos de gigante, para o Calvário; se ela, tão frequentemente, falava dos seus sofrimentos e da sua morte aos seus Apóstolos e aos seus discípulos e até aos seus profetas, na sua transfiguração; se ela exclamava tantas vezes: “Desejei ardentemente...”¹⁸⁷; enfim, todas estas corridas, todo este ardor, todas estas buscas, todos estes desejos já tendiam para a cruz. Ela considerava que o ponto culminante da sua glória e da sua maior felicidade seria morrer em seus braços.

Por isso a desposou com um amor inefável, na encarnação; carregou-a e procurou-a com indizível alegria durante toda a sua vida que, aliás, foi uma cruz contínua¹⁸⁸. E, depois de ter feito tantos esforços para chegar a abraçá-la e morrer nela, no Calvário — como me angustio até que esteja consumado —¹⁸⁹, eis que exclamava: “O que me impede? O que me detém? Porque será que não te posso abraçar ainda, querida cruz do Calvário?”

171. Finalmente, ela conseguiu satisfazer os seus desejos: foi coberta de opróbrios; foi ainda pregada e colada à cruz, e morreu com alegria nos braços da sua querida amiga, como sobre um leito feito de honras e triunfos.

172. Não se pense que, após a sua morte, e para melhor triunfar, ela se tenha desprendido da cruz ou tenha rejeitado a própria cruz. Pelo contrário! Ela continuou tão unida, e como que tão incorporada à cruz, que não há anjo, nem homem, nem

187. Lc 22, 15.

188. Cf. *Imitação de Cristo*, liv. 2, c. 12, n. 7: “Toda a vida de Cristo foi uma cruz e martírio”.

189. Lc 12, 50.





qualquer outra criatura no céu ou na terra que possa separá-las. O seu vínculo é indissolúvel, a sua aliança é eterna; “jamais a Cruz sem Jesus nem Jesus sem a Cruz”!

Pela sua morte, a Sabedoria encarnada tornou de tal maneira gloriosas as ignomínias da cruz, e de tal forma ricas a sua nudez e pobreza, e agradáveis os tormentos e atraentes os rigores dos mesmos, que ela, por assim dizer, acabou por divinizar essa mesma cruz, tornando-a adorável aos anjos e aos homens e deu ordens para que todos os seus súditos adorem a cruz como a adoram a ela. A Sabedoria não quer que a honra da adoração, mesmo que relativa, seja prestada às outras criaturas, por mais excelsas que sejam, como a sua própria Mãe; essa grande honra é reservada e devida somente à sua amada Cruz.

No grande dia do juízo, cessarão todas as relíquias dos santos, mesmo as dos mais eminentes, porém, no que toca à sua Cruz, a Sabedoria divina ordenará aos primeiros coros de Serafins e Querubins para irem, pelo mundo afora, procurar e recolher todos os pedaços da Cruz verdadeira que, graças à sua amorosa onipotência, serão reunidos, não construindo senão uma única Cruz, ou seja, aquela em que a própria Sabedoria divina morreu. E fará com que essa Cruz seja transportada em triunfo pelos Anjos, que entoarão cânticos de alegria. Ela se fará preceder por essa Cruz, pousada em cima da nuvem mais brilhante e, com ela e por ela, julgará o mundo.¹⁹⁰

Quão grande alegria sentirão então os amigos da Cruz¹⁹¹, ao contemplá-la; e qual não será o desespero de seus inimigos, que por não poderem suportar a visão de Cruz tão resplandecente e aterradora, gritarão às montanhas para que caiam sobre eles, e aos infernos, que os engulam!

190. Cf. *Breviário romano*, 14 setembro, Nona: “O Sinal da cruz aparecerá no céu quando o Senhor vier para julgar”.

191. Recorde aqui a Carta circular de Montfort aos *Amigos da cruz*.





II. A CRUZ EM RELAÇÃO A NÓS

173. Enquanto espera o grande dia do seu triunfo no juízo final, a Sabedoria eterna quer que a Cruz seja a insígnia, a marca e a arma de todos os seus eleitos.

Ela não reconhece como filho quem não a tiver como sua insígnia; nem como discípulo quem não trouxer na frente a sua marca e sem disso se envergonhar, sem protestar no coração ou com os ombros, e sem a arrastar ou rejeitar. Ela diz: “Se alguém quer seguir-me, renegue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me.”¹⁹²

Ela não aceita como soldado quem não a toma como arma para se defender, para atacar, para abater e esmagar todos os seus inimigos, dizendo-lhes: “Soldados, tende confiança; eu venci o mundo!”¹⁹³; eu, o vosso capitão, venci os meus inimigos pela cruz, e vós também haveis de vencê-los com o mesmo sinal: “in hoc signo vinces!”¹⁹⁴

174. Ela concentrou na Cruz tantos tesouros, tantas graças, tanta vida e alegria que não a dá a conhecer senão aos seus mais favoritos.

Ela revela frequentemente aos seus amigos, por exemplo aos seus Apóstolos¹⁹⁵, todos os seus outros segredos, mas não certamente os da Cruz, a não ser que os tenham merecido por uma grande fidelidade e muitas fadigas.

Oh! Como é necessário ser humilde, pequeno, mortificado, interior e desprezado pelo mundo, para se conhecer o mistério da Cruz que, ainda hoje — e não apenas entre os judeus e os pagãos,

192. Mt 16, 24.

193. Jo 16, 33.

194. Frase que a história atribui ao imperador cristão Constantino, antes da batalha de Ponte Milvio.

195. Cf. Jo 15, 15.





os maometanos e os heréticos, os sábios do mundo e os maus católicos, mas também entre as pessoas consideradas devotas e até muito devotas —, continua a ser objeto de escândalo, de loucura, de desprezo e de fuga; e isto não é especulação, apesar de nunca como hoje se falar e se escrever tanto acerca da beleza e da excelência da Cruz; mas isto é bem real, uma vez que se tem medo, que se chora, se desculpa e se foge, sempre que seja preciso sofrer qualquer coisa.

Certo dia, contemplando a beleza da Cruz, assim se exprimiu a Sabedoria encarnada num arrebatamento de alegria:

“Eu te bendigo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e aos inteligentes e as revelaste aos pequeninos.”¹⁹⁶

175. Se o conhecimento do mistério da Cruz é já uma graça tão excelsa, que dizer do júbilo em gozá-la e possuí-la na realidade! Mas isso é um dom que a Sabedoria eterna concede apenas aos seus maiores amigos, e isso após muitas preces, desejos e súplicas. Por mais excelente que seja o dom da fé, pelo qual agradamos a Deus, aproximamo-nos dele e vencemos os seus inimigos, e sem a qual nos condenaríamos¹⁹⁷, a Cruz é um dom bem maior ainda.

São Pedro — diz São João Crisóstomo¹⁹⁸ — foi bem mais feliz por ter estado na prisão por Jesus Cristo do que por ter

196. Lc 10, 21.

197. Leia esta observação de Montfort à luz do Vaticano II / *Lumen Gentium*, n. 16: “Aqueles que não receberam ainda o Evangelho, estão de uma forma ou outra orientados para o povo de Deus... Deus tão-pouco está longe daqueles que procuram o Deus desconhecido nos fantasmas e nos ídolos, já que é Ele quem a todos dá vida, respiração e tudo o mais e, como Salvador, quer que todos os homens se salvem. Com efeito, aqueles que, ignorando sem culpa o Evangelho de Cristo e a sua Igreja, procuram, contudo, a Deus, com coração sincero, e se esforçam, sob o influxo da graça, por cumprir a sua vontade manifestada pelo ditame da consciência, também eles podem alcançar a salvação eterna.”

198. *Commentarium in Epistola ad Ephesios*, hom. VIII, c. IV, n. 1.





estado na glória do Tabor; sentiu maior glória por ter trazido cadeias a seus pés do que pelas chaves do paraíso em suas mãos.

E São Paulo considera também ser maior glória o fato de ser acorrentado pelo seu Salvador do que ser arrebatado ao terceiro céu¹⁹⁹...

Deus concedia maior graça aos apóstolos e aos mártires, dando-lhes a sua Cruz para ser carregada nas humilhações, na pobreza e nos tormentos mais cruéis do que dando-lhes o dom dos milagres e da conversão do mundo inteiro.

Todos aqueles a quem a Sabedoria eterna foi comunicada, desejaram todos a Cruz, procuraram-na e abraçaram-na e, quando se lhes proporcionava alguma ocasião de sofrer, do fundo do seu coração exclamavam com Santo André: “Ó Cruz amada, há tanto tempo desejada!”

176. A Cruz é boa e preciosa por uma infinidade de razões:

1) Porque nos torna semelhantes a Jesus Cristo;

2) Porque nos torna filhos dignos de Deus Pai, membros dignos de Jesus Cristo e templos dignos do Espírito Santo. Deus Pai corrige todos aqueles que adota como filhos. É uma questão de princípio: “O Senhor corrige os que ama e castiga todos aqueles que reconhece por filhos”²⁰⁰.

O Filho aceita como seus somente aqueles que carregam a Cruz. O Espírito Santo talha e dá polimento a todas as pedras vivas da Jerusalém celeste, isto é, aos predestinados²⁰¹;

199. Gl 6, 14.

200. Hb 12, 6.

201. Cf. *Breviário romano*, “Comum da dedicação de uma igreja”, no hino de Vésperas.





3) A Cruz é boa porque ilumina a inteligência, dando-lhe mais compreensão do que todos os livros do mundo: “O que não foi posto à prova pouco sabe”²⁰²;

4) A Cruz, quando carregada dignamente, torna-se causa, alimento e prova de amor. Ela acende o fogo do amor divino no coração, desaparecendo-se das criaturas; conserva e aumenta esse amor e, assim como a lenha alimenta o fogo, assim também a Cruz é alimento do amor. Ela é a prova mais segura do amor a Deus, já que foi essa a prova que o próprio Deus usou para provar o seu amor para com o homem; e é ainda a prova que Deus nos pede para lhe testemunhar que o amamos;

5) A Cruz é boa porque é uma fonte abundante de toda a espécie de doçuras e consolações, e faz brotar na alma a alegria, a paz e a graça;

6) Por último, ela é boa porque prepara, para aquele que a carrega, uma riqueza incomparável de glória eterna²⁰³.

177. Se conhecêssemos o valor da Cruz, mandaríamos rezar novenas, como fez São Pedro de Alcântara²⁰⁴, para alcançar essa deliciosa porção do paraíso. Diríamos, aliás, com Santa Teresa de Ávila: “Ou sofrer ou morrer”²⁰⁵; ou com Santa Maria Madalena de Pazzi: “Não morrer, mas sofrer”; com São João da Cruz pediríamos apenas a graça de sofrer algo por Jesus: “Padecer e ser desprezado por ti”.

202. Eclo 34, 10.

203. 2 Cor 4, 17.

204. Nasceu em 1499, em Alcântara, e estudou em Salamanca. Tornou-se franciscano e iniciou a reforma da Ordem. Pregou muito em Espanha e Portugal.

205. Ela escreveu: “o morir o padecer”.





Entre todas as coisas da terra a única que é estimada no céu é a Cruz, disse esse santo, numa aparição após a sua morte, a uma serva de Deus.

E disse nosso Senhor a um dos seus servos: “Tenho cruzeiros tão preciosas, que são o maior dom que a minha Mãe, na sua onipotência, pode obter de mim para os seus fiéis servos.”

178. Ó sábios do mundo! Ó homens ilustres da terra! Vós sois incapazes de entender esta linguagem misteriosa. Vós estais demasiadamente apegados aos prazeres, preocupados excessivamente com as vossas comodidades, apreciáveis em demasia os bens deste mundo, tendes muito medo dos desprezos e humilhações; enfim, numa palavra, sois muito inimigos da Cruz de Jesus.

É verdade que até estimais e louvais a Cruz, mas em teoria, na generalidade; mas, da vossa, em particular, fugis dela o mais que podeis ou a arrastais a contragosto, murmurando, impacientando-vos com ela, queixando-vos. Me fazeis lembrar as vacas que, a contragosto e mugindo, puxavam o carro com a arca da aliança, onde se encontrava encerrado o que de mais precioso havia no mundo: “As vacas tomaram diretamente o caminho... e seguiram mugindo”²⁰⁶.

179. O número dos néscios e dos infelizes é infinito, diz a Sabedoria²⁰⁷, porque infinito é o número daqueles que não conhecem o valor da Cruz e que a carregam a contragosto.

Vós, porém, discípulos verdadeiros da Sabedoria eterna, que passastes por muitas tentações e aflições, que sois tratados como a escória do mundo, consolai-vos! Alegrai-vos, rejubilai, já que a Cruz

206. 1 Sm 6, 12.

207. Ecl 1, 15.





que carregais é um dom precioso que faz inveja aos próprios bem-aventurados, uma vez que eles já não podem carregá-la.

Tudo o que há de honra, glória e virtude em Deus e no seu Espírito Santo repousa sobre vós²⁰⁸, porque a vossa recompensa é grande no céu e até sobre a terra, pelas graças espirituais que a Cruz vos obtém.

III. CONCLUSÃO PRÁTICA

180. Bebei, amigos de Jesus Cristo, bebei do seu cálice de amarguras, e tornar-vos-eis cada vez mais amigos seus. Sofrei com ele e com ele sereis glorificados. Sofrei com paciência e, até mesmo, com alegria! Esperai ainda algum tempo e depois, por um instante de sofrimento, recebereis uma eternidade feliz.

Não vos deixeis enganar. A partir do momento que se tornou necessário que a Sabedoria encarnada tivesse de entrar no céu, passando pela Cruz, também para nós, para lá entrar depois dela, é necessário seguir pelo mesmo caminho.

“Seja qual for o lado para onde te voltares — diz a Imitação de Cristo — encontrarás a Cruz!”²⁰⁹

Encontrarás a do predestinado, se a aceitares como deves, ou seja, com paciência e alegria, por amor a Deus; ou a do réprobo, se a carregares com impaciência e de má vontade... como fazem tantos, duplamente infelizes, que serão obrigados a dizer por toda a eternidade, no inferno: Trabalhamos e sofremos tanto no mundo e, afinal, eis-nos condenados! “Percorremos desertos intransitáveis”²¹⁰.

208. 1 Pd 4, 14: “Se sois ultrajados pelo nome de Cristo, bem-aventurados sois vós, porque o espírito de glória, o Espírito de Deus, repousa sobre vós”.

209. Liv II, c. 12, n. 4.

210. Sb 5, 7.





A verdadeira Sabedoria não se encontra na terra nem no coração daqueles que vivem a seu bel prazer. Ela estabeleceu de tal maneira a sua morada na Cruz que, fora dela, não será possível encontrá-la em lugar algum neste mundo; identificou-se e uniu-se de tal maneira à Cruz que se pode afirmar, em verdade: a Sabedoria é a Cruz e a Cruz é a Sabedoria.

CAPÍTULO XV

MEIOS PARA SE ALCANÇAR A DIVINA SABEDORIA PRIMEIRO MEIO: UM DESEJO ARDENTE

I. NECESSIDADE DO DESEJO DA SABEDORIA

181. Até quando, filhos dos homens, tereis o coração duro e voltado para a terra? Até quando amareis a vaidade e procurareis a mentira?²¹¹ Porque não voltais os vossos olhos e os vossos corações para a divina Sabedoria? Na verdade, entre todas as coisas que se possam desejar, ela é a mais desejável; para se fazer amar pelos homens ela lhes revela a sua própria origem, mostra-lhes a sua beleza, exhibe-lhes os seus tesouros e testemunha-lhes, de mil maneiras, os desejos que tem de que eles a desejem e procurem: “Anelai, pois, pelas minhas palavras...”²¹² Ela mesma se dá a conhecer aos que a desejam...²¹³ O desejo da Sabedoria conduz à realeza... Honrai a Sabedoria e reinareis eternamente”²¹⁴.

211. Sl 4, 3.

212. Sb 6, 11.

213. Sb 6, 13.

214. Sb 6, 20-21.





II. QUALIDADES DE TAL DESEJO

182. O desejo da Sabedoria é certamente um grande dom de Deus, já que ele é a recompensa da fiel observância dos mandamentos de Deus: “Se desejas ter Sabedoria, observa os mandamentos, e então o Senhor ta concederá”²¹⁵. “Reflete sobre os preceitos do Senhor e medita sem cessar nos seus mandamentos. Então ele fortificará a tua inteligência, e o teu desejo da Sabedoria será saciado”²¹⁶.

Com efeito, “a Sabedoria não entra numa alma perversa; ela não habitará num corpo sujeito ao pecado”.²¹⁷

É necessário que esse desejo da Sabedoria seja santo e sincero, acompanhado pelo fiel cumprimento dos mandamentos. Com efeito, há uma infinidade de insensatos e preguiçosos que têm milhares de desejos, ou antes, milhares de fantasias sobre o bem; mas como esses desejos não levam ao afastamento do pecado, nem fazem qualquer violência contra si próprios, são ineficazes e enganadores, matam e conduzem à condenação: “O desejo do preguiçoso causa a sua morte, porque suas mãos recusam o trabalho”²¹⁸. Com efeito, o Espírito Santo, o Mestre de toda a Ciência, “foge da duplicidade, retira-se diante dos pensamentos sem sentido, e ofusca-se quando sobrevém a injustiça”²¹⁹.

III. EXEMPLOS DESSE DESEJO

183. A Salomão, que é o modelo que nos foi dado pelo Espírito Santo para alcançarmos a Sabedoria, não lhe foi concedida senão depois de tê-la desejado, procurado e suplicado por muito tempo: “Supliquei, e a inteligência me foi dada; invoquei, e

215. Eclo 1, 33.

216. Eclo 6, 37.

217. Sb 1, 4.

218. Pr 21, 25.

219. Sb 1, 5.





o espírito da Sabedoria veio a mim...”²²⁰; “Eu a quis, rodeei-a desde a minha juventude, pretendi tomá-la como esposa, enamorado de sua formosura...”²²¹; “Andava eu por toda a parte a ver como tomá-la para mim”²²².

Para alcançar esse grande tesouro da Sabedoria, devemos ser “homens de desejo”, como Salomão e Daniel.

SEGUNDO MEIO: ORAÇÃO CONTÍNUA

I. NECESSIDADE DA ORAÇÃO CONTÍNUA

184. Quanto maior for um dom de Deus, tanto mais difícil será alcançá-lo.

Quantas orações, portanto, e quão grandes esforços não será preciso fazer para se alcançar o dom da Sabedoria, que é o maior de todos os dons de Deus!

Ouçamos o que, a propósito, diz a própria Sabedoria: “Pedi e vos será dado; procurai e encontrareis; batei e se vos abrirá”²²³. É como se dissesse: “Quereis encontrar-me? Quereis entrar em meu palácio? Devereis suplicar-me. Ninguém me encontrará se não me procurar; ninguém entrará em minha casa, se não bater à minha porta; ninguém me alcançará se não me pedir. Tudo, enfim, se alcança pela oração”.

A oração é o canal normal através do qual Deus comunica as suas graças, de maneira especial a Sabedoria. O mundo suplicou durante milhares de anos que se realizasse a encarnação da divina Sabedoria. Maria preparou-se com a oração, ao longo de 14 anos,

220. Sb 7, 7.

221. Sb 8, 2.

222. Sb 8, 18.

223. Mt 7, 7.





para recebê-la em seu seio. Salomão só veio a recebê-la após tê-la suplicado por muito tempo e com um fervor extraordinário: “Ao me dar conta que somente a ganharia, se Deus ma concedesse..., dirigi-me ao Senhor e rezei, dizendo de todo o meu coração²²⁴: Dá-me a Sabedoria contigo entronizada²²⁵”. “Se alguém dentre vós tem falta de Sabedoria, peça-a a Deus, que a concede generosamente a todos, sem recriminações, e ela lhe será dada²²⁶”.

Note-se, de passagem, que o Espírito Santo não diz: se alguém tem necessidade de caridade, de humildade, de paciência, etc. — que são também virtudes excelentes — mas diz: “se alguém tem falta de Sabedoria...”; é que, pedindo a Sabedoria, já pedimos todas as virtudes que ela encerra.

Para alcançá-la é preciso, portanto, pedi-la. Mas como?

II. QUALIDADES QUE DEVERÁ TER A ORAÇÃO

185. 1) Em primeiro lugar é necessário pedir a Sabedoria com uma fé viva e perseverante, sem titubear: “Peça-se com fé e sem hesitar²²⁷, já que, quem a pedir com fé vacilante, não deverá esperar obtê-la: “Não pense, pois, receber o que quer que seja do Senhor aquele que tiver um espírito vacilante²²⁸”.

186. 2) Em segundo lugar é necessário pedi-la com uma fé pura, sem necessidade de apoiar-se em consolações sensíveis, em visões ou revelações privadas. Ainda que tudo isso pudesse ser bom e verdadeiro — como aconteceu com alguns santos — mas é sempre perigoso confiar nisso, e a fé será tanto menos pura e meritória quanto mais se apoiar nessas graças extraordinárias

224. Sb 8, 21.

225. Sb 9, 4.

226. Tg 1, 5.

227. Tg 1, 6.

228. Tg 1, 5-7.





e sensíveis. O que o Espírito Santo nos diz das grandezas e das belezas da Sabedoria, da vontade de Deus em no-la conceder, da nossa vontade em tê-la, são motivos suficientes para nos fazer desejá-la e pedi-la a Deus com toda a fé e ardor possíveis.

187. A fé pura é o princípio e o efeito da Sabedoria na nossa alma: quanto maior for a fé, mais Sabedoria se terá; e quanto mais Sabedoria se tiver, tanto maior será a fé.

O justo — ou o sábio — vive apenas da fé²²⁹, sem ver, sem sentir, sem gostar e sem titubear. “Deus disse-o ou prometeu-o!”; eis aí a pedra fundamental de todas as suas orações e ações, embora lhe pareça natural que Deus não tenha olhos para ver a sua miséria, nem ouvidos para ouvir suas preces, nem braços para derrotar seus inimigos, nem mãos para o socorrer; embora ele se veja atacado por distrações, dúvidas e trevas do espírito, por ilusões na imaginação, por desgostos e tédio no coração, por tristezas e agonias na alma.

O sábio não pede para ver coisas extraordinárias como os santos viram, nem para experimentar doçuras sensíveis na oração e nas práticas de piedade. Ele pede com fé a divina Sabedoria, e tem a certeza que lhe será concedida²³⁰, mais ainda do que se descesse um anjo do céu para lho assegurar, uma vez que Deus disse: “Quem pede recebe”²³¹.

Todos aqueles que pedem a Deus como se deve, alcançam o que pedem: “Se vós, que sois maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do céu dará o Espírito Santo — o Espírito de Sabedoria — aos que o pedirem”.²³²

229. Cf. Hab 2, 4: “O justo viverá pela sua fé”, pela “fidelidade”. Também em Rm 1, 17: “O justo viverá da fé”.

230. Tg 1, 5-7.

231. Lc 11, 10.

232. Lc 11, 13.





188. 3) Em terceiro lugar, será necessário pedir a Sabedoria com perseverança. Para se alcançar essa pérola preciosa e esse tesouro infinito será preciso recorrer a uma santa importunação junto de Deus, de contrário, jamais se alcançará.

Não façamos como tantas pessoas que, após terem suplicado a Deus alguma graça por um tempo considerável, talvez durante anos inteiros, e vendo que não são atendidas, desencorajam-se e deixam de rezar, persuadidas de que Deus não as quer atender. E assim perdem o mérito de suas orações e fazem injúria a Deus que se compraz em dar e, de uma ou outra maneira, atende sempre as preces bem feitas.

Quem desejar, pois, alcançar a Sabedoria deverá pedi-la noite e dia, sem se cansar nem desfalecer. Feliz mil vezes será quem a alcançar, após vinte ou trinta anos de súplicas, ou nem que seja apenas uma hora antes de morrer! E se vier a recebê-la após ter passado uma vida inteira a procurá-la, a pedi-la e merecê-la por toda a espécie de canseiras e cruces, pois fique sabendo que ela não lhe foi concedida por razões de justiça, como se fosse uma recompensa, mas unicamente por pura misericórdia, como sendo uma esmola.

189. Não, não, na verdade, não são as almas negligentes e inconstantes na oração e na procura que alcançarão a Sabedoria, mas sim aquelas que imitam aquele amigo que, de noite, vai bater à porta dum de seus amigos, para lhe pedir três pães emprestados. Note-se que, nessa parábola ou nessa história, é a Sabedoria mesma a indicar o modo como pedi-la para alcançá-la.

O amigo bate à porta e pede quatro ou cinco vezes, e volta a bater e a pedir com mais força e insistência, apesar de ser em circunstância fora de hora, quase meia-noite, e estando o seu amigo já deitado e tendo até mesmo recusado atendê-lo por considerar o pedido impertinente e inoportuno. Porém, de tal maneira se sentiu importunado por aquela insistência que o





amigo levantou-se, abriu-lhe a porta e deu-lhe tudo quanto tinha pedido.²³³

190. Eis como deveremos pedir a Sabedoria! E, agindo assim, mais cedo ou mais tarde, Deus — que quer ser importunado — se levantará e nos abrirá a porta da sua misericórdia para nos dar os três pães da Sabedoria: o pão da vida, o pão do entendimento e o pão dos anjos.

Eis, a seguir, uma oração ditada pelo Espírito Santo para implorar a Sabedoria:

III. ORAÇÃO DE SALOMÃO PARA ALCANÇAR A SABEDORIA DIVINA

191.

1) *Deus dos pais, Senhor de misericórdia, que tudo criaste com a tua palavra;*

2) *com a tua Sabedoria formaste o homem para dominar as criaturas que fizeste;*

3) *governar o mundo com justiça e santidade e exercer o julgamento com retidão de vida;*

4) *dá-me a Sabedoria contigo entronizada e não me excludas do número de teus filhos;*

5) *pois sou teu servo, filho da tua serva, homem frágil, de vida breve, incapaz de compreender a justiça e as leis;*

6) *mesmo que alguém fosse o mais perfeito dos homens, se lhe faltasse a Sabedoria que vem de ti, não seria nada.*

233. Cf. Lc 11, 5-8.



**192.**

9) *Contigo está a Sabedoria que conhece as tuas obras, estava presente quando fazias o mundo; ela sabe o que é agradável a teus olhos e o que é conforme aos teus mandamentos;*

10) *dos céus sagrados, envia-a, manda-a de teu trono de glória para que me assista nos trabalhos, ensinando-me o que te agrada;*

11) *e ela, que tudo sabe e compreende, prudentemente me guiará em minhas ações e me protegerá com a sua glória.*

12) *Minhas obras serão assim bem acolhidas, julgarei o teu povo com justiça, serei digno do trono de meu Pai;*

13) *quem pode conhecer a vontade de Deus? Quem pode imaginar o que Senhor deseja?*

14) *Os pensamentos dos mortais são tímidos e falíveis os nossos raciocínios;*

15) *um corpo corruptível pesa sobre a alma e a tenda de argila oprime a mente pensativa;*

16) *com muito custo, podemos conhecer o que está na terra, e com fadiga encontramos o que está à mão: mas quem pode investigar o que há nos céus?*

17) *Quem conhecerá tua vontade, se não lhe das Sabedoria, enviando dos céus teu Santo Espírito?*

18) *Somente assim foram endireitados todos os caminhos de quem vive sobre a terra. Somente assim os homens aprenderam aquilo que te agrada. Eles foram salvos por meio da Sabedoria.*²³⁴

193. *À oração dos lábios devemos acrescentar a oração mental que ilumina o espírito, inflama o coração e torna a alma capaz de ouvir a voz da Sabedoria eterna, fá-la gostar das suas doçuras e possuir seus tesouros.*

234. Sb 9, 1-6.9-18.





Para mim, não vejo nada mais poderoso para atrair para o nosso interior o Reino de Deus, a Sabedoria eterna, do que fazendo a ligação entre oração dos lábios e oração da mente, recitando o santo Rosário, com a meditação dos quinze mistérios que ele encerra.

CAPÍTULO XVI

MEIOS PARA SE ALCANÇAR A DIVINA SABEDORIA

TERCEIRO MEIO: MORTIFICAÇÃO UNIVERSAL

I. NECESSIDADE DA MORTIFICAÇÃO

194. A Sabedoria, diz o Espírito Santo, não se encontra entre aqueles que vivem comodamente²³⁵, ou seja, entre aqueles que concedem às suas paixões e aos seus sentidos tudo o que eles pedem. Pois “os que vivem segundo a carne não podem agradar a Deus²³⁶. Na verdade, os desejos da carne são inimigos de Deus²³⁷. O espírito do Senhor não permanecerá indefinidamente no homem, pois o homem é carne²³⁸”.

“Os que são de Cristo Jesus — Sabedoria encarnada — crucificaram a carne com as suas paixões e apetites;²³⁹ trazem sempre e por toda a parte em seus corpos a agonia de Jesus”,²⁴⁰ fazem a si mesmos uma violência contínua;²⁴¹ carregam a cruz todos os dias;²⁴² enfim, estão mortos e sepultados em Cristo Jesus.²⁴³

235. Jó 28, 12-13: “Mas a Sabedoria, donde provém? Onde está o lugar da inteligência? O homem não lhe conhece o caminho nem se encontra na terra dos mortais”.

236. Rm 8, 8.

237. Rm 8, 7.

238. Gn 6, 3.

239. Gl 5, 24.

240. 2 Cor 4, 10.

241. Cf. Mt 11, 12

242. Cf. Lc 9, 23.

243. Cf. Rm 6, 8.4.





São palavras do Espírito Santo que revelam, mais claramente do que a luz do dia, que, para se alcançar a Sabedoria encarnada, Cristo Jesus, é necessário praticar a mortificação, a renúncia ao mundo e a nós mesmos.

195. Não se pense que a Sabedoria, que é mais pura do que os raios do sol, penetre numa alma e num corpo manchados pelos prazeres dos sentidos. Não se pense que ela conceda seu repouso, sua paz inefável, àqueles que amam as companhias e vaidades do mundo! “Ao vencedor darei do maná escondido”²⁴⁴; darei do meu maná somente àqueles que saírem vitoriosos do mundo e de si mesmos.

Essa amável soberana, apesar de, pela sua luz infinita, conhecer e distinguir todas as coisas num instante, procura, porém, pessoas dignas dela: “Ela mesma vai à procura, por toda a parte, dos que a merecem”²⁴⁵. Ela procura porque, sendo o número desses tão reduzido, só muito dificilmente encontra alguns que sejam verdadeiramente desapegados do mundo, suficientemente interiores e mortificados e, portanto, dignos dela, dignos da sua pessoa, dos seus tesouros, da sua aliança.

II. QUALIDADES DA MORTIFICAÇÃO

196. Para comunicar-se, a Sabedoria não pede uma mortificação parcial, uma mortificação de alguns dias, mas uma mortificação universal e contínua, corajosa e discreta.

Para se obter a Sabedoria é necessário:

244. Ap 2, 17.

245. Sb 6, 17.





197. 1) Renunciar efetivamente aos bens do mundo, como fizeram os apóstolos, os discípulos, os primeiros cristãos e os religiosos; é este o meio mais rápido, o melhor e mais seguro para se alcançar a Sabedoria; ou, pelo menos, deverá desapegar-se o coração dos bens do mundo e possuí-los como se não se possuíssem, sem cansar-se por alcançá-los, sem inquietar-se por conservá-los, sem impacientar-se ou lamentar-se por perdê-los. Mas isto é difícil de pôr em prática.

198. 2) É necessário não ir atrás das modas exteriores dos mundanos no que diz respeito a roupas, a móveis, casas, comida e a outros hábitos e atividades da vida: “Não vos conformeis com este século”²⁴⁶. Esta é uma prática bem mais necessária do que se possa imaginar.

199. 3) Não devemos acreditar nem seguir as falsas máximas do mundo; nem pensar, falar ou agir como os mundanos. Estes têm uma doutrina tão contrária à da Sabedoria encarnada como as trevas são contrárias à luz, e a morte à vida. Examinem-se bem os seus sentimentos e palavras: eles pensam e dizem mal de todas as grandes verdades.

É verdade que não mentem abertamente, mas disfarçam as suas mentiras sob a aparência da verdade; julgam que não estão a mentir, mas mentem. Geralmente não ensinam o pecado abertamente, mas tratam-no como sendo uma virtude, uma ação honesta, ou então, como sendo uma coisa indiferente e sem consequências. Nessa subtileza, que o mundo aprendeu do demônio para dissimular a fealdade do pecado e da mentira, consiste aquela

246. Rm 12, 2.





malignidade de que fala São João: “O mundo inteiro está sob o poder do maligno”²⁴⁷, e isto, hoje, mais do que nunca.

200. 4) Deverá evitar-se, tanto que possível, a companhia dos homens; e não apenas a dos mundanos é perigosa e nociva, mas até mesmo a das pessoas devotas, quando a companhia se torna inútil ou fazem perder tempo. Quem desejar tornar-se sábio e perfeito, deverá pôr em prática as três palavras de ouro que a Sabedoria dirigiu a Santo Arsênio: “Foge, esconde-te e cala”²⁴⁸.

Foge o quanto puderes da companhia dos homens, como fizeram os maiores santos: “Os maiores santos evitavam o mais que podiam a companhia dos homens”²⁴⁹. “A vossa vida está escondida com Cristo em Deus”²⁵⁰.

Enfim, guarda silêncio com os homens, para dialogar com a Sabedoria; um homem silencioso é um homem sábio: “Aquele que se cala é tido por sábio”²⁵¹.

201. 5) Para alcançar a Sabedoria será preciso não só mortificar o corpo, sofrendo com paciência as doenças, as intempéries do tempo e os aborrecimentos que, em vida, lhe advêm das criaturas, mas, até mesmo, procurando-se algumas mortificações tais como jejuns, vigílias e outras austeridades dos santos penitentes.

É preciso ter coragem para isso, já que a carne é, por natureza, idólatra de si mesma, e o mundo rejeita e considera inúteis

247. 1 Jo 5, 19.

248. Cf. *De Vitis Patrum III, Verba seniorum*, n. 190, PL 73, 801.

249. Cf. *Imitação de Cristo*, liv. 1, c. 20, n. 1: Este conselho de Montfort sobre a fuga do mundo e dos homens dever-se-á entender apenas em sentido evangélico e ascético, como empenhamento a viver a espiritualidade cristã do êxodo e do deserto e não como menos estima e menos amor pelos homens.

250. Cl 3, 3.

251. Montfort recolhia-se frequentemente no silêncio do deserto. Foi-lhe muito querida, de modo particular, a Gruta de Mervent, no meio duma floresta na Vandeia, onde escreveu alguns dos seus cânticos.





todas as mortificações do corpo. Quantas coisas não diz e faz ele para nos afastar do exercício das austeridades dos santos! Para cada um destes se escreveu, propositadamente: “O sábio, ou o santo, reduziu o seu corpo à servidão por meio de vigílias, jejuns, disciplinas, frio, pela nudez e por toda a espécie de austeridades, porque tinha feito com o corpo o seguinte pacto: de não lhe conceder neste mundo qualquer descanso...”²⁵².

O Espírito Santo diz que todos os santos aborreciam, até mesmo “as próprias roupas que vestiam, porque contaminadas pelo seu próprio corpo”²⁵³.

202. 6) Para que a mortificação exterior e voluntária seja boa, é preciso uni-la necessariamente com a mortificação da inteligência e da vontade, mediante a santa obediência. Sem obediência, toda a mortificação é manchada pela vontade própria, tornando-se, muitas vezes, mais do agrado do demônio do que de Deus.

Por isso, não se deveria fazer nenhuma mortificação extraordinária sem pedir conselho. A Sabedoria coabita com o conselho: “Eu, a Sabedoria, habito com a prudência”²⁵⁴.

“Quem confia no seu bom senso é insensato”²⁵⁵. “O homem prudente age com discernimento”²⁵⁶.

Quem não quiser vir a arrepender-se do que fez deverá pedir conselho a um homem sensato; é este um ótimo conselho que

252. *Breviário romano* (antiga forma), na festa de São Pedro de Alcântara, 19 de outubro.

253. Jd 1, 23.

254. Pr 8, 12.

255. Pr 28, 26.

256. Pr 13, 16.





o Espírito Santo nos dá: “Não faças nada sem te aconselhares: assim não te arrependerás dos teus atos²⁵⁷. Pede conselho a toda a pessoa sensata”²⁵⁸.

Com a obediência elimina-se o amor próprio, que tudo estraga; com a obediência até a menor coisa se torna meritória; evitam-se as ilusões diabólicas, vencem-se todos os inimigos e chega-se, com segurança, como que dormindo, ao porto da salvação²⁵⁹.

Tudo quanto acabo de dizer pode resumir-se neste precioso conselho:

“Deixa tudo”, já que, encontrando Jesus Cristo, a Sabedoria encarnada, “encontrarás tudo!”²⁶⁰

CAPÍTULO XVII

MEIOS PARA SE ALCANÇAR A DIVINA SABEDORIA

QUARTO MEIO: UMA VERDADEIRA E TERNA DEVOÇÃO À SANTÍSSIMA VIRGEM

203. Eis agora, o maior dos meios e o mais maravilhoso de todos os segredos para se alcançar e conservar a divina Sabedoria: uma verdadeira e terna devoção à Santíssima Virgem.²⁶¹

257. Eclo 32, 19.

258. Tb 4, 18.

259. “A obediência é... navegar sem correr perigo; é uma peregrinação que se efetua, dormindo” (São João Clímaco). “A obediência conduz ao porto — no meio da tempestade. — Dorme-se tranquilos, navegando —, em cima desta barca” (Montfort, no Cântico: *o mérito da obediência*).

260. *Imitação de Cristo*, liv. III, c. 12, n. 1.

261. Na espiritualidade de São Luís Maria este é um dos capítulos mais importantes; *o Segredo de Maria* e o *Tratado da Verdadeira Devoção* são o seu desenvolvimento paralelo: a devoção a Maria é o meio mais excelente e eficaz para se alcançar a união a Cristo Sabedoria.





I. NECESSIDADE DA VERDADEIRA DEVOÇÃO A MARIA

Jamais alguém, a não ser Maria, encontrou graça diante de Deus, para si mesma e para todo o gênero humano; ninguém teve o poder de encarnar e dar à luz a Sabedoria eterna, a não ser Maria; e ninguém ainda hoje, a não ser ela, tem o poder, por virtude do Espírito Santo, de encarnar, por assim dizer, a Sabedoria, nos predestinados.

Os patriarcas, os profetas e os santos personagens do Antigo Testamento tinham gritado, tinham suspirado e pedido a encarnação da Sabedoria eterna; mas nenhum deles tinha podido merecê-la.²⁶² Só Maria, pela sublimidade de suas virtudes, foi achada digna de alcançar o trono da Divindade e merecer esse bem infinito.²⁶³

Ela veio a tornar-se mãe, senhora e trono da divina Sabedoria.

204. É Maria a digníssima Mãe da Sabedoria, porque a encarnou e a colocou no mundo como fruto de suas entranhas: “E bendito é o fruto do teu ventre, Jesus.”²⁶⁴

Assim, onde quer que esteja Jesus — no céu ou na terra, nos tabernáculos ou nos corações — poderá sempre afirmar-se com verdade que ele é fruto e obra de Maria, que só Maria é a árvore da vida e que Jesus é o seu único fruto.

Por isso, quem quiser trazer esse fruto maravilhoso no seu coração deverá trazer igualmente a árvore que o produziu. Quem quiser possuir Jesus deverá possuir Maria.²⁶⁵

262. Cf. o anterior número 104.

263. Cf. São Gregório Magno, in *librum primum Regum expositio*, I, c. 1, n. 5, PL 79, 25.

264. Lc 1, 24; Cf. VD 33, 44, 77, 164, 218, 249, 261.

265. “Se quisermos ser cristãos, deveremos ser marianos” (Paulo VI, 24-4-1970).





205. Maria é senhora da Sabedoria, não porque esteja acima da divina Sabedoria, verdadeiro Deus, ou que lhe seja igual — seria uma blasfêmia pensar ou afirmar isso —, mas porque Deus Filho, a Sabedoria eterna, submeteu-se perfeitamente a Maria, como sua Mãe; deu-lhe sobre si mesmo um incompreensível poder materno e natural, não apenas durante a vida terrena, mas também no céu, já que a glória não só não destrói a natureza, mas até a aperfeiçoa. Isso faz com que, no céu, Jesus seja mais do que nunca filho de Maria, e Maria, mais do que nunca mãe de Jesus.²⁶⁶

É nessa qualidade que Maria tem poder sobre Jesus e ele, de certa maneira, é-lhe submisso, porque assim lhe agrada. Isto significa que Maria, em virtude de suas poderosas preces e graças à sua maternidade divina, obtém de Jesus tudo o que deseja, comunica-o a quem quer e gera-o, cada dia, nas almas que ela quer.²⁶⁷

206. Oh! Como é feliz a alma que caiu nas boas graças de Maria! Ela pode estar certa de alcançar de imediato a Sabedoria já que, amando Maria aqueles que a amam²⁶⁸, comunica-lhes com generosidade seus dons, sobretudo aquele bem infinito que em si encerra todos os outros: Jesus, o fruto de seu seio.

207. Se é verdade, portanto, afirmar que Maria é, de certa maneira, a senhora da Sabedoria encarnada, que dizer do poder que Maria tem sobre todas as graças e dons de Deus, e da liberdade que ela goza de os distribuir por quem lhe apraz? Dizem os santos Padres que Maria é o oceano imenso de todas as graças de Deus, o grande armazém de todos os seus bens, o tesouro inesgotável do Senhor e a tesoureira e despenseira de todos os seus dons.²⁶⁹

266. VD 27, 29, 164-165.

267. VD 17, 27-28.

268. Pr 8, 17; “Eu amo aqueles que me amam”.

269. VD 23-26; SM 9-10, 23.





Depois de ter entregue a Maria o seu próprio Filho, é vontade de Deus que tudo recebamos pelas mãos dela, e nenhum dom celestial deverá descer à terra que não passe pelas mãos de Maria, como que por um canal.

Tudo o que temos recebemo-lo de sua plenitude. Se em nós há alguma graça, alguma esperança de salvação, é um dom que nos vem de Deus através dela. Maria é de tal maneira senhora dos dons de Deus que dá a quem quer, quanto quer, quando e como quer, todas as graças de Deus, todas as virtudes de Jesus Cristo, todos os dons do Espírito Santo, todos os bens da natureza, da graça e da glória. São estes pensamentos e afirmações que nos vêm dos santos Padres, cujos textos, em latim, omito, para abreviar.²⁷⁰

Porém, sejam quais forem os dons que essa soberana e amável Princesa nos conceda, ela não se dará por inteiramente satisfeita enquanto não nos der a Sabedoria encarnada, Jesus, o seu próprio Filho; e, todos os dias, ela ocupa-se a procurar almas dignas da Sabedoria²⁷¹, a fim de comunicá-la às mesmas.

208. Além disso, Maria é o trono real da Sabedoria eterna. É nela que a Sabedoria manifesta as suas grandezas, ostenta os seus tesouros e encontra suas delícias. E não há lugar no céu e na terra, onde a Sabedoria eterna revele tanta magnificência e se compraza tanto, como na incomparável Maria. Por isso, os santos Padres²⁷² a definem como santuário da Divindade, repouso e encanto da Santíssima Trindade, trono de Deus, cidade de Deus, altar de Deus, templo de Deus, mundo de Deus e paraíso de Deus.

270. Cf. VD 26.

271. Sb 6, 16: “Ela mesma vai à procura de quantos são dignos dela”.

272. Cf. VD 262.





São esses atributos e louvores muito verdadeiros, em virtude das diferentes maravilhas que o Altíssimo realizou em Maria.

209. É, pois, por meio de Maria que podemos obter a Sabedoria.

Mas se, efetivamente, viermos a receber um dom tão grandioso como a Sabedoria, onde é que o vamos acolher? Que casa, que lugar, que trono iremos dar a essa princesa tão pura e tão resplendente que, em sua presença, até os raios do sol não parecem senão lama e trevas?

Talvez me responderão que a Sabedoria pede somente o nosso coração e que é esse que devemos dar-lhe, e é nele que a devemos colocar.

210. Mas será que esquecemos, talvez, que o nosso coração está manchado, impuro, é carnal, cheio de mil e uma paixões e, por isso mesmo, indigno de receber um hóspede tão nobre e tão santo?²⁷³

Ainda que tivéssemos cem mil corações como o nosso para os oferecermos à Sabedoria, para que lhe servisse de trono, ela teria sempre todo o direito de recusar a nossa oferta, de permanecer surda aos nossos pedidos, de acusar-nos até mesmo de temeridade e insulto por pretender hospedá-la em lugar tão infestado e indigno de sua majestade.²⁷⁴

273. VD 79, 81, 245, 213; SM 72-74.

274. O autor pretende simplesmente recordar a profunda miséria que as pessoas experimentam no seu dia a dia (GS 13), e sobre a qual resplende a graça vitoriosa de Cristo e a presença viva e operante de Maria que torna mais íntimo e mais fácil o encontro com Cristo.





211. Que fazer, então, para tornarmos o nosso coração digno dela?

Eis aqui o grande conselho, o segredo admirável: façamos entrar Maria em nossa casa,²⁷⁵ consagrando-nos a ela sem qualquer reserva, na qualidade de seus servos e escravos!

Em suas mãos e em sua honra desapeguemo-nos de tudo o que nos é mais querido, nada reservando para nós; e essa bondosa Senhora, que nunca se deixou vencer em generosidade, se entregará a nós duma maneira incompreensível, mas autêntica. A Sabedoria eterna virá morar nela como em seu trono real mais glorioso.

212. É Maria o íman sagrado que, onde quer que se encontre, atrai com tanta força a Sabedoria eterna que esta não pode resistir. Foi esse íman que a atraiu à terra em benefício de todos os homens e continua ainda a atraí-la, cada dia, em cada alma onde encontre Maria. Se conseguirmos introduzir Maria dentro de nós, facilmente e em pouco tempo, por seu intermédio, alcançaremos a divina Sabedoria.

Entre todos os meios para alcançarmos Jesus Cristo, Maria é o mais seguro, o mais fácil, o mais curto e o mais santo. Ainda que fizéssemos as penitências mais extraordinárias, ou empreendêssemos viagens muito penosas ou trabalhos muito fatigantes, ainda que chegássemos a derramar até mesmo o próprio sangue para alcançar a Sabedoria, se, em todos esses esforços, não entrasse a devoção e a intercessão da Santíssima Virgem, acabariam por ser inúteis e incapazes de alcançá-la para nós.

Porém, se Maria disser uma simples palavra em nosso favor, se em nós reinar o seu amor, se estivermos marcados com o sinal de seus fiéis servos, que andam pelos seus caminhos, pois teremos logo e sem fadiga a divina Sabedoria.

275. Cf. Jo 19, 27: “E desde aquela hora, o discípulo recebeu-a em sua casa”.





213. Maria não é apenas a mãe de Jesus, cabeça de todos os eleitos, mas é também a mãe de todos os seus membros: é ela, na verdade, que os engendra, carrega-os em seu seio e fá-los nascer para o mundo da glória, mediante as graças de Deus que ela lhes comunica.

É este o ensinamento dos santos Padres, entre eles Santo Agostinho²⁷⁶, que diz que os eleitos estão no seio de Maria e que ela os dá à luz quando entram na glória. Além disso, foi a Maria que Deus ordenou que habitasse em Jacó, que tomasse Israel por sua herança e que lançasse raízes em seus eleitos e predestinados²⁷⁷.

214. Destas verdades deverá concluir-se:

1) em vão nos gloriamos de sermos filhos de Deus e discípulos da Sabedoria, se não formos filhos de Maria;

2) para fazer parte do número dos eleitos, é necessário que Maria habite e lance raízes em nós, por uma terna e sincera devoção nossa a ela;

3) compete a Maria gerar-nos em Jesus e Jesus em nós, até à perfeição e plenitude total²⁷⁸, de maneira que, com mais verdade que São Paulo, ela possa dizer de si mesma: “Filhinhos meus, por quem de novo sinto as dores de parto, até que Cristo seja formado em vós”²⁷⁹.

276. Cf. VD 30-33.

277. Cf. VD 29-36; SM 15.

278. Cf. Ef 4, 13: “até que cheguemos todos à unidade da fé e do conhecimento do filho de Deus, ao estado de homem perfeito, à medida da estatura completa de Cristo”.

279. Gl 4, 19; Cf. VD 33. 218; SM 16-17, 56.





II. EM QUE CONSISTE A VERDADEIRA DEVOÇÃO A MARIA

215. Se alguém, porventura, desejando tornar-se devoto de Maria, viesse a perguntar-me em que consiste a verdadeira devoção a Maria, pois eu responderia, em poucas palavras: consiste numa grande estima pelas suas grandezas, numa grande gratidão pelos seus benefícios, num grande zelo pela sua glória, numa invocação contínua da sua ajuda, numa dependência total da sua autoridade e numa firme e terna confiança em sua bondade materna.²⁸⁰

216. É preciso ter cuidado com as falsas devoções à Santíssima Virgem. O demônio serve-se delas para enganar e levar à condenação muitas almas. Não me deterei a descrevê-las. Vou limitar-me a afirmar que a verdadeira devoção à Santíssima Virgem será sempre:

- interior, sem hipocrisia e sem superstição;
- terna, sem indiferença e sem escrúpulos;
- perseverante, sem mudanças nem infidelidades;
- santa, sem presunção nem exageros.

217. Se deverá também ter cuidado para não pertencer ao número dos devotos:

- hipócritas: a devoção destes está apenas nos lábios e no exterior;
- críticos e escrupulosos: estes têm medo de honrar Maria em demasia, e de desonrar o Filho só porque honram a Mãe;
- indiferentes e interesseiros: estes não têm um amor terno ou uma confiança filial na Santíssima Virgem e só recorrem a ela para pedir e conservar bens temporais;

280. Cf. VD 115-118; SM 25.





— inconstantes e superficiais: são devotos da Santíssima Virgem apenas por capricho próprio e a intervalos, afastando-se do seu serviço logo na primeira tentação;

— presunçosos: estes, sob a capa de algumas devoções exteriores, escondem um coração corrompido pelo pecado; julgam que, devido a essas suas devoções, não morrerão sem se confessarem e que se salvarão por mais pecados que cometam.

218. Não se deverá negligenciar fazer parte de alguma confraria da Santíssima Virgem, especialmente na do santo Rosário, cumprindo as obrigações das mesmas, que são muito santificantes.

219. Porém, a mais perfeita e a mais útil de todas as devoções à Santíssima Virgem consiste em consagrar-se inteiramente a ela e inteiramente a Jesus Cristo por meio dela, na qualidade de escravo, consagrando-lhe integral e perpetuamente o próprio corpo, a própria alma, os próprios bens interiores e exteriores, as satisfações e méritos das próprias boas obras e do direito de dispor delas; faz entrega, enfim, de todos os bens recebidos no passado, dos que se possuem no presente e dos que se vierem a possuir no futuro.

Uma vez que há por aí muitos livros que falam desta devoção, vou limitar-me a referir que jamais encontrei uma prática de devoção à Santíssima Virgem que fosse tão sólida como esta, porque fundada no próprio exemplo de Jesus Cristo; é mais gloriosa para Deus, é mais salutar para a alma, mais terrível para os inimigos da nossa salvação, e é ainda mais doce e mais fácil.

220. Esta devoção, se for devidamente praticada, não apenas atrai Jesus Cristo, Sabedoria encarnada, a uma alma, mas também a guarda e a conserva nela até à morte.





Assim sendo, pergunto eu, de que nos servirá andar à procura de mil e um segredos e fazer mil e um esforços para alcançar o tesouro da Sabedoria se, depois de tê-la recebido, viermos a ter a desgraça de perdê-la pelas nossas infidelidades, como aconteceu a Salomão? Foi ele mais sábio do que jamais nós o seremos, portanto, mais forte e mais esclarecido; e, mesmo assim, ele foi enganado, foi vencido, e veio a cair no pecado e na insensatez, deixando todos os que vieram depois dele duplamente surpreendidos, seja por causa das suas iluminações como das suas trevas, seja por causa da sua sabedoria como da loucura de seus pecados.

Se o seu exemplo e os seus livros encorajaram todos os seus descendentes a desejar e a procurar a Sabedoria, poderá afirmar-se que a sua queda ou, pelo menos, as interrogações mais que fundadas que a provocaram, impediu uma infinidade de almas a empenharem-se na busca de algo, muito belo em verdade, mas também muito fácil a perder.

221. Para sermos, de certa forma, mais sábios do que Salomão, coloquemos, pois, nas mãos de Maria, tudo o que possuímos e o próprio tesouro dos tesouros, Jesus Cristo, a fim de que seja ela a guardá-lo para nós. Somos vasos muito frágeis; não ponhamos nestes esse precioso tesouro e esse maná celestial. Temos muitos inimigos a rodear-nos, astutos e com vasta experiência; não confiemos na nossa prudência e nas nossas forças. Temos experiências funestas devido à nossa inconstância e à nossa natural superficialidade: desconfiemos da nossa sabedoria e do nosso fervor.

222. Maria é sábia: coloquemos tudo o que possuímos em suas mãos. Ela saberá dispor de nós e de tudo o que nos pertence para a maior glória de Deus.





Maria é caridosa: ama-nos na qualidade de filhos e servos. Ofereçamos-lhe, pois, tudo. Não perderemos nada, e ela fará com que tudo resulte em nosso proveito.

Maria é generosa: ela restitui mais do que aquilo que se lhe entrega. Dêmos-lhe tudo quanto possuímos, sem reserva alguma, e receberemos cem por um: por cem ovos, um boi — como diz o ditado.

Maria é poderosa: ninguém poderá arrebatá-lhe o que lhe foi confiado. Coloquemo-nos, em suas mãos; ela nos defenderá e nos fará vencer todos os nossos inimigos.

Maria é fiel: ela não deixará perder nem desviar nada do que lhe damos. Ela é, por excelência, a Virgem fiel a Deus e aos homens. Guardou com fidelidade tudo quanto Deus lhe confiou, sem perder a menor coisa, e ainda hoje, todos os dias, ela guarda com particular carinho todos os que se colocaram inteiramente debaixo da sua proteção e tutela.

Confiemos, pois, todas as coisas à sua fidelidade; agarremo-nos a ela como a uma coluna que não pode ser derrubada, como a uma âncora que não se pode desamarrar ou como à montanha de Sião, que não pode ser abalada.²⁸¹

Assim, por mais cegos, fracos e inconstantes que, por natureza, sejamos, e por mais numerosos e perigosos que sejam os nossos inimigos, jamais nos enganaremos, nem nos extraviaremos, e não teremos a desventura de perder a graça de Deus e o tesouro infinito da Sabedoria eterna.

281. Sl 125 (124), 1: “Os que confiam no Senhor são como o monte Sião que não vacila, permanece firme para sempre”. Sl 46 (45), 5-6: “Um rio e os seus canais alegram a cidade de Deus, a mais santa entre as moradas do Altíssimo. Deus está no meio dela, não pode vacilar”.





CONSAGRAÇÃO DE SI MESMO A JESUS CRISTO, SABEDORIA ENCARNADA, PELAS MÃOS DE MARIA

223. Ó Sabedoria

eterna e encarnada!

Ó meu muito amado e adorável Jesus,
Verdadeiro Deus e verdadeiro homem,
Filho único do Pai eterno
e de Maria sempre virgem!

Eu vos adoro profundamente
no seio e nos esplendores
do vosso Pai,
desde toda a eternidade
e no seio virginal de Maria,
vossa digníssima Mãe,
no tempo
da vossa encarnação.

Eu vos dou graças
por vos terdes aniquilado
a vós mesmo,
tomando a forma dum escravo²⁸²,
para me tirardes da cruel
escravidão do demônio.

Eu vos louvo e glorifico
por vos terdes querido submeter
a Maria,
vossa santa Mãe,
em todas as coisas,
a fim de me tornar por ela
vosso fiel escravo.

* * *

282. Fl 2, 7.





Mas, ah!,
ingrato e infiel que eu sou,
não observei
os votos e promessas
que tão solenemente vos fiz
no meu batismo;
não cumpri as minhas obrigações;
não mereço ser chamado
vosso filho nem vosso escravo
e, como nada há em mim
que não mereça a
vossa repulsa e a vossa cólera,
não ousa mais
por mim mesmo aproximar-me
da vossa santa e augusta Majestade.
É, pois, por isso, que eu recorro
à intercessão
e à misericórdia
da vossa santa Mãe,
que me destes
por medianeira junto de vós,
e é por intercessão dela
que eu espero
obter de vós
a contrição e o perdão
dos meus pecados,
a aquisição
e conservação
da Sabedoria.

* * *





224. Eu vos saúdo, pois,
ó Maria imaculada,
tabernáculo vivo da Divindade,
onde a Sabedoria eterna escondida
quer ser adorada
pelos anjos e pelos homens.

Eu vos saúdo,
ó Rainha do céu e da terra,
a cujo império está submisso,
tudo quanto há abaixo de Deus.

Eu vos saúdo,
ó Refúgio seguro dos pecadores,
cuja misericórdia
a ninguém faltou;
atendei os desejos
que tenho da divina Sabedoria,
e recebei, por isso,
os votos e oferendas
que a minha pequenez
vos apresenta.

* * *

225. Eu..., pecador infiel,
renovo e ratifico
hoje, nas vossas mãos,
os votos de meu batismo:
renuncio para sempre a Satanás,
às suas pompas e às suas obras,





e dou-me inteiramente
a Jesus Cristo, a Sabedoria encarnada,
para carregar a minha cruz atrás dele,
todos os dias da minha vida,
e a fim de lhe ser mais fiel
do que fui até aqui.

Eu vos escolho, hoje, ó Maria,
na presença de toda a corte celeste,
por minha mãe e senhora.
Eu vos entrego e consagro,
na qualidade de escravo,
o meu corpo e a minha alma,
os meus bens interiores e exteriores,
e o próprio valor das minhas boas obras
passadas, presentes e futuras,
deixando-vos inteiro e pleno direito
de dispor de mim
e de tudo o que me pertence,
sem excepção alguma,
segundo o vosso agrado,
para a maior glória de Deus,
no tempo e na eternidade.

* * *

226. Recebei, ó Virgem benigna,
esta pequena oferenda da minha escravidão,
em união e em honra da submissão
que a Sabedoria eterna quis ter
da vossa maternidade;





em homenagem ao poder que
ambos tendes sobre esta pobre criatura
e miserável pecador,
e em ação de graças pelos privilégios
com que a Santíssima Trindade vos favoreceu.
Declaro doravante,
na qualidade de vosso verdadeiro escravo,
procurar a vossa honra
e obedecer-vos em tudo.

Ó Mãe admirável,
apresentai-me ao vosso querido Filho,
na qualidade de escravo eterno,
a fim de que, tendo-me resgatado por vós,
por vós me receba.

227. Ó Mãe de misericórdia,
alcançai-me a graça de obter
a verdadeira sabedoria de Deus, e de me colocar
por isso, entre aqueles que amais,
ensinais, guiais,
sustentais e protegeis
como vossos filhos e vossos escravos.

Ó Virgem fiel,
tornai-me em todas as coisas
um tão perfeito discípulo,
imitador e escravo
da Sabedoria encarnada,
Jesus Cristo, vosso Filho,
que eu chegue,





pela vossa intercessão
e a vosso exemplo,
à plenitude da sua idade²⁸³ na terra
e da sua glória nos céus.

Assim seja!

* * *

Quem puder compreender, compreenda!²⁸⁴
Quem é sábio para compreender estas coisas?²⁸⁵

283. Ef 4, 13
284. Mt 19, 12.
285. Os 14, 10.